

**Regina dos Santos Lopes Vaz**

**Padrões de disciplinaridade no campo de pesquisa  
sobre a AIDS: uma prospecção a partir de  
publicações periódicas e pesquisadores**

**Escola de Ciência da Informação**

**UFMG**

Regina dos Santos Lopes Vaz

# Padrões de disciplinaridade no campo de pesquisa sobre a AIDS: uma prospecção a partir de publicações periódicas e pesquisadores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Ciência da Informação da  
Universidade Federal de Minas Gerais como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Organização e Uso da  
Informação

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lídia Alvarenga

Belo Horizonte

Escola de Ciência da Informação da UFMG

2008

V393 Vaz, Regina dos Santos Lopes

Padrões de disciplinaridade no campo de pesquisa sobre a AIDS: uma prospecção a partir de publicações periódicas e pesquisadores / Regina dos Santos Lopes Vaz. – 2008.

100 f., enc.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lídia Alvarenga.

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.



**Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Título: *PADRÕES DE DISCIPLINARIDADE NO CAMPO DE PESQUISA SOBRE A AIDS:  
UMA PROSPECÇÃO A PARTIR DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS E PESQUISADORES*

Aluna: **Regina dos Santos Lopes Vaz**

Data: **09 de maio de 2008**

Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, aprovada pela banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lídia Alvarenga – ECI/UFMG - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alcenir Soares dos Reis - ECI/UFMG

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ísis Paim

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlene de Oliveira - ECI/UFMG

Belo Horizonte, 09 de maio de 2008.

*A Deus, razão do meu viver*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria dos Santos, companheira e amiga

Ao meu pai e meus irmãos

Ao meu marido Ricardo Vaz

A Profa. Dra. Lídia Alvarenga, minha orientadora e amiga, pelo  
direcionamento dado e pela confiança dispensada

Às Professoras Dra. Marlene de Oliveira, Dra. Alcenir Soares, Dra. Beatriz  
Cendón e Dra. Ísis Paim pela rica participação na Banca examinadora

Aos Professores Dr. Renato e Dr. Maurício, pelas dicas e incentivo

Às Secretárias do PPGCI pela paciência e prontidão

Aos meus colegas e professores que compartilharam comigo esses momentos

A todos os que estiveram presentes ao longo desta caminhada...

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
AIDS	Adquired Imuno Deficiency Syndrome
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CeDoc	Centro de Documentação
CID	Código Internacional de Doenças
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DeCS	Descritores das Ciências da Saúde
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
FEPECS	Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FMTAM	Fundação de Medicina Tropical do Amazonas
FURG	Fundação Universidade Federal do Rio Grande
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IMLA	Index Medicus Latino-Americano
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
MeSH	Medical Subject Headings
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PN-DST/AIDS	Plano Nacional de DST/AIDS
RNA	Ácido ribonucléico (em inglês: ribonucleic acid)
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Humana
SUS	Sistema Único de Saúde
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UPE	Universidade Federal de Pernambuco
UPF	Universidade de Passo Fundo
USP	Universidade de São Paulo
VHI	Vírus da Imunodeficiência Humana



## LISTA DE TABELAS

1 – Grupos de Pesquisa selecionados .....	47
2 – Localização geográfica dos grupos .....	49
3 – Distribuição dos grupos por quantidade de artigos .....	52
4 – Distribuição dos periódicos por quantidade de artigos selecionados .....	53
5 – Área de origem e vinculação dos grupos .....	58
6 – Periódicos e o número de áreas do conhecimento informadas .....	59
7 – Frequência de áreas do conhecimento dos periódicos .....	63
8 – Pesquisadores selecionados e área geral de formação .....	65
9 – Área de formação dos Pesquisadores: Graduação .....	67
10 – Área de formação dos Pesquisadores: Mestrado .....	69
11 – Área de formação dos Pesquisadores: Doutorado .....	72
12 – Interseção das ocorrências das áreas do conhecimento .....	74
13 – Percentuais de ocorrências das áreas do conhecimento .....	76
14 – Ranking de ocorrências das áreas do conhecimento .....	78

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O ciclo de transferência de informação .....	23
Gráfico 1 – Distribuição dos grupos por período de formação .....	48
Gráfico 2 – Distribuição dos grupos por Região do Brasil .....	50
Gráfico 3 – Periódicos por quantidade de artigos selecionados .....	54
Gráfico 4 – Distribuição dos grupos selecionados por área do conhecimento .....	59
Gráfico 5 – Área de formação geral dos pesquisadores .....	64
Gráfico 6 – Área de Graduação dos Pesquisadores .....	66
Gráfico 7 – Área de Mestrado dos Pesquisadores .....	68
Gráfico 8 - Área de Doutorado dos Pesquisadores .....	70
Quadro 1 - Descritor AIDS .....	42
Quadro 2 - Estrutura Hierárquica .....	43
Quadro 3 – Sumário do CID .....	44
Quadro 4 – Periódicos que possuem mais de 10 artigos selecionados .....	54
Quadro 5 – Informações sobre os Grupos de pesquisa selecionados .....	85
Quadro 6 – Periódicos sem informações sobre área de conhecimento .....	90
Quadro 7 - Periódicos considerados multi ou interdisciplinares pelas fontes oficiais .....	90

## SUMÁRIO

RESUMO.....	20
ABSTRACT.....	21
1 INTRODUÇÃO.....	22
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS.....	27
2.1 Campo científico.....	27
2.2 Comunicação científica.....	32
2.3 Fontes de informação.....	36
3 O CAMPO FOCADO.....	44
3.1 Produção do conhecimento na área de AIDS.....	49
3.2 Traçado panorâmico da terminologia da AIDS.....	50
4 METODOLOGIA.....	55
4.1 Seleção e caracterização do universo empírico.....	55
4.2 Análise do universo empírico.....	66
5 RESULTADOS.....	68
5.1 Análise da disciplinaridade.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXO 1.....	95
ANEXO 2.....	97
ANEXO 3.....	100
ANEXO 4.....	101

## RESUMO

Estudos que identificam a produção científica oriunda de campos científicos determinados e o comportamento da comunicação de tais áreas podem contribuir para a análise deste campo, no ponto de vista disciplinar, e evidenciar fenômenos ou ocorrências que caracterizam o seu comportamento. O objetivo desta pesquisa foi analisar a constituição disciplinar do campo da pesquisa sobre AIDS por meio de seus pesquisadores, sua formação acadêmica e produção científica. Como fundamentação teórica foram adotados conceitos de disciplinaridade, campo científico, suas relações e interseções, comunicação científica e fontes de informação. Para a fundamentação contextual destacaram-se algumas informações pertinentes sobre a AIDS e seu campo de pesquisa. O material empírico, obtido a partir de levantamento no Diretório de Grupos de Pesquisas do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – CNPq, foi composto de um grupo de 76 pesquisadores doutores cadastrados em 26 grupos de pesquisa selecionados, que publicaram mais de um artigo científico constantes em 211 periódicos. A metodologia aplicada consistiu na análise do universo dos dados segundo categorias empíricas (área de origem e vinculação dos grupos, área dos periódicos e área de formação acadêmica dos pesquisadores) e categorias gnosiológicas (interseção entre os resultados das categorias empíricas) identificadas no objeto. Como resultado obteve-se um universo de 78 diferentes disciplinas que se configuram pela vinculação ao tema da pesquisa. Pela variedade de áreas e baixa interseção identificada nas diversas instâncias (grupo, periódico e pesquisador) considerou-se o campo da pesquisa em AIDS característico de campos multidisciplinares do conhecimento.

## **ABSTRACT**

Studies that identify the scientific production come from certain scientific fields and the behavior of the communication of this area can contribute to the analysis of given field, from the disciplinary point of view, and show events or phenomena that characterize its behavior. The objective of this search was to analyse the discipline structure of AIDS studies through searchers, their academic shaped and scientific production. As theoretical foundation concepts were adopted from the interdisciplinarity of scientific fields, their relationships and intersections, scientific communication and information sources. For contextual foundation some pertinent information about AIDS and its field of research were utilized. The empirical material, obtained from lifting in the Groups Directory of Research of the National Council of Science and Technology - CNPq, was composed of a group of 76 researchers doctors registered in 26 groups of selected research who had at least an article published over 211 scientific journals listed in. The methodology applied in the analysis of was in accordance with empirical categories (area of origin and linkage of the groups, area of periodicals and area of academic training of researchers) and gnosiological categories (intersection between the results of empirical categories) identified in the object. The obtained result was a universe of 78 different disciplines that are set by linking the subject of the search. For the variety of areas and low intersection identified in the various instances (group, journal and researcher) the field of research in AIDS was considered multidisciplinary fields of knowledge.

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação científica é uma etapa essencial do processo de desenvolvimento de pesquisas, possibilitando e estimulando a discussão entre os pesquisadores, viabilizando a materialização dos resultados e apontando novos caminhos, novas direções para novas investigações. Para que um campo de conhecimento seja realmente explorado, é preciso conhecer também o que antecede à comunicação, isto é, o processo de produção do conhecimento. Localizar produtores da literatura de campos consolidados e bem demarcados e também de campos multidisciplinares constitui uma importante etapa para se conhecerem padrões de comunicação entre pesquisadores e para se identificarem publicações que serão incorporadas a sistemas de informação especializados.

Os resultados de pesquisas e publicações, contidos em fontes documentais atualizadas e reconhecidamente relevantes, fornecem subsídios para estudos de campos disciplinares, a partir de análises de categorias específicas, interpretações e avaliações do comportamento, tanto da literatura como de grupos responsáveis pelo avanço científico desses campos. Esses estudos podem contribuir para a seleção de itens para integrar bibliotecas.

Considerando a situação em que o bibliotecário seja responsável pela formação e pelo desenvolvimento de um acervo especializado, quer seja uma coleção impressa ou virtual, destaca-se a necessidade de se conhecerem as estruturas de produção e comunicação, assim como os produtos e as fontes secundárias relativas ao domínio de especialização dessas unidades de informação.

O bibliotecário que ignora as instâncias de produção e comunicação, bem como as fontes secundárias de informação, não está capacitado para fazer um bom trabalho de seleção e aquisição e, conseqüentemente, para formar e desenvolver adequadamente a coleção de um

campo disciplinar homogêneo. Dificuldade maior terá se esse for um domínio multidisciplinar, composto de campos fronteiros, que concorram para o estudo de um objeto sob vários pontos de vista.

Destaca-se nessa visão ampla do problema a tênue fronteira disciplinar de alguns domínios de conhecimento, tais como a AIDS<sup>1</sup>, doença epidêmica que desperta atenção e estudos em diversas frentes de pesquisa. São campos de conhecimento que requerem grande número de temáticas para dar conta dos problemas por eles focalizados.

Em tais campos a literatura se encontra obviamente dispersa entre vários grupos de pesquisadores pertencentes a várias disciplinas e nem seria fácil planejar a aquisição de todos os tipos de itens que eventualmente tivessem esses campos como temática. Para definir os objetivos deste trabalho foram identificadas algumas questões que estavam presentes na necessidade de realizar a pesquisa: De que campos do conhecimento provêm as pesquisas sobre AIDS? Em decorrência da questão anterior, como se caracteriza a disciplinaridade da área da AIDS, a partir da fonte consultada? E quais seriam os periódicos que mais contribuíram com publicações nesse campo temático, segundo o universo desta pesquisa?

Portanto, este estudo teve por objetivo geral a análise do campo da pesquisa sobre AIDS a partir da identificação de pesquisadores da área constantes no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e suas áreas de formação acadêmica, procurando-se identificar padrões de disciplinaridade nesse campo específico.

Como objetivos específicos pretendeu-se:

- identificar as áreas de formação dos autores nos níveis de graduação, mestrado e doutorado;

---

<sup>1</sup> Neste trabalho utilizou-se a expressão AIDS para Acquired Immune Deficiency Syndrome (termo em inglês) em lugar de SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) por considerar-se aquele o termo mais usual e comumente utilizado.

- identificar as áreas de origem dos grupos de pesquisa e dos periódicos nos quais os resultados estejam publicados;

- identificar os periódicos que mais contribuíram para a divulgação da produção científica da área.

A instrumentalidade deste trabalho repousa na possibilidade de constituir instrumento teórico de suporte à administração de sistemas de informação do campo de conhecimento da AIDS.

A viabilidade do desenvolvimento desta pesquisa nasceu da experiência profissional da mestrande como técnica em um grupo de pesquisa da área de AIDS. No convívio com as atividades relacionadas às questões temáticas da área, afloraram-lhe os problemas que deram origem à presente pesquisa.

Dentre as contribuições deste estudo para a área, ressaltam-se sua colaboração para o desenvolvimento do corpo de conhecimento da Ciência da Informação em sua *Linha de Pesquisa de Organização e Uso da Informação*, sendo um trabalho que apresenta uma experiência nova em relação ao seu objeto de estudo e à abordagem das fontes. Para o campo de conhecimento em AIDS esta pesquisa contribuirá para o avanço da comunicação da área, à medida que foram evidenciadas as superfícies de emergência discursiva da área, ou seja, os periódicos usados para disseminação do conhecimento do campo. De forma mais ampla, esta pesquisa também poderá contribuir para a cidadania, na medida em que seus resultados viabilizarão o acesso a informações, não somente a pesquisadores, mas a todos participantes da rede informacional que inclui pacientes, organizações não governamentais, instituições de saúde e outras entidades ligadas ao conhecimento da AIDS.

O processo de desenvolvimento de coleções, que determina a conveniência de se adquirir, manter ou descartar materiais documentais, compreende a definição de uma política explícita, a elaboração de um plano e de um programa de aquisição (KLAES, 1991). As



bibliotecas explicitam suas políticas de formação e desenvolvimento de coleções, contemplando função e objetivos da biblioteca, comunidade usuária, abrangência, formatos e suportes da informação, responsabilidade pela seleção e modalidade de aquisição. Os planos para a formação de coleções são baseados nas conclusões de estudos inter-relacionados sobre fatores que influenciam no desempenho da atividade:

- a) o contexto acadêmico (programas de ensino, pesquisa e extensão);
- b) a produção bibliográfica (o crescimento da literatura nacional e estrangeira por área e tipo de material, bem como as respectivas condições de aquisição);
- c) os recursos bibliográficos disponíveis (o tamanho total do acervo, quanto ao assunto, ao tipo de material, ao idioma e à idade, além da acessibilidade);
- d) o uso das coleções (número de consultas, empréstimos, etc.);
- e) os recursos financeiros (valores por rubrica, orçamento global e recursos extra-orçamentários); e
- f) o conhecimento de fontes importantes, dentro das temáticas focalizadas pela unidade de informação, tal como já dito.

O bibliotecário não pode trabalhar no vácuo. Ele não pode prescindir da etapa do conhecimento da área a que se refere o acervo que vai desenvolver ou organizar. Nesse sentido, o presente trabalho antecede a seleção e a aquisição de acervo, procurando-se identificar as “superfícies de emergência discursiva” da disciplina focalizada. Michel Foucault<sup>2</sup> (1972) define como superfícies de emergência discursiva aquelas características que representam aspectos físicos e temáticos de algum fenômeno ou objeto.

As fontes de informação secundárias representam o espaço por excelência onde se encontram itens de interesse de um campo científico. Um dos pilares do presente trabalho relacionou-se à atividade citada no item *f*, ou seja, tratou-se de utilizar o Diretório de Grupos

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.

de Pesquisa do CNPq como fonte secundária de informação para a seleção de periódicos destinados a compor o acervo de uma unidade de informação.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS**

Para fundamentar as etapas deste trabalho, principalmente o levantamento de material de análise, utilizaram-se várias contribuições teóricas. Este capítulo é constituído por algumas considerações sobre campos científicos e relações que esses estabelecem, comunicação científica e fontes de informação.

### **2.1 Campo científico**

Para discutir campo científico, as disciplinas e relações existentes entre elas, utilizam-se, neste trabalho, contribuições de Basarab (2005), Domingues (2004), Smith (1992) e Japiassu (1976), além de considerações de Paviani e Botomé (1993).

Algumas características especiais das ciências são mencionadas por Japiassu (1976) e muitos outros cientistas que se dedicam a estudar as peculiaridades do desenvolvimento de campos científicos. Para Japiassu, ciência possui o mesmo sentido que disciplina, isto é, a disciplina científica é caracterizada pelo domínio dos objetos com os quais se ocupa, pela clareza das especificidades, pelos meios para explicar e prever fenômenos e pela coerência na aplicação de métodos e leis gerais.

As disciplinas, ou campos científicos, podem apresentar diversas relações entre si, denominadas pelos termos multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Como esses conceitos são ainda novos nos estudos das ciências, alguns autores divergem em sua nomenclatura ou agrupam suas definições de forma mais genérica.

Neste trabalho optou-se por se utilizarem todos os conceitos presentes nos textos teóricos estudados.

Por *multidisciplinaridade* entende-se uma gama de disciplinas propostas simultaneamente, mas sem fazer aparecer diretamente as relações que podem existir entre elas. É um tipo de sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; não há nenhuma cooperação entre as disciplinas. Como elas foram se consolidando separadamente, fazem o recorte e trabalho dos diferentes aspectos de um mesmo objeto, segundo pontos de vista diferentes, cada qual mantendo suas fronteiras resguardadas. Pode-se pensar, como exemplo, em um hospital onde vários profissionais, de diversas especialidades estão reunidos, mas trabalham isoladamente no seu foco de atuação. Quando um paciente procura atendimento psiquiátrico e, após receber orientação e prescrição psicofarmacológica, é encaminhado, pelo próprio psiquiatra, a um psicólogo para um trabalho de psicoterapia. Os profissionais estão juntos, mas não se articulam necessariamente de maneira coordenada. Nesse caso, a cooperação não é automática, mas cumpre a finalidade de estabelecer contatos entre os profissionais e suas áreas de conhecimento.

Multidisciplinaridade, portanto, significa a justaposição de disciplinas. É essencialmente aditiva, não integrativa. Indivíduos ainda agem como disciplinas com diferentes perspectivas. Seu relacionamento pode ser cumulativo, mas não interativo, pois não há real cooperação.

A *pluridisciplinaridade* diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. Por exemplo, um quadro de Picasso pode ser estudado pela ótica da história da arte, em conjunto com a da física, da química, da história das religiões, da história da Europa e da geometria. Ou ainda, a filosofia marxista pode ser estudada pelas óticas conjugadas da filosofia, da física, da economia, da

administração, da psicanálise ou da literatura. Com isso, a análise do objeto estará enriquecida pelo cruzamento de várias disciplinas.

O conhecimento do objeto em sua própria disciplina é aprofundado por uma fecunda contribuição pluridisciplinar. A pesquisa pluridisciplinar traz um algo a mais à disciplina em questão (a história da arte ou a filosofia, por exemplo), porém este “algo a mais” está a serviço apenas dessa disciplina. Em outras palavras, a abordagem pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar, apresentando-se, como afirma Japiassu (1976), como prática de ensino, na qual há cooperação, mas sem coordenação.

Já a *interdisciplinaridade* refere-se à transferência, às trocas integradas, de uma disciplina para outra. É, como afirma Domingues (2004), a “divisão de um mesmo objeto entre disciplinas diferentes”.

Pode-se distinguir três graus de interdisciplinaridade:

- a) grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer;
- b) grau epistemológico. Por exemplo, a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises na epistemologia do direito;
- c) grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática para o campo da física gerou a física matemática; os da física de partículas para a astrofísica, a cosmologia quântica; os da matemática para os fenômenos meteorológicos ou para os da bolsa, a teoria do caos; os da informática para a arte, a arte-informática.

Klein<sup>3</sup> *apud* Smith (1992) trouxe o primeiro estudo compreensivo do conceito de interdisciplinaridade, sintetizando uma grande extensão de literatura referente à pesquisa,

---

<sup>3</sup> KLEIN, Julie T. *Interdisciplinarity: history, theory and practice*. Detroit, MI: Wayne State University, 1990.

ensino e prática interdisciplinar. A autora identifica duas justificativas para a interdisciplinaridade: uma de base conceitual – o quadro estrutural – e outra de base pragmática, a justificação instrumental. Ela observa que a maioria das pessoas engajadas em trabalhos interdisciplinares precisa de uma identidade comum, mas em cada área existem problemas metodológicos e epistemológicos comuns criados por objetos de outras disciplinas.

Interdisciplinaridade representa a integração de materiais de vários campos do conhecimento, introduzindo uma nova e coerente identidade. Klein, segundo Smith, ainda identifica os motivos de interação que tem constituído interação interdisciplinar na prática atual que são empréstimo, solução de problemas, aumento consistente de assuntos ou métodos e a emergência de uma nova disciplina.

A *transdisciplinaridade*, como o prefixo “trans” indica, diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. Embora a transdisciplinaridade não seja uma nova disciplina, nem uma nova hiperdisciplina, alimenta-se da pesquisa disciplinar que, por sua vez, é iluminada de maneira nova e fecunda pelo conhecimento transdisciplinar. Nesse sentido, as pesquisas disciplinares e transdisciplinares não são antagonistas, mas complementares.

Na transdisciplinaridade, a descrição geral envolve uma coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas em um sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral. Em uma equipe de posto de saúde, por exemplo, encontram-se diversos profissionais reunidos. Pode-se tomar como exemplo a equipe que recebe pacientes com problemas mentais. Esta equipe reúne diversos profissionais como psicólogos, psiquiatras, enfermeiros, assistentes sociais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, neurologistas, clínicos gerais, etc. Quando o paciente chega para uma avaliação todos esses profissionais do atendimento buscarão formular o diagnóstico do caso. Para que esse diagnóstico seja dado em

situação de transdisciplinaridade não basta apenas que cada profissional opine a partir de sua área e, finalmente, o tratamento seja indicado. É preciso que esses profissionais, fundamentalmente, estejam reciprocamente situados em sua área de origem e na área de cada um dos colegas.

As aproximações transdisciplinares são estruturas conceituais que transcendem o limite do espaço do mundo de visões disciplinares. Um exemplo são os sistemas teóricos gerais. Domingues (2004) afirma que

situações do conhecimento que conduzem à transmutação ou ao traspasse das disciplinas, à custa de suas aproximações e freqüentações (...) além de sugerir a idéia de movimento, da fragmentação das disciplinas e da quebra de barreiras, a transdisciplinaridade permite pensar o cruzamento de especialidades, o trabalho nas interfaces, a superação das fronteiras, a migração de um conceito de um campo do saber para outro, além da própria unificação do conhecimento. (DOMINGUES, 2004, p. 18).

Contra-pondo-se aos defensores das relações dos campos interdisciplinares, Paviani e Botomé (1993) alertam para os riscos da utilização dos conceitos *inter*, *pluri*, *multi* e *transdisciplinaridade*. Segundo eles, parece haver um equívoco em tomar como algo novo uma questão antiga: com a ampliação do conhecimento nos séculos passados a ciência foi subdividida diversas vezes por diferentes metodologias em campos específicos – as disciplinas – mas, atualmente, essa especialização tem sido fator limitante para os avanços científicos e retorna-se à ‘universalização do conhecimento’ agora com o nome de interdisciplinaridade. Eles afirmam que

multi, pluri ou interdisciplinaridade, tanto quanto expressões com adjetivos, completando a palavra disciplina, não podem ser tratadas como ficções verbais, folclore retórico ou modismo emergente. (PAVIANI e BOTOMÉ, 1993, p. 23)

e que é necessário equacionar melhor os problemas relativos ao entendimento e à articulação das unidades de conhecimento disponíveis antes de criar novos nomes, novos “compartimentos” antes denominados disciplinas.

## 2.2 Comunicação científica

Quando uma determinada disciplina emerge de diversos campos de conhecimento, caracterizados pela indefinição de suas fronteiras há uma espécie de ‘transbordamento disciplinar’, ocorrendo um ‘merging’ de assuntos e fontes.

Para contextualizar as fontes secundárias no sistema de recuperação de informações buscou-se o pensamento de Lancaster e Warner (*s.d.*). Esses autores apresentam alguns princípios básicos sobre a recuperação de informação, que ocorre em centros informacionais tradicionais e, atualmente, também está disponível na forma eletrônica, em um espaço virtual. Eles criaram o ciclo de transferência de informação no qual, num primeiro momento, publicações primárias que são armazenadas em repositórios e disponibilizadas a uma comunidade de usuários, atendendo suas necessidades informacionais. Esses repositórios podem ser centros de informação, bibliotecas ou algo semelhante, que publicam documentos secundários como guias e catálogos, onde as informações sobre os documentos primários serão disponibilizadas. No momento de sua construção, ou em qualquer uma das etapas de publicação, o conhecimento ali presente pode ser assimilado, originando várias possibilidades dentro do ciclo.

Os autores ressaltam que o processo de assimilação pelo usuário é o que distingue a transferência de informação de simples transferência de documentos; e que este modelo



cíclico (FIG. 1) mostra apenas os canais formais de disseminação de informação. O diagrama abaixo ilustra o pensamento dos autores, destacando as fontes secundárias no ciclo de criação, organização e disseminação da informação científica.

Como função de bibliotecas, ou unidades de informação, os autores relacionam a aquisição, a organização e o controle, a publicação e distribuição secundárias. Nesse caso, pode-se considerar que o diretório exerce a função do distribuidor secundário.

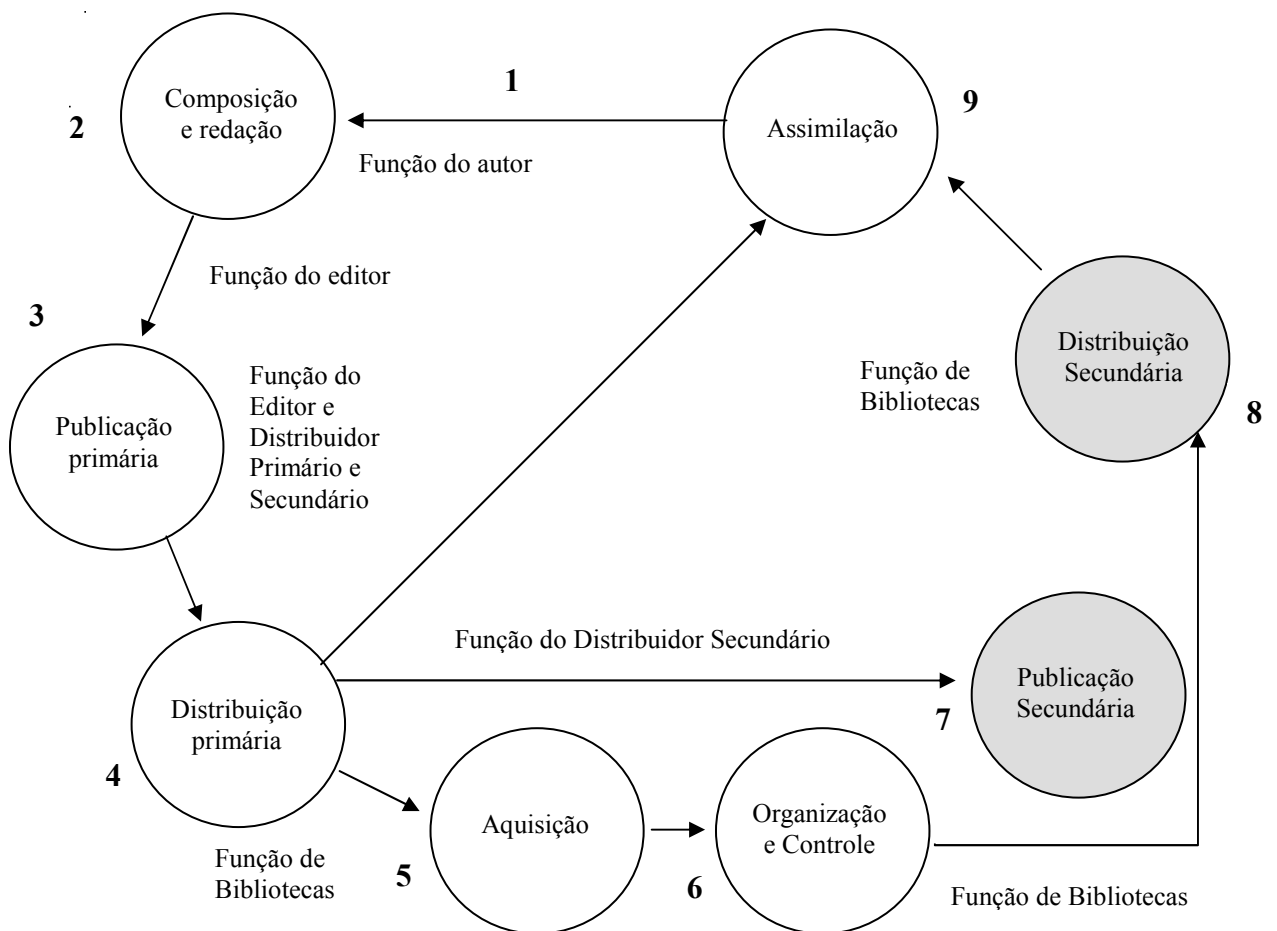


FIGURA 1 – O ciclo de transferência de informação (adaptação de “information transfer cycle”)  
 Fonte: LANCASTER, W.F., WARNER, A.J. *Information retrieval today*. [s.l.]IRP, [s. d.]

Os canais informais de comunicação, como relatórios de pesquisa, troca de mensagens por e-mail, conversas particulares em eventos, listas de discussão, entre outros,

destacados por CAMPELLO<sup>4</sup> são utilizados por vários pesquisadores, principalmente nas áreas de conhecimento ainda emergentes como da AIDS, não tendo sido, entretanto, objeto deste trabalho.

Na presente pesquisa o Diretório de Grupos de Pesquisa foi visto como fonte secundária digital, um *locus*, um site que relaciona referências sobre a AIDS.

Como afirma Coimbra Jr. (2003) ao analisar o fato do crescimento das pesquisas científicas no Brasil, principalmente nas áreas de saúde e biomédicas, é crescente o desafio dos profissionais de ciência da informação na seleção, aquisição e desenvolvimento de acervos que, certamente, deverão conter grande número de documentos e informações para futura recuperação.

Atualmente verifica-se que há dispersão de informações relativas à pesquisa em AIDS no Brasil que se contrapõe ao grande avanço da área e seu evidente crescimento. Quando as informações existem, mas não são recuperadas de forma rápida e prática, ocorre não só perda de tempo, mas, às vezes, até de recursos financeiros e, sobretudo corre-se o risco de repetição de pesquisas já desenvolvidas ou em andamento.

O crescimento da ciência, como afirma Meadows (1974), ocorre de forma rápida, dependendo do poder humano, expresso na elevação do número de pesquisadores e de sua formação, e do poder financeiro, representado pelos investimentos públicos e privados em C&T, além do aumento de publicações e formas de proliferação, ou disseminação de informações.

A produção científica de uma área do conhecimento envolve atividades distintas de comunicação entre os cientistas durante e após a realização das pesquisas, gerando diversos documentos.

---

<sup>4</sup> CAMPELLO, B. S. Pesquisas em andamento. In: CAMPELLO, B. S., CENDON, B. V., KREMER, J. M. (org.) *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 49-71.

Como já citado anteriormente, o sistema de comunicação científica é compreendido pelos canais formais de comunicação, como publicação de artigos e livros, e informais como relatos de pesquisa em andamento, apresentações em congressos e outras atividades semelhantes. Meadows (1974) traça paralelos entre essas duas abordagens, enfocando aspectos mais característicos de um ou outro tipo de comunicação. De acordo com ele, enquanto a comunicação formal é direcionada a um público potencialmente grande, porém proporcionando pouca interação entre esse público e o pesquisador, a comunicação informal apresenta um público mais restrito, porém com maior capacidade de retorno de opiniões, ou *feedback*, ao pesquisador. Na comunicação formal, a informação normalmente é mais antiga, podendo ser armazenada permanentemente e recuperada. A interação na comunicação informal é mais atualizada, mais abundante e, em geral, não pode ser armazenada ou recuperada.

A comunicação através de publicações, ainda segundo Meadows (1974), assume outras funções como a de estabelecer prioridade da descoberta científica, reconhecer e promover o cientista de acordo com a qualidade e importância de suas descobertas, e como prova definitiva de efetiva atividade em pesquisa científica.

A exposição dos resultados de uma pesquisa ao julgamento e à aprovação de seus pares, a comunidade científica da mesma área, possibilita a confiança na pesquisa além de sua continuidade. Assim, os pesquisadores não somente comunicam o resultado de suas pesquisas como se informam sobre o trabalho dos outros. Meadows (1974) destaca a importância deste sistema referencial na implicação de qualidade da pesquisa. Ele reconhece que, devido a necessidade e à facilidade de se publicar muito e rapidamente, alguns trabalhos correm o risco de sofrer perda de qualidade, quando a ênfase se desloca para a quantidade. Afirma ainda que a comunicação científica também é capaz de definir e legitimar novas disciplinas e campos de estudos, institucionalizando o conhecimento e rompendo suas fronteiras.

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, principalmente a rede de computadores e sistemas de correspondência *online*, as formas de comunicação se tornam cada vez mais rápidas, eficientes e abrangentes.

### **2.3 Fontes de informação**

Alguns autores da área consideram que haja dois tipos de fontes: primárias – a literatura propriamente dita – e secundárias – os serviços bibliográficos, embora outros afirmem que sejam três. Para estes, as fontes terciárias são aquelas que têm função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. Neste caso as fontes terciárias seriam as bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios e outras, as fontes primárias seriam principalmente os livros especializados e periódicos e as secundárias os dicionários, livros didáticos e enciclopédias.

Dentre os sistemas de comunicação da ciência, o canal de informação considerado mais importante por alguns pesquisadores, entre eles o próprio Meadows (1974) e Mueller (2003), são os periódicos científicos.

### 2.3.1 *Periódico científico*

Tendo surgido na Europa, no século XVII, destaca-se como a forma de comunicação mais rápida e precisa sobre experiências e observações científicas. Segundo Mueller (2003) as funções do periódico científico vão além da divulgação de resultados científicos. Eles também colaboram na preservação do conhecimento registrado, no estabelecimento da propriedade intelectual e na manutenção do padrão da qualidade na ciência.

Além de artigos científicos, os periódicos têm incorporado resumos de pesquisas, resenhas e textos de revisão de literatura. A proliferação de periódicos, a dispersão de artigos de um mesmo assunto e o elevado custo de atualização das coleções são fatores apontados como causas dos problemas destacados na sua utilização (Mueller, 2003).

A disponibilização dos artigos de periódicos em meio digital, não impressos em papel, tem sido a alternativa mais satisfatória encontrada atualmente. Esses periódicos se caracterizam pelo seu acesso mediante o uso de equipamentos eletrônicos, sendo classificados de acordo com seu formato de divulgação: *on-line*, disponíveis na internet, e em CD-ROM, vendidos de forma semelhante aos impressos.

A criação dos periódicos eletrônicos minimiza os problemas dos custos de manutenção de coleções, mas não evita que os artigos estejam dispersos em inúmeros periódicos de forma a dificultar sua localização. Alguns pesquisadores ainda alertam para o fato de que alguns periódicos eletrônicos disponíveis na rede não possuem um corpo editorial para avaliar os artigos a serem publicados, referendando-os.

Os periódicos mais escolhidos pela comunidade científica para publicação dos resultados de pesquisas não devem ser desconsiderados ao se planejar o acervo para uma

unidade de informação. Eles representam fontes atualizadas de resultados de pesquisas desenvolvidas e, devido à sua abrangência, atende a grande parte dos usuários de informação especializados.

### 2.3.2 *Open archives*

Os *open archives*, ou arquivos abertos, são construídos a partir de software *open source*<sup>5</sup>, utilizando padrões de interoperabilidade; fornecem o acesso livre à informação neles contida. Permitem à comunidade de pesquisadores maior facilidade para publicar seus trabalhos e à população acesso total ao conhecimento produzido nos centros de pesquisas e nas universidades.

Atualmente, o Brasil é o quarto país do mundo a implantar esse tipo de repositórios digitais e caminha rapidamente para ampliar essas fontes de informação, liberando o acesso a revistas eletrônicas, a teses e dissertações, a relatórios técnicos e a anais de congressos científicos. A iniciativa é comandada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia, que vem tratando de propagar, por universidades e centros de pesquisa, as ferramentas eletrônicas que permitirão a adoção, em todo o país, do novo modelo de disseminação da produção científica nacional.

---

<sup>5</sup> *Open source* ou fonte aberta se refere aos repositórios de informações, uma iniciativa da *Open Archives Initiative* – OAI com o objetivo de ampliar o acesso às publicações científicas e acadêmicas.

O coordenador de Projetos Especiais do IBICT, Hélio Kuramoto<sup>6</sup>, está à frente dessa tarefa e, em entrevista à Assessoria de Comunicação Social, apresentou relato do trabalho feito para a adoção dos *open archives* no Brasil e das ferramentas eletrônicas que possibilitarão a multiplicação dos repositórios nacionais de informação científica. Segundo ele,

os *open archives* acabaram estabelecendo alguns ideais e alguns padrões tecnológicos para que repositórios digitais de conteúdos fossem criados e para que houvesse interoperabilidade entre dois ou mais repositórios e expansão da pesquisa e do conhecimento científico. Eles vieram, assim, a solucionar vários problemas na questão da difusão da informação e do conhecimento em ciência e tecnologia (KURAMOTO, 2007).

### 2.3.3 *Diretório de Grupos do CNPq*

Os diretórios, como afirma Campello (2003), são fontes tradicionais para identificação de organizações, fornecendo dados de localização, produtos e serviços e de seus componentes. Muitas organizações possuem seus próprios diretórios atualizados e disponíveis na Internet.

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, projeto desenvolvido no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico desde 1992, constitui-se em bases de dados que contêm informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no País. O Diretório realiza censos bi-anuais e mantém uma base de dados corrente, que pode ser atualizada continuamente. As informações contidas nessas bases dizem respeito aos recursos humanos

---

<sup>6</sup> KURAMOTO, H. *IBICT estimula adoção dos Open Archives no Brasil*. Entrevista concedida a Assessoria de Comunicação Social do IBICT. Disponível em: <http://www.ibict.br/noticia.php?id=148> Acesso em: 11 set 2007.

constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica e tecnológica e aos padrões de interação com o setor produtivo.

Os grupos de pesquisa inventariados estão localizados em universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa científica, institutos tecnológicos e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais ou ex-estatais.

O Diretório é um eficiente instrumento para o intercâmbio e a troca de informações entre pesquisadores, capaz de descrever os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil e de responder, com precisão e rapidez, quem é quem, onde se encontra, o que está fazendo e o que produziu recentemente. No âmbito do planejamento e de gestão das atividades de Ciência e Tecnologia, o Diretório é uma poderosa ferramenta de organização político-administrativa do País.

A coleta das informações constantes do Diretório é feita através do vínculo institucional. Cada grupo deve organizar-se em torno de uma liderança e estar em uma instituição autorizada pelo CNPq. Todo o procedimento de captura de dados dos grupos, que envolve o dirigente institucional de pesquisa (pró-reitores, superintendentes, diretores ou vice-presidentes de pesquisa), o líder de grupo, o pesquisador e o estudante, é feito a partir do site de coleta/atualização do Diretório, onde cada um desses participantes possui uma página individual e personalizada, acessível por meio da senha *Lattes*.

Cabe aos dirigentes institucionais de pesquisa das instituições participantes o cadastramento dos líderes de grupos e a certificação dos mesmos na base de dados. As informações sobre os grupos (recursos humanos, linhas de pesquisa, especialidades do conhecimento, setores de atividade envolvidos, tipo de relacionamento do grupo com empresas, etc.) são fornecidas pelos respectivos líderes ao CNPq, por meio de um questionário eletrônico padronizado. Cada dirigente de pesquisa tem acesso aos dados da



respectiva instituição através da página de Dirigentes, podendo então analisá-los e proceder a certificação dos grupos na base de dados. Somente são considerados grupos válidos os grupos certificados pelo Dirigente de Pesquisa da instituição a que pertencem.

O Diretório possui sites de consultas, tanto para os censos como para a base corrente (atual), destinados à comunidade científica e tecnológica, aos técnicos e gerentes das instituições do Sistema de Ciência, Tecnologia e Informação, docentes, estudantes universitários e à sociedade em geral, para buscas de informações constantes das bases.

A Base Corrente permite a busca de informações sobre os grupos de pesquisa, líderes, pesquisadores e estudantes presentes na base atual do Diretório. Só podem ser recuperados nessa base os grupos certificados pelas instituições participantes. Os Censos são extraídos periodicamente da base corrente e retratam o estado da pesquisa no Brasil.

#### 2.3.4 *Repositórios*

Os repositórios podem ser definidos como o *locus* de armazenamento de documentos. Considerados como depósitos de documentos registrados, podem configurar-se em bibliotecas, bancos de dados ou algo semelhante. Destaca-se nesta pesquisa, dois exemplos:

##### a) Centro de Documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

Este banco de dados também se constitui repositório de documentos oriundos de pesquisas científicas e de comunicação de massa para os fins a que se propõe esta pesquisa.

Além de documentos frutos desses eventos e de campanhas informativas e de conscientização, a Associação possui um rico banco de dados com recortes de jornais, teses, monografias, periódicos, CDs de áudio e vídeos. O CEDOC – Centro de Documentação da ABIA, além de propiciar a preservação da memória técnico-científica da epidemia, assegura o acesso da sociedade às informações sobre o HIV/AIDS, disponibilizando o seu acervo para consultas no local. O acervo do Centro de Documentação encontra-se disponível na base de dados *on-line*, o que acelera a localização dos materiais, que podem ser consultados no local.

#### b) Biblioteca Virtual em Saúde

Como o próprio nome indica, trata-se de uma Biblioteca cujo catálogo do acervo se encontra disponível para consultas *on-line*, sob responsabilidade da BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Esse centro foi criado em 1967 com o nome de Biblioteca Regional de Medicina (por isso BIREME) como resultado de um convênio entre a OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde e o Governo do Brasil, através dos Ministérios da Saúde e da Educação, da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo e a USP – Universidade Federal de São Paulo.

A BIREME é coordenadora do desenvolvimento de um programa de cooperação em informação científica e técnica, envolvendo grande parte das instituições acadêmicas, de pesquisa e de serviços de saúde da América Latina e Caribe. A cooperação se baseia no compartilhamento de recursos e criação de produtos e serviços comuns.

O avanço desse programa de cooperação se deu em 1998 com o lançamento da BVS. Como afirma Packer (2005), seus paradigmas de gestão de informação científica e técnica eram compostos pela biblioteca especializada clássica, pelo centro de informação com serviço de indexação e pelo sistema de informação.

Como uma biblioteca especializada, a BIREME possui três linhas de ação principais: o desenvolvimento de uma coleção centralizada de periódicos científicos em saúde impressos; a criação e operação de uma rede cooperativa de bibliotecas e a implementação de serviço de pesquisa bibliográfica em sua base de dados.

Como centro de informação com serviço de indexação, a BIREME iniciou o controle bibliográfico da literatura científica em saúde publicada nos países da América Latina e Caribe. O seu Index Medicus Latino-Americano (IMLA), lançado em 1979 indexava cerca de 150 periódicos e a base de dados LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde indexa tanto periódicos como monografias, livros, documentos governamentais, teses e anais de congressos.

### 3 O CAMPO FOCADO

Como contextualização do objeto desta pesquisa, este capítulo apresenta algumas informações sobre a epidemia de AIDS e seu campo de pesquisa.

Ao se estudar o campo da AIDS já se torna evidente a dificuldade de se recortar disciplinarmente a área. A discussão que se segue se fundamentou nos documentos do Plano Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS - PN-DST/AIDS do Ministério da Saúde, da apresentação da disciplina AIDS Pediátrica da Fundação Oswaldo Cruz e em algumas observações práticas sobre o campo.

O objeto desta pesquisa foi o campo do conhecimento em AIDS no Brasil. A pesquisa em AIDS no Brasil tem se expandido nos últimos anos. Aquelas relacionadas ao controle da transmissão vertical do vírus HIV e o tratamento antiretroviral aumentaram, assim como estudos sobre políticas públicas de saúde.

A epidemia de HIV/AIDS constitui a primeira pandemia dos tempos modernos, atingindo virtualmente todos os países do mundo. O Programa das Nações Unidas para HIV/AIDS e a Organização Mundial de Saúde - OMS estimaram que 36,1 milhões de adultos e crianças tenham se infectado pelo HIV desde o início da epidemia até dezembro de 2000. No Brasil a tendência de feminização da epidemia tornou-se evidente a partir da segunda metade da década de 80, como demonstrado pela diminuição na razão homem:mulher entre os casos de AIDS notificados ao Ministério da Saúde. Como a exposição perinatal é a principal via de aquisição do HIV em crianças, o curso da epidemia em mulheres em idade reprodutiva influenciou decisivamente o aumento do número de crianças infectadas (FIOCRUZ, 2005).

Para o Plano Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS do Ministério da Saúde, a pesquisa constitui importante recurso de reflexão crítica sobre a

epidemia do HIV/AIDS e mecanismo para o desenho de estratégias de intervenção clínica e social que contribuam para a compreensão para a melhoria dos determinantes da infecção pelo HIV/AIDS.

A definição dessa área no Programa busca ir ao encontro da política nacional de ciência e tecnologia e, mais especificamente, daquela destinada ao setor saúde, o qual tem grande produção (segundo o CNPq há 3.600 grupos envolvidos na temática saúde). O desenvolvimento da pesquisa nesse Plano Nacional está estreitamente vinculado, não apenas à produção de novos conhecimentos, mas, sobretudo, à busca de sua aplicabilidade para a melhoria dos problemas de saúde das pessoas vivendo com HIV/AIDS. Como estratégia de pesquisa, reconhece-se a importância de fomentar o uso combinado de metodologias das ciências humanas e das ciências básicas, e fomentar processos multidisciplinares, capazes de contemplar as interfaces necessárias para a compreensão da crescente complexidade do HIV/AIDS. A seguir serão apresentados os tópicos de pesquisa e organizações. As linhas prioritárias de pesquisa do Plano Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS incluem os seguintes tópicos:

1. Componente de promoção à saúde, de proteção dos direitos fundamentais das pessoas com HIV/AIDS e de prevenção da transmissão das DST/HIV/AIDS e do uso indevido de drogas
  - a) Avaliação de conhecimento e práticas de risco para a infecção pelo HIV em indivíduos no início da puberdade, escolarizados e em situação de rua.
  - b) Avaliação de conhecimento, práticas de risco para a infecção pelo HIV e estimativa da prevalência e incidência do HIV em indivíduos em estabelecimentos prisionais.

- c) Avaliação de conhecimento, práticas de risco para a infecção pelo HIV e estimativa da prevalência e incidência do HIV e outros agentes de transmissão sexual em homossexuais, e nos de maior risco.
- d) Avaliação de conhecimento, práticas de risco para a infecção pelo HIV e estimativa da prevalência e incidência do HIV e outros agentes de transmissão sexual em travestis.
- e) Monitoramento da prevalência do HIV em populações indígenas.
- f) Estimativa da prevalência e incidência do HIV e da sífilis em parturientes.
- g) Monitoramento da prevalência do HIV em indivíduos com queixas de DST.
- h) Estudos sobre conhecimentos e práticas das pessoas vivendo com HIV nas seguintes linhas temáticas: Direitos Humanos, Terceiro setor e Bioética

2. Componente de diagnóstico, tratamento e assistência às pessoas portadoras de DST/HIV/AIDS

- a) Variabilidade genética do HIV (estudos de genotipagem, sorotipagem, vacinas e incidência de infecção pelo HIV).
- b) Concentração de drogas anti-retrovirais no sangue. Desenvolvimento de métodos laboratoriais para diagnóstico do HIV e outras DST. Marcadores imunológicos.
- c) Estudos da co-infecção tuberculose/HIV; hepatite C/HIV. Estudos de adesão a terapias anti-retrovirais
- d) Estudos de infecção de HIV em gestantes.
- e) Estudos sobre correlação HIV e endemias (chagas, malária, dengue paracocidiomicose, leishmaniose).

- f) Qualidade de serviços ambulatoriais.
  - g) Avaliação do tipo custo-benefício das terapias anti-retrovirais.
  - h) Estudo dos custos diretos e indiretos de assistência aos pacientes HIV.
  - i) Estudo de acesso ao preservativo.
  - j) Testagem da eficácia de novos tratamentos.
  - k) Testagem e/ou validação de métodos diagnósticos clínicos e laboratoriais.
  - l) Testagem e/ou validação de procedimentos clínicos, terapêuticos ou operacionais.
  - m) Determinação de incidências e/ou prevalências em populações específicas.
3. Componente de desenvolvimento institucional e gestão do projeto
- a) Gestão do SUS: instrumentos de avaliação na área de prevenção e controle de DST/AIDS.
  - b) Avaliação de processos e resultados dos projetos de treinamento e capacitação em DST/HIV/AIDS

Além dos Grupos de Pesquisa e do PN-DST/AIDS, outras organizações trabalham com o tema e são consideradas relevantes para o desenvolvimento do campo. Pode-se citar:

- a) Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - ABIA

Criada em 1986 por iniciativa do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e um grupo de profissionais de diversos setores da vida política e do movimento social nacional, a ABIA visa mobilizar a sociedade brasileira para enfrentar o HIV/AIDS no Brasil, formando uma rede de solidariedade. Desde meados de 2001, a ABIA promove, em diversas capitais brasileiras, uma série de seminários que procuram aprimorar o debate inter-setorial sobre a

epidemia de HIV/AIDS no Brasil, envolvendo organizações governamentais, organizações não-governamentais, entidades públicas e do setor privado, universidades e instituições de pesquisa.

#### b) Grupo Matricial de Pesquisa e Vacinas

O PN-DST/AIDS criou uma instância interna de pesquisa por meio do Grupo Matricial de Pesquisa e Vacinas que tem como principais atribuições a articulação e acompanhamento das ações de pesquisa da Coordenação Nacional e a interlocução com a comunidade científica, organismos e instituições afins e também com o recentemente criado Comitê *Ad Hoc* de Pesquisa em DST/HIV/AIDS e com o Comitê Nacional de Pesquisa em DST/HIV/AIDS.

Operacionalmente o grupo matricial funciona como colegiado. Os integrantes, de acordo com seu perfil técnico, são responsáveis pela avaliação dos projetos conforme os critérios de seleção. O grupo também define em que casos os projetos devem passar pela avaliação de um consultor *ad hoc*. Se aprovado, o projeto passa a integrar o Banco de Dados de Pesquisa do PN - DST/AIDS e passa a ser acompanhado pelas respectivas áreas técnicas.

#### c) Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

O CNPq constitui o principal órgão financiador da pesquisa no Brasil, tendo uma grande preocupação em manter atualizados os dados de cada pesquisa desenvolvida, visando subsidiar seu sistema de financiamento. O diretório de grupos é considerado nesta pesquisa como uma fonte rica, um universo promissor.



### 3.1 Produção do conhecimento na área de AIDS

O documento é o suporte de registro de informações de diversas formas, na maioria das vezes, escrita. Como há grande variedade, eles podem diferenciar-se de acordo com suas características físicas e intelectuais. Guinchat e Menou (1994) afirmam que as características físicas de um documento são, entre outras, o material de que é feito, a natureza dos símbolos utilizados, o tamanho, o peso, a apresentação, a forma de produção, a forma de consulta e a periodicidade. Como características intelectuais destacam o objetivo do documento, o conteúdo, o assunto, a autoria, a fonte, a forma de difusão, a acessibilidade e a originalidade.

Assim, os documentos podem estar distribuídos em diversas fontes como periódicos impressos e/ou eletrônicos, sites e portais, monografias avulsas ou coletâneas, anais de eventos, atas, comunicados, relatórios, *preprints*, entre outros.

A dispersão do conhecimento publicado pela comunidade científica é caracterizada pela distribuição em diversas fontes – em diversos suportes e tipos de documentos – dificultando sua reunião. A dispersão do conhecimento registrado em documentos abordando o tema da AIDS se apresenta em duas esferas: a de *espaço documental*, isto é, da fonte do documento, e *acadêmica*, que se refere à distribuição do assunto em conteúdos disciplinares distintos.

Quando se considera a dispersão pelo aspecto disciplinar, deve-se considerar que as pessoas publicam ou disponibilizam seus documentos de acordo com as possibilidades que melhor lhes apresentem. Geralmente estão vinculadas a entidades (seus pares), lugares acadêmicos (como programas de pós-graduação) e grupos de pesquisa. Nesses casos, a

escolha do depositário do documento está de acordo com algo indiretamente indicado pela coletividade (BORDIEU, 1983).

Em campos do conhecimento tipicamente multidisciplinares, os documentos que tratam do assunto podem estar distribuídos em diversas fontes temáticas, de acordo com seu foco de produção. Essas peculiaridades de campos do conhecimento são discutidas no capítulo que trata do campo científico, a partir da página 17.

Todas as pessoas, sejam elas pesquisadores ou estudantes, são livres para publicarem seus textos em qualquer suporte e forma. É claro que, como observa Bordieu (1983), no ambiente formal existem algumas condições explícitas e outras implícitas para que um documento seja aceito e publicado.

Os relatos de pesquisa e artigos se encontram em documentos impressos e eletrônicos (*on-line* ou CD), outros documentos de caráter informativo são produzidos na forma de folhetos, cartazes e informativos eletrônicos e / ou impressos.

Atualmente, grande parte dos documentos publicados na área de saúde, incluindo os relacionados à AIDS, tais como, artigos de periódicos, trabalhos apresentados em congressos, relatórios de pesquisas, entre outros, são indexados e disponíveis no portal da BVS – Biblioteca Virtual em Saúde.

### **3.2 Traçado panorâmico da terminologia da AIDS**

Nesta seção serão analisados os termos sobre a AIDS e campos correlatos presentes em algumas fontes, como Descritores da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde, Medical Subjects Headings – MeSH e Código Internacional de Doenças - CID. Essa visão

geral do contexto dos termos pode constituir-se em conhecimento prévio necessário para se analisarem as temáticas tratadas pelos pesquisadores que integram o diretório do CNPq.

Em pesquisa no Medical Subject Headings e na lista de descritores da BIREME (DeSC) encontra-se o descritor para o tema AIDS. Como visto nos QUADRO 1 e 2, a seguir, ele apresenta vários qualificadores permitidos. Como sua definição e ligações conceituais são muito amplas, diversos documentos tratando de suas várias facetas podem estar dispersos, não sendo bem recuperados em uma busca simples.

Nessa ferramenta de descrição, utilizada para representar o conteúdo dos documentos no índice, observa-se que a abreviatura AIDS (idioma inglês) é correspondente em português a SIDA, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Destaca-se também a sua definição:

“um defeito adquirido da imunidade celular associado com a infecção pelo vírus da imunodeficiência adquirida humana (HIV), uma contagem de linfócitos T CD4-positivo abaixo de 200 células/microlitro ou menos do que 14 por cento do total de linfócitos além de um aumento na susceptibilidade a infecções oportunistas e neoplasias malignas. As manifestações clínicas incluem também emaciação e demência. Esses elementos refletem os critérios para AIDS de acordo com o CDC em 1993”.

QUADRO 1  
 Descritor AIDS

1 / 2 DeCS																																								
Descritor <i>Inglês</i> :	<b>Acquired Immunodeficiency Syndrome</b>																																							
Descritor <i>Espanhol</i>	<b>Síndrome de Imunodeficiência Adquirida</b>																																							
Descritor <i>Português</i>	<b>Síndrome de Imunodeficiência Adquirida</b>																																							
Sinônimos <i>Português</i>	SIDA; AIDS; Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida																																							
Categoria	C02.782.815.616.400.040 C02.800.801.400.040 C02.839.040 C20.673.480.040																																							
Definição <i>Português</i>	Um defeito adquirido da imunidade celular associado com a infecção pelo vírus da imunodeficiência adquirida humana (HIV), uma contagem de linfócitos T CD4-positivo abaixo de 200 células/microlitro ou menos do que 14 por cento do total de linfócitos além de um aumento na susceptibilidade a infecções oportunistas e neoplasias malignas. As manifestações clínicas incluem também emaciação e demência. Esses elementos refletem os critérios para AIDS de acordo com o CDC em 1993.																																							
Nota de Indexação <i>Português</i>	Causada por HIV; coord como primário com HIV-1 ou HIV-2 (como primário) se pertinente; /epidemiol: veja SOROPREVALÊNCIA DE HIV; INFECÇÕES OPORTUNISTAS RELACIONADAS COM A AIDS está disponível se particularmente discutido: veja nota lá; para linfoma com AIDS, use LINFOMA RELACIONADO A AIDS																																							
Relacionados <i>Português</i>	Arterite do Sistema Nervoso Central Associada a AIDS Complexo AIDS Demência Sorodiagnóstico da AIDS Soropositividade para HIV Soroprevalência de HIV Linfoma Relacionado a AIDS																																							
Qualificadores Permitidos <i>Português</i>	<table border="0"> <tr> <td>sangue</td> <td>mortalidade</td> <td>líquido céfalo-raquidiano</td> </tr> <tr> <td>induzido</td> <td>patologia</td> <td>classificação</td> </tr> <tr> <td>quimicamente</td> <td>fisiopatologia</td> <td>complicações</td> </tr> <tr> <td>congenito</td> <td>psicologia</td> <td>diagnóstico</td> </tr> <tr> <td>dietoterapia</td> <td>reabilitação</td> <td>economia</td> </tr> <tr> <td>quimioterapia</td> <td>radioterapia</td> <td>embriologia</td> </tr> <tr> <td>etnologia</td> <td>terapia</td> <td>imunologia</td> </tr> <tr> <td>enzimologia</td> <td>urina</td> <td>epidemiologia</td> </tr> <tr> <td>etiologia</td> <td>veterinária</td> <td>genética</td> </tr> <tr> <td>história</td> <td>cintilografia</td> <td>microbiologia</td> </tr> <tr> <td>metabolismo</td> <td>cirurgia</td> <td>enfermagem</td> </tr> <tr> <td>virologia</td> <td>transmissão</td> <td>prevenção &amp; controle</td> </tr> <tr> <td>radiografia</td> <td>ultra-sonografia</td> <td>parasitologia</td> </tr> </table>	sangue	mortalidade	líquido céfalo-raquidiano	induzido	patologia	classificação	quimicamente	fisiopatologia	complicações	congenito	psicologia	diagnóstico	dietoterapia	reabilitação	economia	quimioterapia	radioterapia	embriologia	etnologia	terapia	imunologia	enzimologia	urina	epidemiologia	etiologia	veterinária	genética	história	cintilografia	microbiologia	metabolismo	cirurgia	enfermagem	virologia	transmissão	prevenção & controle	radiografia	ultra-sonografia	parasitologia
sangue	mortalidade	líquido céfalo-raquidiano																																						
induzido	patologia	classificação																																						
quimicamente	fisiopatologia	complicações																																						
congenito	psicologia	diagnóstico																																						
dietoterapia	reabilitação	economia																																						
quimioterapia	radioterapia	embriologia																																						
etnologia	terapia	imunologia																																						
enzimologia	urina	epidemiologia																																						
etiologia	veterinária	genética																																						
história	cintilografia	microbiologia																																						
metabolismo	cirurgia	enfermagem																																						
virologia	transmissão	prevenção & controle																																						
radiografia	ultra-sonografia	parasitologia																																						
Número do Registro	29364																																							
Identificador Único	D000163																																							

FONTE: DeCS – Descritores da Saúde da Biblioteca Virtual de Saúde - BVS

Na estrutura dos conceitos da National Library of Medicine dos Estados Unidos verificamos que o termo AIDS se encontra no grupo das Doenças – subgrupo Doenças Viróticas entre as Infecções Viróticas por RNA (RNA Virus Infections). Dentre estes, nas Infecções por Retrovirus (Retroviridae Infections) e no grupo das Doenças Sexualmente

Transmissíveis, entre as infecções por HIV. A estrutura hierárquica do termo selecionado facilita a contextualização do assunto e a visualização dos assuntos a ele relacionados.

QUADRO 2  
Estrutura Hierárquica

**Termo selecionado: AIDS**

**Estrutura hierárquica**

1. DOENÇAS

Viroses

Infecções por Vírus RNA

Infecções por Retroviridae

Infecções por Lentivirus

Infecções por HIV

**Síndrome de Imunodeficiência Adquirida**

Arterite do Sistema Nervoso Central Associada a AIDS

Nefropatia Associada a AIDS

Complexo AIDS Demência

Complexo Relacionado com a AIDS

Infecções Oportunistas Relacionadas com a AIDS

Síndrome de Lipodistrofia Associada ao HIV

Enteropatia por HIV

Soropositividade para HIV

Síndrome de Emaciação por Infecção pelo HIV

2. DOENÇAS

Viroses

Doenças Sexualmente Transmissíveis

Doenças Virais Sexualmente Transmissíveis

Infecções por HIV

**Síndrome de Imunodeficiência Adquirida**

3. DOENÇAS

Viroses

Doenças por Vírus Lento

**Síndrome de Imunodeficiência Adquirida**

4. DOENÇAS

Doenças do Sistema Imune

Síndromes de Imunodeficiência

Infecções por HIV

**Síndrome de Imunodeficiência Adquirida**

5. SAÚDE PÚBLICA

Saúde Ambiental

Saúde

Doença Ambiental

Doenças Transmissíveis

**Síndrome de Imunodeficiência Adquirida**

Fonte: Terminologia DeCS / MeSH. Disponível em:

[http://www.bireme.br/php/decsws.php?lang=pt&tree\\_id=C02.782.815.616.400.040&autocomplete\\_term=AIDS](http://www.bireme.br/php/decsws.php?lang=pt&tree_id=C02.782.815.616.400.040&autocomplete_term=AIDS).

Acesso em: 03 nov 06.

De acordo com a 10ª edição do CID – Código Internacional de Doenças, a AIDS está classificada no grupo das Doenças Infecciosas e Parasitárias, compreendidas entre os códigos B20 e B24, como demonstrado a seguir, no QUADRO 3:

QUADRO 3  
Sumário do CID

**Código Internacional de Doenças**

Cap. I - Algumas doenças infecciosas e parasitárias (A00-B99)

A0-A09 Doenças Infecciosas

B00-B09 Infecções virais por lesões de pele e mucosas

B15-B19 Hepatites virais

B20-B24 Doenças pelo vírus do HIV

B20 Doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV], resultando em doenças infecciosas e parasitárias

B21 Doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV], resultando em neoplasias malignas

B22 Doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV] resultando em outras doenças especificadas

B23 Doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV] resultando em outras doenças

B24 Doença pelo vírus da imunodeficiência humana [HIV] não especificada

B25-B34 Outras Doenças por vírus

B35-B49 Micoses

B50-B64 Doenças devidas a protozoários

B65-B83 Helmintíases

B85-B89 Pediculose, acariase e outras infestações

B90-B94 Sequelas de doenças infecciosas e parasitárias

B95-B97 Agentes de infecções bacterianas, virais e outros agentes infecciosos

B99 Outras doenças infecciosas

Cap. II - Neoplasias [tumores]

Cap. III - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários

Cap. IV - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas

Cap. V - Transtornos mentais e comportamentais

Cap. VI - Doenças do sistema nervoso

Cap. VII - Doenças do olho e anexos

Cap. VIII - Doenças do ouvido e da apófise mastóide

Cap. IX - Doenças do aparelho circulatório

Cap. X - Doenças do aparelho respiratório

Cap. XI - Doenças do aparelho digestivo

Cap. XII - Doenças da pele e do tecido subcutâneo

Cap. XIII - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo

Capítulo XIV - Doenças do aparelho geniturinário

Cap. XV - Gravidez, parto e puerpério

Cap. XVI - Algumas afecções originadas no período perinatal

Cap. XVII - Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas

Cap. XVIII - Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte

Cap. XIX - Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas

Cap. XX - Causas externas de morbidade e de mortalidade

Cap. XXI - Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde

FONTE: Código Internacional de Doenças – 10ª Revisão. Disponível em:  
<http://www.esquilamedica.hpg.ig.com.br/CID.htm>. Acesso em: 07 nov. 2006

## 4 METODOLOGIA

Neste capítulo desenvolveram-se as bases metodológicas da presente pesquisa, incluindo o processo de seleção do universo empírico da pesquisa que compreende os pesquisadores e sua produção científica constantes do Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq e no *Currículo Lattes*. Para selecionar documentos sobre a temática considerou-se o pressuposto de que os pesquisadores cadastrados nos grupos do Diretório representassem a elite da pesquisa no campo de ciência e tecnologia no Brasil.

### 4.1 Seleção e caracterização do universo empírico

A seleção dos pesquisadores e artigos e dos respectivos periódicos onde foram publicados obedeceu a critérios explicitados durante a execução deste capítulo.

#### Etapa 1:

Preliminarmente foi realizada uma busca na base de dados corrente do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq em 28 de março de 2007, utilizando as palavras-chave *AIDS* e *SIDA*, sem restrições de refinamento da busca, obtendo um resultado de 185 grupos cadastrados. As denominações dos 185 grupos recuperados nessa busca encontram-se no ANEXO 2 para consulta.

Verificou-se, numa observação rápida desses grupos selecionados que, apesar de serem recuperados através das palavras-chave mencionadas, muitos não possuíam títulos, linhas de pesquisa ou produção científica necessariamente no tema focalizado.

Assim, para melhor seleção do material empírico, executou-se nova etapa de seleção dos grupos. Esse conjunto de grupos de pesquisa foi novamente analisado, agora utilizando o critério da presença dos termos *SIDA* ou *AIDS* no nome do grupo.

A escolha dos referidos termos se justificou pela necessidade de maior especificidade na seleção do material, diante da quantidade documental disponível, considerando-se que os termos escolhidos representavam o assunto específico desta pesquisa, e consciente de que parte do material que seria desprezado também possuía importância para a área e poderia ser estudado posteriormente. Restaram apenas 26 grupos atendendo ao critério, sendo 14% do total obtido na primeira etapa.

Os grupos selecionados estão listados na TAB. 1 que apresenta os grupos de pesquisa que foram selecionados segundo o critério anterior, por possuir os termos AIDS ou SIDA no seu nome. A numeração do grupo, na coluna 2, corresponde à sua ordenação na busca textual e foi mantida para facilitar a identificação do mesmo durante as tabulações de dados e análises. A 3ª coluna lista os grupos compilados como registrados no CNPq.



TABELA 1  
Grupos de Pesquisa selecionados

GRUPOS	Nº DO GRUPO	NOME
1	3	AIDS em Odontologia
2	20	Comportamento sexual do brasileiro e percepções do HIV/AIDS 2003-2005
3	34	Duas décadas de HIV/AIDS: um resgate da produção científica da Enfermagem em periódicos Qualis A e B - Dissertações e Teses
4	40	Epidemiologia da AIDS
5	47	Estudo sobre as vulnerabilidades de negros e não negros ao HIV/AIDS
6	51	Estudos Epidemiológicos em HIV/AIDS
7	62	Grupo de Estudos e Pesquisa em DST/AIDS
8	63	Grupo de Estudos e Pesquisa em DST/HIV/AIDS
9	68	Grupo de Pesquisa Clínica e Epidemiológica em HIV/AIDS
10	72	Grupo de pesquisa em HIV-AIDS
11	73	Grupo de Pesquisa em HIV/AIDS do DF
12	74	Grupo de Pesquisa em HIV/AIDS Materno-Infantil
13	84	Grupo de Pesquisas em Imunologia e AIDS
14	85	Grupo INFECTOGIN-DST/AIDS
15	90	HIV/AIDS no contexto odontológico
16	91	HIV/AIDS Rio Grande
17	103	Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular
18	108	Laboratório de Estudos em Política, Planejamento e Assistência em DST/AIDS
19	116	LEISHAIDSAM
20	125	Mortalidade por AIDS
21	131	NUCLAIDS - Núcleo de Ações Interdisciplinares em DST/HIV/AIDS
22	132	Núcleo de AIDS e Doenças Sexualmente Transmissíveis
23	142	Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS – NEPAIDS
24	162	Pesquisa em retrovírus e AIDS
25	166	Projeto UNIVERSIDAIDS: Estudo em Sexualidade, DST/AIDS e Drogas
26	167	QUALIAIDS – Avaliação e Qualidade da Assistência em DST/AIDS

Etapa 2:

A etapa seguinte consistiu na análise das características principais dos 26 grupos.

O QUADRO 5, apresentado no ANEXO 1, inclui:

- a) as variáveis de análise: área de conhecimento, localização geográfica e período de formação;
- b) outras informações relativas aos grupos: instituição de vinculação, quantidade de linhas de pesquisas e de pesquisadores.

Nesse QUADRO, os grupos foram ordenados de acordo com o resultado da primeira busca textual, sendo que os números apresentados na 1ª coluna têm a função de

auxiliar na sua identificação. As informações relativas a datas (ano de formação), localização (Unidade Federativa), vinculação (Instituição), linhas de pesquisa e quantidade de pesquisadores foram consideradas importantes para a visualização do perfil dos grupos estudados, tendo sido fornecidas e atualizadas pelo líder dos grupos.

Os resultados que se seguem se referem à melhor caracterização dos grupos de pesquisa encontrados.

Considerando 2006 o ano limite para seleção dos grupos, notaram-se algumas características interessantes a partir da data de sua criação. A maior parte dos grupos (18 grupos) possuía menos de 10 anos de formação, o que se justificava pela emergência do campo de conhecimento em questão (a pesquisa em AIDS). Agrupando-se em dois períodos de formação (1985-1997 e 1998-2006) verificou-se que o último período foi numericamente mais favorável para a formação dos grupos de pesquisa em AIDS.

O GRÁFICO 1 ilustra esses dados, mostrando claramente que mais da metade dos grupos selecionados foram formados e registrados no Diretório a partir do ano de 1997.

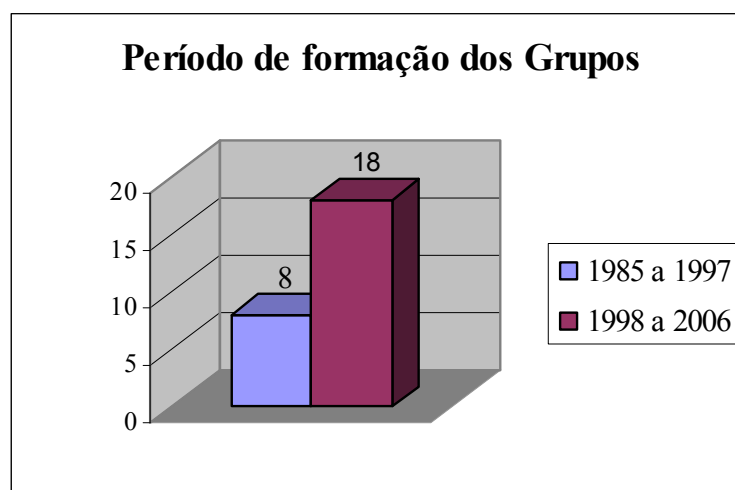


GRÁFICO 1 – Distribuição dos grupos por período de formação

Quanto à localização dos grupos de pesquisas no território nacional, verificou-se que ocorre de maneira prevista. A maior parte dos grupos localiza-se na região Sudeste (quase

62%) em detrimento dos estados de outras regiões, que abrigam a minoria dos grupos. Esse comportamento é típico em muitas situações devido às desigualdades socioeconômicas existentes entre as regiões brasileiras (TAB. 2). Apesar de a coordenação do CNPq ser definida como nacional, diversos fatores contribuíram para manifestações regionais do desenvolvimento das pesquisas técnico-científicas.

Na primeira coluna da tabela, estão as Regiões socioeconômicas brasileiras representadas pelos Estados de localização dos grupos, na coluna 2.

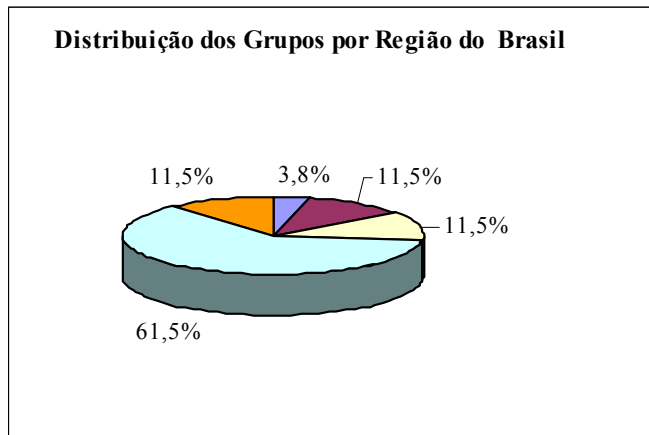
TABELA 2  
Localização geográfica dos grupos

Região Brasileira	Localização	Quantidade de Grupos		
		Por Estado	Por Região	Valor %
Norte	Amazonas	1	1	4
Nordeste	Pernambuco	2	3	11,5
	Alagoas	1		
Centro Oeste	Distrito Federal	2	3	11,5
	Goiás	1		
Sudeste	Minas Gerais	2	16	61,5
	Rio de Janeiro	5		
	São Paulo	9		
Sul	Paraná	1	3	11,5
	Rio Grande do Sul	2		
<b>TOTAL</b>		<b>26</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Segundo dados do Escritório de Representação da OMS/OPAS<sup>7</sup> no Brasil, a Região Norte, a de maior território (45%), agrega apenas 7% da população e, como visto no GRAFICO 2, somente 1 grupo de pesquisa foi selecionado neste trabalho. A Região Sudeste ocupa 11% do território nacional, com 43% da população e o maior numero de grupos de pesquisa da área da AIDS selecionados (16 grupos). A região Sul é a menor, com 7% do território e 15% da população, e possui 3 grupos (1 no Paraná e 2 no Rio Grande do Sul). As duas outras regiões ocupam, cada uma, pouco mais de 18% do território brasileiro, mas na Nordeste encontra-se 29% da população do país, enquanto apenas 6% estão na região Centro-

<sup>7</sup> Representação da OPAS/OMS no Brasil. *A saúde no Brasil*. 1998. Disponível em: <http://www.opas.org.br/sistema/arquivos/SAUDEBR.PDF>. Acesso em: 11 set 2007.

Oeste. Esta possui apenas 1 dos grupos que atendem aos critérios desta pesquisa e a outra apenas 3 grupos, localizados nos Estados de Pernambuco e Alagoas.



Região	Território (%)	População (%)	Grupos
Norte	45	7	1
Nordeste	18,5	29	3
Centro Oeste	18,5	6	3
Sudeste	11	43	16
Sul	7	15	3

GRAFICO 2 – Distribuição dos Grupos por Região do Brasil

O Brasil é um dos países do mundo com desigualdades socioeconômicas mais destacadas. Em anos recentes, o crescimento da economia elevou a renda média em todos os estratos da população, mas a distribuição desigual fez aumentar as diferenças preexistentes. A renda média dos 10% mais ricos é de cerca de 30 vezes a dos 40% mais pobres, enquanto que em outros países com grau de desenvolvimento comparável ao do Brasil é apenas 10 vezes maior. A desigualdade verificada na distribuição de recursos e dos grupos de pesquisa, portanto, refletiu as distribuições socioeconômicas e está representada no GRAFICO 2.

### Etapa 3

Em seguida, foi realizado o levantamento e a caracterização da produção de artigos de periódicos pelos pesquisadores. Para isso utilizou-se o *Curriculo Lattes*, também

disponível no *site* do CNPq através do *link* da página do Grupo. Os passos desta etapa estão a seguir relatados:

1. Reunindo-se todos os pesquisadores dos grupos selecionados, obteve-se uma lista com 202 pesquisadores, sendo que alguns deles ainda não possuem artigos publicados, apesar de comporem os grupos.

2. Identificação dos artigos publicados. A produção científica dos pesquisadores dos grupos selecionados constitui uma massa imensa de artigos de periódicos. Dentre os artigos completos publicados, foram separados aqueles cujos títulos possuíam os descritores abaixo por se considerar que os termos a seguir caracterizam-se diretamente como sendo denotadores da área da pesquisa focalizada:

*Acquired Imuno Deficiency Syndrome*

*AIDS*

*HIV*

*HIV subtype 1*

*HIV type 1*

*HIV+*

*HIV-1*

*Human Immunodeficiency Virus*

*SIDA*

*Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*

*VIH*

*Vírus da Imunodeficiência Humana*

3. Os artigos contendo os termos apresentados acima em seus títulos foram, em seguida, separados por grupos, ordenados, para a retirada de possíveis duplicações dentro dos grupos. Verificou-se que, enquanto alguns grupos publicaram acima de 100 artigos selecionados, outros nem mesmo 10. Ainda foi possível verificar a duplicação dos artigos no

conjunto devido a publicações em parceria e à presença do mesmo pesquisador em mais de um grupo.

TABELA 3  
Distribuição dos grupos por quantidade de artigos

<b>Grupos (por nº de artigos)</b>	<b>Quantidade de grupos</b>
De 151 a 200	2
De 101 a 150	3
De 51 a 100	2
De 1 a 50	16
Nenhum	3
<b>Total</b>	<b>26</b>

Na 1ª coluna da TABELA 3 os grupos de pesquisa estão divididos por intervalo de quantidade de artigos publicados que foram selecionados nessa etapa. Verificou-se que 3 grupos (2ª coluna) não publicaram artigos científicos que contemplassem os critérios definidos; verificou-se também clara desigualdade de distribuição dos grupos. Observou-a-se que apenas 5 grupos apresentaram mais de 100 artigos de periódicos selecionados, porém nesta etapa não foi possível considerar grupos como mais produtivos porque foi realizada nova triagem relacionada à formação acadêmica dos pesquisadores.

#### Etapa 4

Após listagem dos artigos dos grupos, identificou-se cada referência com seu respectivo número de grupo e de pesquisador e ordenou-se alfabeticamente os nomes dos pesquisadores para retirada daqueles que estavam duplicados (por ser publicação conjunta ou pelo fato de o pesquisador participar de mais de um grupo). No total, foram identificados um total de 685 artigos completos publicados nos periódicos. A partir desses artigos é que se seguiram os passos da metodologia de análise da disciplinaridade da área, analisando os periódicos nos quais os artigos foram publicados.

*Quantidade de artigos por periódico*

Como previsto no comportamento da literatura em geral, poucos periódicos concentraram a maior parte dos artigos selecionados: 14 periódicos possuíam mais de 10 artigos publicados e selecionados nesta pesquisa.

Na TAB. 4 os periódicos foram ordenados por quantidade de artigos selecionados (coluna 1). Observou-se que grande parte dos artigos estavam distribuídos isoladamente em um grande número de periódicos diferentes. Esse foi o comportamento já observado por Mueller (2000) a respeito da distribuição de artigos científicos.

TABELA 4  
Distribuição dos periódicos por quantidade de artigos selecionados

<b>Por quantidade de artigos publicados selecionados</b>	<b>Quantidade de periódicos</b>	<b>Representatividade dos artigos</b>
01 artigo	130	
02 artigos	34	
03 artigos	13	
04 artigos	1	
05 artigos	7	196 periódicos detêm 53% dos artigos selecionados (358 artigos)
06 artigos	3	
07 artigos	2	
08 artigos	5	
10 artigos	1	
11 artigos	3	
12 artigos	1	
14 artigos	1	
18 artigos	1	
19 artigos	2	14 periódicos detêm quase 50% dos artigos selecionados (326 artigos)
28 artigos	1	
29 artigos	2	
30 artigos	1	
35 artigos	1	
39 artigos	1	
40 artigos	1	
<b>TOTAL</b>	<b>211</b>	-

O GRAFICO 3, a seguir, ilustra a distribuição dos artigos selecionados por periódico, já mencionada anteriormente.

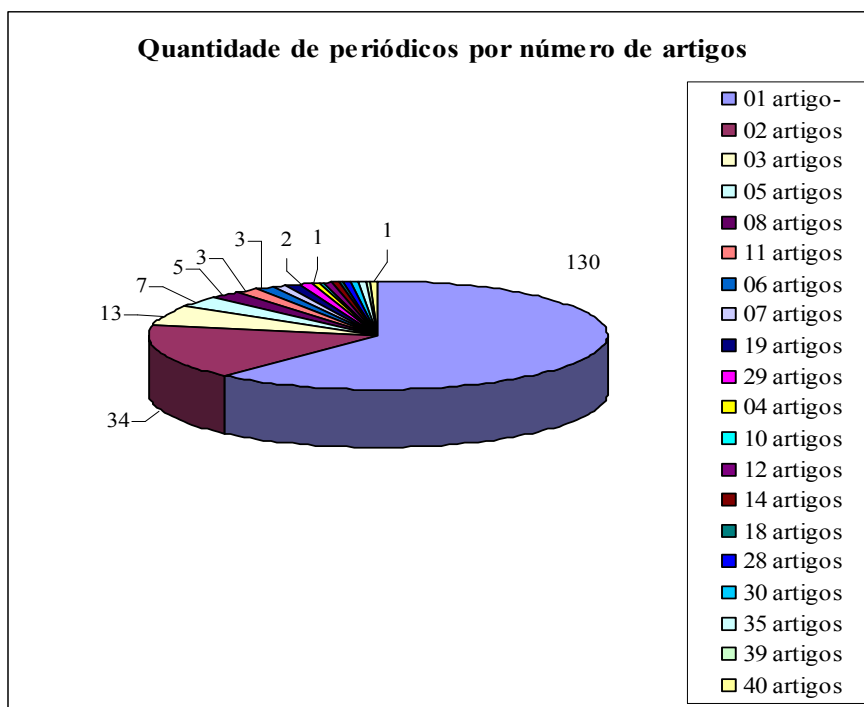


GRAFICO 3 – Periódicos por quantidade de artigos selecionados

#### *Periódicos com mais de 10 artigos*

Os 14 periódicos que concentram, em cada um, mais de 10 dos artigos selecionados foram destacados no QUADRO 4. Estes periódicos devem ser considerados representativos na política de seleção de acervo de unidades de informação.

QUADRO 4  
Periódicos que possuem mais de 10 artigos selecionados

<b>Título do Periódico</b>	
1	<i>AIDS - An International Monthly Journal</i>
2	<i>Boletim Epidemiológico AIDS</i>
3	<i>Brazilian Journal of Infectious Diseases</i>
4	<i>Cadernos de Saúde Pública (Reports in Public Health)</i>
5	<i>Culture, Health &amp; Sexuality</i>
6	<i>JAIDS: Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes &amp; Human Retrovirology</i>
7	<i>Jornal Brasileiro de DST</i>
8	<i>Medicina</i>
9	<i>Memórias do Instituto Oswaldo Cruz</i>
10	<i>Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia – RBGO</i>
11	<i>Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical</i>
12	<i>Revista de Saúde Pública (Journal of Public Health)</i>
13	<i>Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo</i>
14	<i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i>



Para análise melhor da dispersão dos documentos produzidos pelos pesquisadores desses grupos direcionou-se a atenção também para os periódicos que detinham menos de 10 dos artigos selecionados.

#### Etapa 5

Os pesquisadores componentes dos grupos que não publicaram nenhum dos artigos selecionados nas etapas anteriores foram separados, assim como aqueles que publicaram apenas um artigo selecionado. Além disso, aqueles que não apresentaram titulação de doutor foram retirados.

Essa seleção demonstrou-se necessária por se considerarem como realmente contribuidores para a produção científica da área aqueles que já publicaram diversos artigos e desenvolveram projetos de pesquisa de doutorado. Acredita-se que parte desses componentes dos grupos que foram excluídos nesse momento da escolha de material são pesquisadores com potencial para futuras contribuições para a área.

O material analisado se constituiu de um grupo de 76 pesquisadores doutores, que publicaram mais de um artigo selecionado pelos critérios desta pesquisa, dos quais foram retirados dados sobre as áreas de formação acadêmica, e um conjunto de 211 periódicos nos quais os artigos selecionados foram publicados. Nesses também foram observadas suas áreas de conhecimento específicas.

## 4.2 Análise do universo empírico

As categorias de análise podem ser classificadas em “empíricas” e “gnosiológicas”. Segundo Alvarenga (1996),

as categorias empíricas se constituem dos reflexos diretos dos dados, daquilo que eles evidenciam, a partir de sua simples existência objetiva [...] enquanto as variáveis gnosiológicas procuram fazer emergir dos dados empíricos algumas de suas faces, à primeira vista indeterminadas, requerendo um processo de interpretação (ALVARENGA, 1996).<sup>8</sup>

As categorias de análise A, B, C (empíricas) e D (gnosiológica) são:

A – Área principal de origem e vinculação do grupo

B – Área de conhecimento dos periódicos

C – Área de formação acadêmica do pesquisador

C1 – Graduação

C2 – Mestrado

C3 – Doutorado

D – interseção de áreas (variável gnosiológica) para verificar aquelas que contribuíram para a composição do campo de pesquisa sobre AIDS.

Através dessas categorias esperava-se encontrar nos resultados inferências (indícios) sobre o comportamento disciplinar da pesquisa em AIDS no Brasil.

---

<sup>8</sup> ALVARENGA, L. *A institucionalização da pesquisa educacional no Brasil: estudo bibliométrico dos artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 1944 - 74*. 1996. tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

Para a análise de assunto foi usada a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq. O CNPq possui em seu sistema a Tabela de Áreas de Conhecimento utilizada para identificar as áreas das pesquisas, pesquisadores e grupos a ele vinculadas. O sumário geral dessa tabela, isto é, as grandes áreas do conhecimento são:

- 1) Ciências Exatas e da Terra;
- 2) Ciências Biológicas;
- 3) Engenharias;
- 4) Ciências da Saúde;
- 5) Ciências Agrárias;
- 6) Ciências Sociais Aplicadas;
- 7) Ciências Humanas;
- 8) Lingüística, Letras e Artes;
- 9) Outros.

A Tabela de Áreas de Conhecimento do CNPq, utilizada atualmente (dez/2007) está sendo analisada por um grupo de pesquisadores, devido a lacunas identificadas, para sua atualização. Algumas áreas específicas de cada uma dessas classes estão listadas no ANEXO 4 e podem ser consultadas no *site* do Conselho.

## 5 RESULTADOS

Os resultados obtidos estão organizados de acordo com a definição das categorias de análise, discutida anteriormente.

### **Categoria A – Área principal de origem e vinculação do grupo**

A definição das áreas do conhecimento de origem e vinculação dos grupos é realizada pelo seu líder que mantém seu cadastro e o certifica. De acordo com a TAB. 5 e ilustrada no GRAFICO 4, verificou-se que os grupos selecionados são classificados no Diretório como originários de diversas áreas do conhecimento. Do total de 26 grupos, a maior parte (23), correspondendo a 88%, estão vinculados às Ciências da Saúde, 2 grupos às Ciências Biológicas e apenas 1 grupo, equivalente a 4% do total, é originário das Ciências Sociais Aplicadas.

TABELA 5  
Área de origem e vinculação dos grupos

Áreas do Conhecimento	Especialidade	Ocorrências (específica)		Ocorrências (geral)	
		Valor	(%)	Valor	(%)
Ciências Biológicas	Imunologia	1	3,9	2	8
	Microbiologia	1	3,9		
Ciências da Saúde	Enfermagem	2	7,7	23	88
	Medicina	8	30,8		
	Odontologia	2	7,7		
	Saúde Coletiva	11	42,3		
Ciências Sociais Aplicadas	Demografia	1	3,9	1	4
<b>TOTAL</b>		<b>26</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

As especialidades da maioria dos grupos, Enfermagem, Medicina, Odontologia e Saúde Coletiva, apesar de pertencentes à grande área de Ciências da Saúde, expressam disciplinas academicamente distintas.

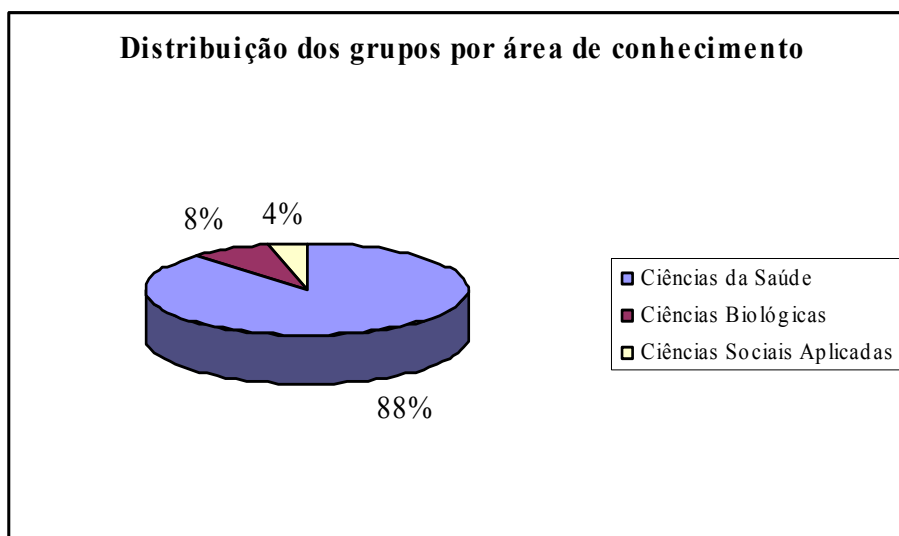


GRÁFICO 4 – Distribuição dos grupos selecionados por área do conhecimento

### **Categoria B – Área de conhecimento dos periódicos**

Para identificar as áreas de conhecimento dos periódicos utilizaram-se informações disponíveis no Portal de Periódicos do Ministério da Educação e nos sites de seus produtores ou distribuidores.

Na TAB. 6 estão expostos todos os periódicos que possuem os artigos selecionados nesta pesquisa, divididos pelo número de áreas do conhecimento que apresentaram nas fontes sobre eles.

TABELA 6  
Periódicos e o número de áreas do conhecimento informadas

<b>Quantidade de periódicos (por número de áreas informadas)</b>	<b>Quantidade de áreas informadas</b>
1	7
6	6
4	5
9	4
16	3
15	2
142	1
18	Não informados ou não se aplica

*Situações especiais – áreas de conhecimento do periódico não identificadas*

Foram encontrados 18 periódicos em situações especiais, tendo sido excluídos desta pesquisa, por não permitirem por seus títulos ou pelas fontes consultadas, ser caracterizados de acordo com a metodologia prevista. Os quadros com as listas desses periódicos se encontram no ANEXO 3.

Para possibilitar a análise das áreas dos periódicos adotou-se o critério do *ranking* de frequência, a saber:

1. todas as áreas identificadas foram reunidas, independentemente do periódico ao qual estavam vinculadas e agrupadas por repetição, resultando em 319 ocorrências de áreas de conhecimento, específicas ou gerais, conforme registrada na fonte citada;

2. em seguida foram contadas e reunidas – totalizando 102 áreas diferentes distribuídas nessas 319 ocorrências dos periódicos. Abaixo estão ilustradas em gráfico, para melhor visualização, as áreas de conhecimento dos periódicos que foram identificadas (GRAFICO 5).

3. foi realizado um cálculo da proporção de cada disciplina no universo obtido, apresentado na TAB. 7. Esses dados relativos foram utilizados na matriz de análise da interseção das áreas desta pesquisa.

Em alguns casos as áreas do conhecimento identificadas nas fontes de informação sobre os periódicos são equivalentes a subáreas, ou especialidades. Nesses casos, utilizando a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq, adotaram-se as seguintes medidas:

- *Medicina* inclui: *Ginecologia e obstetrícia, Obstetrícia, Medicina materno-fetal, Oncologia, Pediatria, Gastroenterologia, Cirurgia maxilo-facial, de cabeça e pescoço, Ciências Médicas, Neurologia, Nefrologia, Alergologia, Medicina reprodutiva, Endocrinologia, Prevenção de Doenças Crônicas, Transtornos cardiovasculares, Patologia (Patologia do Aparelho digestivo, Patologia do sistema circulatório e Patologia do sistema linfático), Estratégias de Prevenção e Pesquisa de Vacinas, Dermatologia e Dermatologia clínica, Otorrinolaringologia, Medicina social, Saúde, Urologia e Oftalmologia)*

- *Doenças Infeciosas* está reunida com *Doenças Infeciosas e Parasitárias*

- *Odontologia pediátrica* está reunida juntamente com *Odontologia*

- *Imunologia Celular* está reunida com *Imunologia*

Algumas das áreas citadas não se enquadravam na Classificação de áreas do conhecimento do CNPq, por serem áreas emergentes, compostas de vários campos ou, no caso de *Bioética*, ser considerada na Classe “Outros”. Todas elas foram identificadas apenas 1 vez e estão listadas abaixo:

*Bioética*

*Ciências Biológicas e da Saúde*

*Ciências Sociais e Humanas*

*Ética médica*

*Extensão universitária*

*Neurociência*

As 102 áreas citadas, após serem reunidas e agrupadas como esclarecido anteriormente, estão apresentadas na TABELA 7. A 1ª coluna refere-se à Classificação de Áreas do Conhecimento do CNPq e a 2ª coluna à especialidades identificadas como áreas do periódico. As outras colunas apresentam as ocorrências dessas áreas no universo de periódicos selecionados na pesquisa. Observa-se que apenas 2% das ocorrências são relativas às Ciências Agrárias, que 14,5% das áreas dos periódicos são das Ciências Biológicas, 1% Ciências Exatas e da Terra, 12,25% são Ciências Humanas, 5,25% são das Ciências Sociais Aplicadas e a faixa maior, 65%, Ciências da Saúde. Apesar disso é interessante verificar a presença das diversas áreas do conhecimento. Mesmo sendo gerais há uma representatividade de diversas especialidades. Um exemplo é a quantidade de áreas específicas das Ciências humanas identificadas.



TABELA 7  
 Frequência de áreas de conhecimento dos periódicos

Áreas do conhecimento	Especialidades	Ocorrências (especialidade)		Ocorrências (geral)	
		Valor	(%)	Valor	(%)
Ciências Agrárias	Agronomia	1	0,35	6	2
	Ciências Agrárias	1	0,35		
	Engenharia Florestal	1	0,35		
	Medicina Veterinária	2	0,70		
	Recursos Florestais	1	0,35		
Ciências Biológicas	Biofísica	3	1,05	41	14,5
	Biologia molecular	1	0,35		
	Bioquímica	3	1,05		
	Ciências Biológicas	4	1,40		
	Citologia e Biologia Celular	2	0,70		
	Fisiologia	1	0,35		
	Genética	2	0,70		
	Histologia	2	0,70		
	Imunologia	4	1,40		
	Microbiologia	8	2,80		
	Neurofisiologia	2	0,70		
	Neuropsicofarmacologia	2	0,70		
	Retrovirologia	1	0,35		
	Virologia	6	2,10		
Ciências da Saúde	Ciências da Saúde	6	2,10	186	65
	Doenças Infecciosas e Parasitárias	22	7,69		
	Educação Física	1	0,35		
	Enfermagem	11	3,85		
	Epidemiologia	3	1,05		
	Farmácia	2	0,70		
	Fonoaudiologia	1	0,35		
	Hematologia	4	1,40		
	Imunologia Clínica	5	1,75		
	Medicina	74	25,87		
	Neuropatologia	1	0,35		
	Nutrição	3	1,05		
	Odontologia	12	4,20		
	Psiquiatria	5	1,75		
	Saúde Coletiva	20	6,99		
	Saúde da Mulher	2	0,70		
	Saúde Humana	1	0,35		
	Saúde Materno Infantil	1	0,35		
	Saúde Pública	11	3,85		
Saúde Reprodutiva	1	0,35			

Áreas do conhecimento	Especialidades	Ocorrências (especialidade)		Ocorrências (geral)	
Ciências Exatas e da Terra	Ciências Exatas e Tecnológicas	1	0,35	3	1
	Estatística	1	0,35		
	Química orgânica	1	0,35		
Ciências Humanas	Antropologia	2	0,70	35	12,25
	Ciência Política	3	1,05		
	Ciências Humanas	1	0,35		
	Educação	2	0,70		
	Ética	1	0,35		
	Etnologia	1	0,35		
	Geografia	2	0,70		
	História das ciências e da saúde	1	0,35		
	Profissionais de Saúde	1	0,35		
	Psicanálise	1	0,35		
	Psicologia	11	3,85		
	Psicopatologia	1	0,35		
	Saúde Mental	1	0,35		
	Sociologia	7	2,45		
Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Sociais Aplicadas	1	0,35	15	5,25
	Demografia	5	1,75		
	Direito	4	1,40		
	Economia	2	0,70		
	Jornalismo em saúde pública	1	0,35		
	Serviço Social	1	0,35		
	Sócio-demografia	1	0,35		
<b>TOTAL</b>		<b>286</b>	<b>100</b>	<b>286</b>	<b>100</b>

A distribuição dos periódicos por área do conhecimento pode ser melhor visualizada no GRÁFICO 5 :

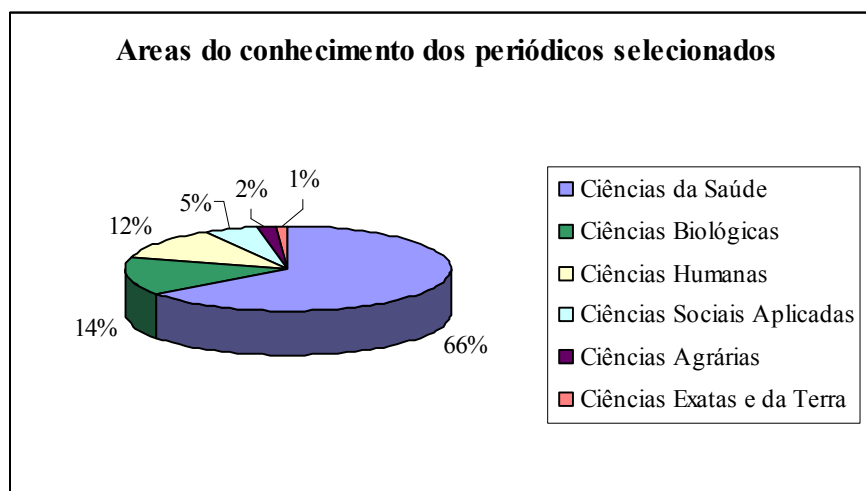


GRÁFICO 5 – Áreas de conhecimento dos periódicos

### **Categoria C – Formação acadêmica do pesquisador**

As áreas de formação dos pesquisadores, depois de identificadas, foram normalizadas utilizando-se a lista de Áreas de Conhecimento do CNPq. Para fornecer uma visão geral da distribuição disciplinar dos pesquisadores quanto à sua formação acadêmica, foi realizada o agrupamento de áreas de acordo com as áreas gerais apresentadas anteriormente.

TABELA 8  
Pesquisadores selecionados e área geral de formação

<b>Área</b>	<b>Graduação</b>	<b>Mestrado</b>	<b>Doutorado</b>
Ciências Agrárias	0	2	0
Ciências Biológicas	6	8	10
Ciências da Saúde	61	42	60
Ciências Exatas e da Terra	4	3	0
Ciências Humanas	8	5	5
Ciências Sociais Aplicadas	1	4	1
Não declarados	0	12	0
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>75</b>	<b>76</b>

A TAB. 8 apresenta as grandes áreas de formação dos pesquisadores em diversos níveis de sua formação. Como demonstrado nesta tabela e no GRAFICO 6, houve uma grande interseção das áreas de formação dos pesquisadores em sua carreira acadêmica (graduação e pós). Apesar disso, as peculiaridades, consideradas informações valiosas para a análise do comportamento disciplinar ficaram perdidas quando foram agrupadas em áreas gerais.

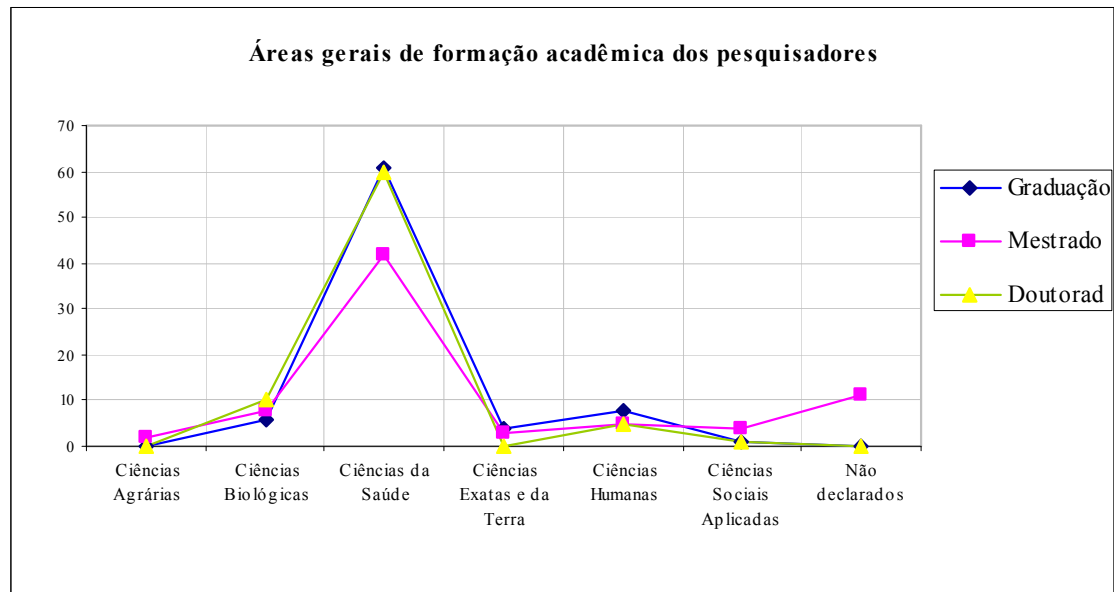


GRAFICO 6 – Áreas de formação geral dos pesquisadores

Os casos considerados não declarados referiam-se aqueles em que os pesquisadores não fizeram mestrado porque o programa de pós-graduação da área possibilitava fazer doutorado sem a necessidade de cursar o mestrado.

Nos parágrafos seguintes foram apresentados os resultados de acordo com as especificidades disciplinares dos níveis de formação (C1, C2 e C3).

#### *C1 – Graduação do pesquisador*

São 76 pesquisadores, mas como houve dois casos de pesquisadores com dois cursos de graduação e um caso de pesquisador com três cursos de graduação somam-se 80 áreas de conhecimento da graduação. Esses casos especiais são:

- o pesquisador que graduou-se em Pedagogia e em Enfermagem fez o doutorado em Enfermagem;

- o pesquisador que graduou-se em Filosofia e em Psicologia concluiu o Mestrado e o Doutorado na Psicologia;

- o pesquisador que graduou-se em Bioquímica, em Odontologia e em Medicina, realizou seu doutorado em Odontologia.

Para a tabulação foram adotados os seguintes agrupamentos:

- *Farmácia* reúne: *Farmácia bioquímica, Bioquímica, Farmácia e Bioquímica*;

- *Enfermagem* reúne: *Enfermagem e Obstetrícia*;

- *Ciências Biológicas* reúne *Ciências Biológicas modalidade Médica*.

TABELA 9  
Área de formação dos Pesquisadores: Graduação

Área Geral	Área Específica	Ocorrências (área específica)		Ocorrências (área geral)	
		Valor	(%)	Valor	(%)
Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	6	7,50	6	7,5
	Enfermagem	6	7,50		
Ciências da Saúde	Farmácia	6	7,50	61	76,25
	Medicina	42	52,50		
	Odontologia	7	8,75		
Ciências Exatas e da Terra	Matemática	1	1,25	4	5
	Estatística	3	3,75		
Ciências Humanas	Psicologia	6	7,50	8	10
	Filosofia	1	1,25		
	Pedagogia	1	1,25		
Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	1	1,25	1	1,25
<b>TOTAL</b>		<b>80</b>	<b>100</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Em um universo de 80 áreas de conhecimento no nível de graduação observam-se:

- Ciências Biológicas foi a formação de 7,5% dos pesquisadores - apenas 6;

- um conjunto de 61 pesquisadores (76%) graduou-se em um curso das Ciências da Saúde: Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia – a maior parte em Medicina;

- 5% da formação dos pesquisadores é relativa às Ciências Exatas – neste caso, Matemática e Estatística;

- em 8 casos a graduação dos pesquisadores referem cursos das Ciências Humanas (apenas 10% do universo de pesquisadores);

- apenas um pesquisador teve sua formação na área de Ciências Sociais Aplicadas.

O GRAFICO 7 ilustra a distribuição dos pesquisadores por área de graduação:

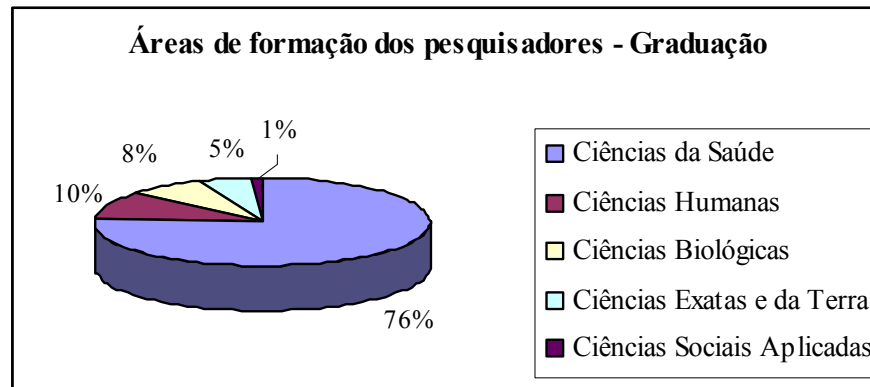


GRAFICO 7 – Área de Graduação dos pesquisadores

### *C2 – mestrado do pesquisador*

Houve 12 (doze) casos de pesquisadores que não informaram (provavelmente não possuem) a titulação de mestrado, somando 64 ocorrências de áreas de titulação de mestrado.

Os pesquisadores com duas titulações são:

Alguns nomes de cursos foram alterados na TAB. 10, a saber:

- *Medical Statistics* foi traduzido para *Estatística*;
- a especialidade *Saúde Pública* (Área Materno-Infantil) foi agrupada com *Saúde Pública*.
- a especialidade *Psicologia Social* foi agrupada com *Psicologia*;
- a área *Odontologia* reuniu a *Medicina Oral*, *Master Science Dentistry* e as especialidades *Patologia Bucal* e *Diagnóstico Bucal*;
- *Administração de Serviços de Saúde* foi reunida com *Administração Hospitalar e da Saúde*;

- as sub-áreas da *Medicina (Clínica Médica, Ginecologia e Obstetrícia, e Tocoginecologia)* foram reunidos como *Medicina*.

TABELA 10  
Área de formação dos Pesquisadores: Mestrado

Área Geral	Área Específica	Ocorrências (área específica)		Ocorrências (área geral)	
		Valor	(%)	Valor	(%)
Ciências Agrárias	Estatística e Experimentação	1	1,5	2	3
	Agrônômica	1	1,5		
	Saúde e Ambiente	1	1,5		
Ciências Biológicas	Biologia Parasitária	2	3	8	12
	Ciências Biológicas	2	3		
	Imunologia e Genética	1	1,5		
	Aplicadas	1	1,5		
	Microbiologia	1	1,5		
	Parasitologia	2	3		
Ciências da Saúde	Ciências da Saúde	2	3	42	66,5
	Ciências Médicas	1	1,5		
	Doenças Infecciosas e Parasitárias	1	1,5		
	Enfermagem	2	3		
	Epidemiologia	1	1,5		
	Medicina	11	17,5		
	Medicina Preventiva	5	8		
	Medicina Tropical	3	5		
	Odontologia	4	6,5		
	Saúde Coletiva	2	3		
	Saúde Pública	10	16		
Ciências Exatas e da Terra	Estatística	1	1,5	3	4,5
	Estatística e Matemática	1	1,5		
	Matemática	1	1,5		
Ciências Humanas	Ciências Pedagógicas	1	1,5	5	8
	Educação	1	1,5		
	Psicologia	3	5		
Ciências Sociais Aplicadas	Administração Hospitalar e da Saúde	2	3	4	6
	Demografia	1	1,5		
	Serviço Social	1	1,5		
<b>TOTAL</b>		<b>64</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>

A TAB. 10 e o GRAFICO 8 representaram a distribuição dos pesquisadores quanto à área de mestrado. Foi possível observar que 6 grandes áreas do conhecimento de acordo com o CNPq – Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas - encontram-se presentes na pós-graduação – mestrado dos pesquisadores. Verifica-se que:

- apenas 2 pesquisadores concluíram sua dissertação em programas de curso das Ciências Agrárias;
- do mestrado em programas das Ciências Biológicas originaram-se apenas 8 pesquisadores;
- no conjunto 42 pesquisadores concluíram o mestrado em cursos da área das Ciências da Saúde, sendo maioria nesse universo;
- 3 pesquisadores são mestres em campos das Ciências Exatas e da Terra, 5 em Ciências Humanas e 4 em Ciências Sociais.

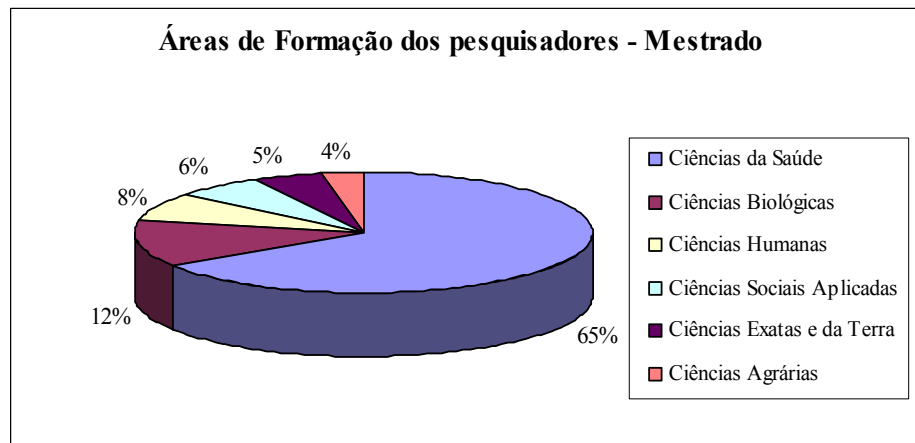


GRAFICO 8 – Área de Mestrado dos pesquisadores



*C3 – doutorado do pesquisador*

Alguns nomes de cursos foram agrupados na tabela (normalização dos termos) da seguinte forma:

- As sub-áreas da *Medicina (Clínica Cirúrgica, Clínica Médica, Ginecologia, Dermatologia, Neurologia, Obstetrícia, Alergologia e Imunologia Clínica, Tocoginecologia e Perinatologia)* foram reunidas em *Medicina*;

- *Medicina Tropical e Infectologia* com *Medicina Tropical*;

- *Dinâmica Populacional de Doenças Infeciosas e Pesquisa Clínica em Doenças Infeciosas* foram consideradas como *Doenças Infeciosas e Parasitárias*;

- As especialidades *Patologia Bucal e Medicina Oral* foram agrupadas em *Odontologia*;

- *Bioquímica* foi considerada como *Farmácia*;

- A área de *Psicologia* agrupa *Psicologia da Saúde, Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Psicologia Experimental e Psicologia Social*.

Entre os pesquisadores observa-se, como revelam a TAB. 11 e o GRAFICO 9, que:

- 10 pesquisadores (13%) são doutores na área de Ciências biológicas;

- a grande maioria (60 pesquisadores) realizou a pesquisa de doutorado em um programa da área das Ciências da Saúde;

- um grupo de 5 pesquisadores (7%) realizaram seu doutorado em Psicologia – curso da área de Ciências Humanas;

- apenas 1 pesquisador é doutor em Serviço social, representando a área de Ciências Sociais Aplicadas.

TABELA 11  
Área de formação dos Pesquisadores: Doutorado

Área Geral	Área Específica	Ocorrências (área específica)		Ocorrências (área geral)	
		Valor	(%)	Valor	(%)
Ciências Biológicas	Biologia Celular e Molecular	3	4	10	13
	Biologia Parasitária	1	1		
	Ciências Biológicas	2	3		
	Imunologia e Genética Aplicadas	1	1		
	Microbiologia	2	3		
	Parasitologia	1	1		
	Ciências da Saúde	2	3		
Ciências da Saúde	Doenças Infecciosas e Parasitárias	3	4	60	79
	Enfermagem	3	4		
	Epidemiologia	6	8		
	Farmácia	1	1		
	Medicina	12	16		
	Medicina Preventiva	7	9		
	Medicina Tropical	5	7		
	Odontologia	5	7		
	Saúde Coletiva	1	1		
	Saúde Pública	15	20		
Ciências Humanas	Psicologia	5	7	5	7
Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	1	1	1	1
<b>TOTAL</b>		<b>76</b>	<b>100</b>	<b>76</b>	<b>100</b>

O GRAFICO 9 ilustra a divisão das áreas gerais de doutorado dos pesquisadores:

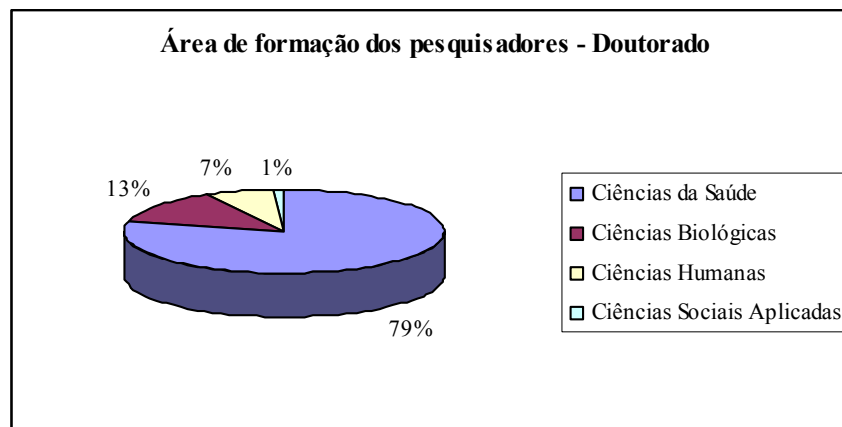


GRAFICO 9 – Áreas de Doutorado dos pesquisadores

*D – interseção de áreas*

A variável gnosiológica refere-se à interseção, para verificar as áreas que mais contribuem para a configuração da campo. A interseção das áreas pode ser visualizada na TAB. 12, onde cada uma das áreas foi listada e foram identificadas em quantas situações (A, B e C) as áreas estão em comum.

A coluna 7 da TAB. 12 reflete a soma de quantas vezes as áreas de conhecimento específicas ocorreram. Os hífen (-) cobrem a ausência de grupos, periódicos ou formação – graduação e pós – nas especialidades listadas. As áreas do conhecimento estão ordenadas primeiramente por área geral e, em segundo lugar, em ordem decrescente de interseção.

A interseção ocorreu em intervalos de 1 (mínimo) a 5 (máximo) assegurando que a maior interseção foi aquela cuja especialidade tenha ocorrido em cinco situações. Destaca-se que apenas em três áreas específicas das Ciências da Saúde (Enfermagem, Medicina e Odontologia) houve o máximo de interseção.

TABELA 12  
Interseção das ocorrências das áreas do conhecimento

Área do Conhecimento	Especialidade	Ocorrências de cada categoria (%)					
		A	B	C1	C2	C3	D
Ciências Agrárias	Agronomia	-	0,35	-	-	-	1
	Ciências Agrárias	-	0,35	-	-	-	1
	Engenharia Florestal	-	0,35	-	-	-	1
	Estatística e Experimentação Agronômica	-	-	-	1,5	-	1
	Medicina Veterinária	-	0,70	-	-	-	1
	Recursos Florestais	-	0,35	-	-	-	1
	Saúde e Ambiente	-	-	-	1,5	-	1
Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	-	1,40	7,50	3,0	3	4
	Microbiologia	3,90	2,80	-	1,5	3	4
	Parasitologia	-	-	-	3,0	1	4
	Biologia Parasitária	-	-	-	3,0	1	2
	Imunologia	3,90	1,40	-	-	-	2
	Imunologia e Genética Aplicadas	-	-	-	1,5	1	2
	Biofísica	-	1,05	-	-	-	1
	Biologia Celular e Molecular	-	-	-	-	4	1
	Biologia molecular	-	0,35	-	-	-	1
	Bioquímica	-	1,05	-	-	-	1
	Citologia e Biologia Celular	-	0,70	-	-	-	1
	Fisiologia	-	0,35	-	-	-	1
	Genética	-	0,70	-	-	-	1
	Histologia	-	0,70	-	-	-	1
	Neurofisiologia	-	0,70	-	-	-	1
	Neuropsicofarmacologia	-	0,70	-	-	-	1
	Retrovirologia	-	0,35	-	-	-	1
Virologia	-	2,10	-	-	-	1	
Ciências da Saúde	Enfermagem	7,70	3,85	7,50	3,0	4	5
	Medicina	30,8	25,87	52,5	17,5	16	5
	Odontologia	7,70	4,20	8,75	6,5	7	5
	Saúde Coletiva	42,3	6,99	-	3,0	1	4
	Ciências da Saúde	-	2,10	-	3,0	3	3
	Doenças Infecciosas e Parasitárias	-	7,69	-	1,5	4	3
	Epidemiologia	-	1,05	-	1,5	8	3
	Farmácia	-	0,70	7,50	-	1	3
	Saúde Pública	-	3,85	-	16,0	20	3
	Medicina Preventiva	-	-	-	8,0	9	2
	Medicina Tropical	-	-	-	5,0	7	2
	Ciências Médicas	-	-	-	1,5	-	1
	Educação Física	-	0,35	-	-	-	1
	Fonoaudiologia	-	0,35	-	-	-	1
	Hematologia	-	1,40	-	-	-	1
	Imunologia Clínica	-	1,75	-	-	-	1
	Neuropatologia	-	0,35	-	-	-	1
	Nutrição	-	1,05	-	-	-	1
	Psiquiatria	-	1,75	-	-	-	1
	Saúde da Mulher	-	0,70	-	-	-	1
	Saúde Humana	-	0,35	-	-	-	1
	Saúde Materno Infantil	-	0,35	-	-	-	1
	Saúde Reprodutiva	-	0,35	-	-	-	1



## 5.1 Análise da disciplinaridade

Através das variáveis estudadas observaram-se inferências (indícios) sobre a multidisciplinaridade da pesquisa em AIDS no Brasil. A TAB. 13 registra ocorrências das áreas do conhecimento no universo empírico.

TABELA 13  
Percentuais de ocorrências das áreas do conhecimento

Área do Conhecimento	Especialidade	Ocorrências (%) de cada categoria						Média dos Percentuais
		A	B	C			D	
				C1	C2	C3		
Ciências Agrárias	Estatística e Experimentação	-	-	-	1,5	-	1	0,30
	Agrônoma	-	-	-	1,5	-	1	0,30
	Saúde e Ambiente	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Medicina Veterinária	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Agronomia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Ciências Agrárias	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Engenharia Florestal	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Recursos Florestais	-	0,35	-	-	-	1	0,07
Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	-	1,4	7,5	3	3	4	2,98
	Microbiologia	3,9	2,8	-	1,5	3	4	2,24
	Imunologia	3,9	1,4	-	-	-	2	1,06
	Biologia Celular e Molecular	-	-	-	-	4	1	0,80
	Biologia Parasitária	-	-	-	3	1	2	0,80
	Parasitologia	-	-	-	3	1	4	0,80
	Imunologia e Genética Aplicadas	-	-	-	1,5	1	2	0,50
	Virologia	-	2,1	-	-	-	1	0,42
	Biofísica	-	1,05	-	-	-	1	0,21
	Bioquímica	-	1,05	-	-	-	1	0,21
	Citologia e Biologia Celular	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Genética	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Histologia	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Neurofisiologia	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Neuropsicofarmacologia	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Biologia molecular	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Fisiologia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Retrovirologia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
Ciências da Saúde	Medicina	30,8	25,87	52,5	17,5	16	5	28,53
	Saúde Coletiva	42,3	6,99	-	3	1	4	10,66
	Saúde Pública	-	3,85	-	16	20	3	7,97
	Odontologia	7,7	4,2	8,75	6,5	7	5	6,83
	Enfermagem	7,7	3,85	7,5	3	4	5	5,21
	Medicina Preventiva	-	-	-	8	9	2	3,40
	Doenças Infecciosas e Parasitárias	-	7,69	-	1,5	4	3	2,64
	Medicina Tropical	-	-	-	5	7	2	2,40
	Epidemiologia	-	1,05	-	1,5	8	3	2,11
	Farmácia	-	0,7	7,5	-	1	3	1,84
	Ciências da Saúde	-	2,1	-	3	3	3	1,62
	Imunologia Clínica	-	1,75	-	-	-	1	0,35
	Psiquiatria	-	1,75	-	-	-	1	0,35
	Ciências Médicas	-	-	-	1,5	-	1	0,30
	Hematologia	-	1,4	-	-	-	1	0,28

Área do Conhecimento	Especialidade	Ocorrências (%) de cada categoria						Média dos Percentuais
		A	B	C			D	
				C1	C2	C3		
	Nutrição	-	1,05	-	-	-	1	0,21
	Saúde da Mulher	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Educação Física	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Fonoaudiologia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Neuropatologia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Saúde Humana	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Saúde Materno Infantil	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Saúde Reprodutiva	-	0,35	-	-	-	1	0,07
Ciências Exatas e da Terra	Estatística	-	0,35	3,75	1,5	-	3	1,12
	Matemática	-	-	1,25	1,5	-	2	0,55
	Estatística e Matemática	-	-	-	1,5	-	1	0,30
	Ciências Exatas e Tecnológicas	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Química orgânica	-	0,35	-	-	-	1	0,07
Ciências Humanas	Sociologia	-	2,45	-	-	-	1	0,49
	Educação	-	0,7	-	1,5	-	2	0,44
	Ciências Pedagógicas	-	-	-	1,5	-	1	0,30
	Filosofia	-	-	1,25	-	-	1	0,25
	Pedagogia	-	-	1,25	-	-	1	0,25
	Ciência Política	-	1,05	-	-	-	1	0,21
	Antropologia	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Geografia	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Ciências Humanas	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Ética	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Etnologia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	História das ciências e da saúde	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Profissionais de Saúde	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Psicanálise	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Psicopatologia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
Saúde Mental	-	0,35	-	-	-	1	0,07	
Psicologia	-	3,85	7,5	5	7	4	4,67	
Ciências Sociais Aplicadas	Demografia	3,9	1,75	-	1,5	-	3	1,43
	Serviço Social	-	0,35	1,25	1,5	-	3	0,62
	Administração Hospitalar e da Saúde	-	-	-	3	-	1	0,60
	Direito	-	1,4	-	-	-	1	0,28
	Economia	-	0,7	-	-	-	1	0,14
	Ciências Sociais Aplicadas	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Jornalismo em saúde pública	-	0,35	-	-	-	1	0,07
	Sócio-demografia	-	0,35	-	-	-	1	0,07
<b>TOTAL</b>		<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	<b>100</b>

Para se verificarem as ocorrências mais presentes na interseção de áreas, os resultados foram organizados em ordem decrescente de média de porcentagem. Cabe lembrar que o percentual é a medida relativa, não absoluta, e que cada categoria possui valor diferente de ocorrências.

TABELA 14  
Ranking de ocorrências das áreas do conhecimento

<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Especialidade</b>	<b>Média dos Percentuais</b>
Ciências da Saúde	Medicina	28,53
	Saúde Coletiva	10,66
	Saúde Pública	7,97
	Odontologia	6,83
	Enfermagem	5,21
Ciências Humanas	Psicologia	4,67
Ciências da Saúde	Medicina Preventiva	3,40
Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	2,98
Ciências da Saúde	Doenças Infecciosas e Parasitárias	2,64
	Medicina Tropical	2,40
Ciências Biológicas	Microbiologia	2,24
Ciências da Saúde	Epidemiologia	2,11
	Farmácia	1,84
	Ciências da Saúde	1,62
Ciências Sociais Aplicadas	Demografia	1,43
Ciências Exatas e da Terra	Estatística	1,12
Ciências Biológicas	Imunologia	1,06
	Parasitologia	0,80
	Biologia Parasitária	
	Biologia Celular e Molecular	
Ciências Sociais Aplicadas	Serviço Social	0,62
	Administração Hospitalar e da Saúde	0,60
Ciências Exatas e da Terra	Matemática	0,55
Ciências Biológicas	Imunologia e Genética Aplicadas	0,50
Ciências Humanas	Sociologia	0,49
	Educação	0,44
Ciências Biológicas	Virologia	0,42
Ciências da Saúde	Imunologia Clínica	0,35
	Psiquiatria	
Ciências Agrárias	Estatística e Experimentação	0,30
	Agrônômica	
	Saúde e Ambiente	
Ciências da Saúde	Ciências Médicas	0,30
Ciências Exatas e da Terra	Estatística e Matemática	0,30
Ciências Humanas	Ciências Pedagógicas	0,30
Ciências da Saúde	Hematologia	0,28
Ciências Sociais Aplicadas	Direito	0,28
Ciências Humanas	Filosofia	0,25
	Pedagogia	
Ciências Biológicas	Biofísica	0,21
	Bioquímica	
Ciências da Saúde	Nutrição	0,21
Ciências Humanas	Ciência Política	0,21
Ciências Agrárias	Medicina Veterinária	0,14
Ciências Biológicas	Citologia e Biologia Celular	0,14
	Genética	
	Histologia	
	Neurofisiologia	
	Neuropsicofarmacologia	



<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Especialidade</b>	<b>Média dos Percentuais</b>
Ciências da Saúde	Saúde da Mulher	0,14
Ciências Humanas	Antropologia	0,14
	Geografia	
Ciências Sociais Aplicadas	Economia	0,14
Ciências Agrárias	Ciências Agrárias	0,07
	Engenharia Florestal	
	Recursos Florestais	
Ciências Biológicas	Biologia molecular	0,07
	Fisiologia	
	Retrovirologia	
Ciências da Saúde	Educação Física	0,07
	Fonoaudiologia	
	Neuropatologia	
	Saúde Humana	
	Saúde Materno Infantil	
Ciências Exatas e da Terra	Ciências Exatas e Tecnológicas	0,07
	Química orgânica	
Ciências Humanas	Ciências Humanas	0,07
	Ética	
	Etnologia	
	História das ciências e da saúde	
	Profissionais de Saúde	
	Psicanálise	
	Psicopatologia	
Saúde Mental		
Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Sociais Aplicadas	0,07
	Jornalismo em saúde pública	
Ciências Agrárias	Sócio-demografia	0,07
	Agronomia	

A quantificação da contribuição de cada especialidade do conhecimento para a configuração dos estudos no campo temático da AIDS foram úteis para direcionar sua análise qualitativa. Detendo-se na observação dos dados da TAB. 14, verificou-se que as 14 especialidades com participação mais expressiva estão relacionadas diretamente à saúde. Nota-se que, mesmo sendo classificada como Ciência Humana, a Psicologia lida com pacientes. Proporcionalmente diferentes, mas com grande importância, muitas especialidades do conhecimento, das diversas áreas gerais, estão expressas na produção científica sobre a AIDS.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo encontram-se as considerações e respostas às indagações que permearam todo o desenvolvimento desta pesquisa. Esse desenvolvimento ocorreu de forma peculiar à medida que a metodologia era aplicada. Algumas questões se fizeram presentes na análise dos resultados obtidos e encaminharam para uma fecunda discussão a respeito da configuração do campo disciplinar da AIDS.

A escolha de apenas duas expressões (abreviaturas *AIDS* e *SIDA*) para selecionar os grupos tornou-se a opção viável para selecionar o material, tendo em vista a quantidade de informações disponíveis decorrentes de todos os resultados da busca textual. Estudo semelhante ao presente pode ser realizado com o conjunto de 185 grupos recuperados na primeira busca por assunto no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq.

Alguns dos periódicos nos quais os pesquisadores publicaram seus artigos podem, em uma análise mais rigorosa, não ser considerados ‘científicos’. Como eles estavam reunidos no campo “produção científica” dos currículos dos pesquisadores, essa discussão não foi incluída no escopo dessa pesquisa.

As análises das áreas que ocorrem nas categorias especificadas (área do grupo, área do periódico no qual publicou, área de formação – graduação, mestrado e doutorado) mostraram que, tratando-se de grupos de pesquisa cujos assuntos são AIDS e/ou SIDA, que possuem os termos relacionados (AIDS e/ou SIDA) em seus títulos, foi expressiva a presença de tantas áreas específicas do conhecimento. O material empírico foi selecionado de forma que representasse o mais exato possível a pesquisa em AIDS no Brasil e comprovou-se, utilizando a metodologia desta pesquisa, que ela emerge de diversas áreas do conhecimento.

Considerando que os estudos sobre a AIDS focalizam um fenômeno multidisciplinar, deve-se atentar para algumas características do conjunto de pesquisadores selecionados. Esses são doutores que participam de pesquisas relacionadas à temática, independentemente de sua formação acadêmica. Nos três níveis de formação considerados – graduação, mestrado e doutorado – a maioria dos pesquisadores se encontram nas especialidades das Ciências da Saúde. É importante ressaltar que nas instituições de ensino e pesquisa as disciplinas, ou campos específicos do conhecimento, se encontram particionados. Em situações especiais, como no estudo de temas emergentes, ocorre a simultaneidade de estudos do mesmo objeto. O que se verificou é que os pesquisadores não ultrapassam as fronteiras disciplinares, o que impede a articulação coordenada dos assuntos.

Constatou-se que as áreas de vinculação dos grupos, de formação dos pesquisadores e dos periódicos nos quais eles publicaram puderam evidenciar a multidisciplinaridade da área, à medida que apresentem especialidades distintas do conhecimento, de mesmo nível, trabalhando com o mesmo tema simultaneamente. A partir da análise da pesquisa (seu alcance) pode-se concluir que há diversas disciplinas juntas nos estudos da AIDS embora não afluam claramente as relações existentes entre elas.

O campo foi identificado como multidisciplinar porque somente a análise de conteúdos poderia indicar se realmente há cooperação e acordos prévios sobre métodos ou conceitos utilizados, o que seria um comportamento plural, pluridisciplinar. A identificação de um comportamento interdisciplinar seria ainda mais rigoroso, somente identificado a partir de uma análise profunda de tudo o que envolve o ensino, a pesquisa e a extensão dos campos de estudo envolvidos, com relação à AIDS.

O ranking de periódicos (com indicações dos que mais contribuíram) pode ser considerado pela parcela de abrangência dos periódicos. Os 14 periódicos listados no QADRO 6 são responsáveis por 50% dos artigos selecionados. Essa representatividade pode

indicar ou sofrer que se selecione essas publicações para compor o acervo básico de uma unidade de informação da área específica dos estudos da AIDS. Quanto à composição do acervo sugerido, segue-se a tendência atual: muitos dos trabalhos sugeridos para compor o acervo básico não precisam ser tradicionais, impressos em papel. O importante é a acessibilidade aos documentos, possibilitando a disponibilização de *links* (ligações) para documentos digitais. Outra tendência das unidades de informação modernas é a formação de acervos híbridos, compostos por documentos em suporte impresso e digital.

Os possíveis avanços após esta pesquisa podem ser direcionados para a discussão dos canais informais de comunicação entre os campos científicos que contribuem para a área de AIDS. Pode-se também criar um protótipo de uma base de dados utilizando a indicação dos periódicos e das áreas que mais expressam a pesquisa da AIDS. Outra possibilidade seria selecionar uma amostra de artigos dentre o material e realizar análise aprofundada.

Os canais informais de comunicação, como relatórios de pesquisa, troca de mensagens por e-mail, conversas particulares em eventos e as listas de discussão, utilizados por vários pesquisadores, principalmente nas áreas de conhecimento ainda emergentes, que não são objeto deste trabalho poderiam contribuir para análises futuras da disciplinaridade desses campos.

## REFERÊNCIAS

- BASARAB, Nicolescu. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Triom, 2005.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Diretório de Grupos de Pesquisas*. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm>> Acesso em: 22 mar 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Grupo Matricial de Pesquisa e Vacinas*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/final/dados/politica2.htm>> . Acesso em: 02 abril 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Plano Nacional de DST/AIDS. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/final/dados/politica2.htm>>. Acesso em: 02 abril 2006.
- CAMPELLO, Bernadete S.; CENDÓN, Beatriz V.; KREMER, Jeanette M. (org.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- CID. Código Internacional de Doenças – 10ª Revisão. Disponível em: <http://www.esquilamedica.hpg.ig.com.br/CID.htm>. Acesso em: 07 nov 2006.
- COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. Desafios da produção e comunicação científica em saúde no Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 4-5, jan/fev, 2003.
- DOMINGUES, Ivan (org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; IEAT, 2004.
- FIOCRUZ. Laboratório de Educação em Saúde. *AIDS Pediátrica*. Disponível em: <<http://www.cpqrr.fiocruz.br/labes/>>. Acesso em: 15 set. 2005
- FRANÇA, Júnia L. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 6. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- GUINCHAT, C., MENO, M. *Introdução geral às ciências e técnicas de informação e documentação*. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994. 540 p.
- JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLAES, Rejane R. *Dados e informações usados na tomada de decisão em bibliotecas universitárias brasileiras: o contexto de atividades de desenvolvimento de coleções*. Brasília, UnB/BIB, 1991. 271 p. (dissertação de mestrado).

LANCASTER, W. F. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993. 347p.

LANCASTER, W. F, WARNER, A. J. Some basics of information retrieval. In: \_\_\_\_\_. *Information retrieval today*. [s.l.] IRP, [s. d.]. cap. 1.

MEADOWS, A. J. *Communication in science*. London: Butterworths, 1974.

MOREIRA, Walter. Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 57-63, jan./abr. 2005.

MUELLER, S. P. M.; PASSOS, E. J. L. (org.). *Comunicação científica*. Brasília: Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2000. p. 123-138.

NATIONAL Library of Medicine. *Medical Subject Headings*. Disponível em: <[http://www.bireme.br/php/decsws.php?lang=pt&tree\\_id=C02.782.815.616.400.040&autocomplete\\_term=AIDS](http://www.bireme.br/php/decsws.php?lang=pt&tree_id=C02.782.815.616.400.040&autocomplete_term=AIDS)>. Acesso em: 03 nov 2006.

NATIONAL Library of Medicine. *Medical Subject Headings Browser*. Disponível em: <<http://www.nlm.nih.gov/mesh/mbinfo>>. Acesso em: 08 set 2007.

PACKER, Abel Laerte. A construção coletiva da Biblioteca Virtual em Saúde. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, v. 9, n. 17, p. 249-72, mar/ago 2005.

PAVIANI, Jayme; BOTOMÉ, Silvio Paulo. *Interdisciplinaridade: disfunções conceituais e enganos acadêmicos*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1993.

SMITH, Linda C. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and information science as an interdisciplinary field. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (ed.) *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Proceedings of the International Conference held for the Department of Information Studies. University of Tampere, Finlândia, 26-28, August 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 253-67.

## ANEXO 1

QUADRO 5 – Informações sobre os Grupos de pesquisa selecionados

Nº do grupo	Ano de formação	Localização	Instituição	Nome do Grupo	Linhas de pesquisa	Área de conhecimento	Nº de pesquisadores
03	1995	Pernambuco	UFPE	AIDS em Odontologia	5	Odontologia	4
20	2003	São Paulo	CEBRAP	Comportamento sexual do brasileiro e percepções do HIV/AIDS 2003-05	1	Saúde coletiva	1
34	2002	Rio de Janeiro	UNIRIO	Duas décadas de HIV/AIDS	13	Enfermagem	6
40	2004	São Paulo	USP	Epidemiologia da AIDS	7	Saúde coletiva	9
47	2006	São Paulo	CEBRAP	Estudo sobre as vulnerabilidades de negros e não negros ao HIV/AIDS	1	Saúde coletiva	3
51	2005	Rio de Janeiro	UNIRIO	Estudos Epidemiológicos em HIV/AIDS	3	Medicina	4
62	2002	Rio Grande do Sul	UPF	Grupo de Estudos e Pesquisa em DST/AIDS	1	Saúde coletiva	7
63	2005	Pernambuco	UPE	Grupo de Estudos e Pesquisa em DST/HIV/AIDS	1	Saúde coletiva	3
68	2004	Rio de Janeiro	FIOCRUZ	Grupo de Pesquisa Clínica e Epidemiológica em HIV/AIDS	1	Medicina	14
72	2004	Distrito Federal	UNB	Grupo de pesquisa em HIV-AIDS	5	Microbiologia	5
73	2004	Distrito Federal	FEPECS	Grupo de Pesquisa em HIV/AIDS do DF	1	Medicina	6
74	2004	Minas Gerais	UFMG	Grupo de Pesquisa em HIV/AIDS Materno-Infantil	2	Medicina	14
84	1993	Minas Gerais	UFMG	Grupo de Pesquisas em Imunologia e AIDS	7	Medicina	17

Nº do grupo	Ano de formação	Localização	Instituição	Nome do Grupo	Linhas de pesquisa	Área de conhecimento	Nº de pesquisadores
85	2000	Paraná	UFPR	Grupo INFECTOGIN-DST/AIDS	3	Medicina	8
90	1988	São Paulo	USP	HIV/AIDS no contexto odontológico	5	Odontologia	4
91	2002	Rio Grande do Sul	FURG	HIV/AIDS Rio Grande	4	Saúde coletiva	6
103	1990	Rio de Janeiro	FIOCRUZ	Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular	6	Imunologia	7
108	2006	Rio de Janeiro	UFRJ	Laboratório de Estudos em Política, Planejamento e Assistência em DST/AIDS	4	Saúde coletiva	12
116	2004	Amazonas	FMTAM	LEISHAIDSAM	1	Medicina	9
125	1990	São Paulo	SEADE	Mortalidade por AIDS	1	Demografia	1
131	2002	Goiás	UFG	NUCLAIDS - Núcleo de Ações Interdisciplinares em DST/HIV/AIDS Núcleo de AIDS e Doenças	2	Saúde coletiva	7
132	1985	São Paulo	USP	Sexualmente Transmissíveis - NAIDST	2	Enfermagem	5
142	2000	São Paulo	USP	Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS - NEPAIDS	1	Saúde coletiva	37
162	1993	São Paulo	USP	Pesquisa em retrovírus e AIDS	6	Medicina	13
166	1997	Alagoas	UFAL	Projeto UNIVERSIDAIDS: Estudo em Sexualidade, DST/AIDS e Drogas	2	Saúde coletiva	4
167	2000	São Paulo	USP	QUALIAIDS: Avaliação e Qualidade da Assistência em DST/AIDS	2	Saúde coletiva	6



## ANEXO 2

### Resultado da Primeira busca textual no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPQ

1. A Promoção da Saúde de Grupos Populacionais – UERJ
2. Adolescência – UFCG
3. AIDS em Odontologia – UFPE
4. Anatomia Patológica – UFAM
5. Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais – UFRJ
6. Avaliação e Intervenção em Psicoterapia e Psicossomática - PUC/RS
7. Avaliação em Serviços de Saúde – UPE
8. BIODIREITO, BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS – UFCG
9. BIOÉTICA PERSONALISTA – USP
10. Biologia de fungos de importância médica e biotecnológica - UFRGS
11. BIOQUÍMICA DE MACROMOLÉCULAS – UPE
12. Caracterização de Retrovírus em Humanos – IAL
13. Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas da UFRGS – UFRGS
14. Centro de Pesquisas Epidemiológicas – UFPEL
15. Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade - CiPESS – UEL
16. Cirurgia-Traumatologia-Estomatologia - PUC-PR
17. CLÍNICA MÉDICA – UFMA
18. Clínica Médica – UCPEL
19. Clínica Odontológica Pediátrica – UFG
20. Comportamento sexual do brasileiro e percepções do HIV/Aids 2003-2005 – CEBRAP
21. Condições de vida e situação de saúde – IS
22. Dermatologia Clínica e Cirúrgica – UNIFESP
23. Desenvolvimento de Métodos Estatísticos e Epidemiológicos Aplicados à Saúde – UFRJ
24. Desenvolvimento de sist. de gestão e novas técnicas em medicina laboratorial. – USP
25. Diagnóstico Avançado em Infecções Genitais – UFF
26. DIAGNOSTICO DE PARASITÓSES – UFU
27. Diagnóstico em Laboratório Clínico – UFSM
28. Doença Sistêmica e o coração – USP
29. Doenças Infecciosas – UFC
30. Doenças infecciosas e parasitárias – UFSC
31. Doenças Infecciosas em Adultos – UPE
32. Doenças sexualmente transmissíveis – USS
33. DST/condom – UGF
34. Duas décadas de HIV/AIDS: um resgate da produção científica da Enfermagem em periódicos Qualis A e B - Dissertações e Teses – UNIRIO
35. Educação e Saúde – UNEMAT
36. Educação para o auto cuidado em doenças crônicas transmissíveis e não transmissíveis e atendimento domiciliar – UFRJ
37. Endemias e ocorrências epidêmicas urbanas - epidemiologia e etiopatogenia – UERJ
38. ENDOCRINOLOGIA UNIRIO – UNIRIO
39. EPIDEMIOLOGIA – UNIFOR
40. EPIDEMIOLOGIA DA AIDS – USP
41. EPIDEMIOLOGIA DA SEXUALIDADE HUMANA - UPE – UPE
42. Epidemiologia das doenças infecciosas – UFRGS
43. Epidemiologia e controle da tuberculose – UFPE
44. Epidemiologia molecular, taxonomia e filogenia de microorganismos e vetores - FIOCRUZ
45. Esquemas terapêuticos preventivos e curativos propostos e preconizados no tratamento das doenças bucais – UNIP
46. Estomatologia e Pacientes com Necessidades Especiais – UFC
47. Estudo sobre as vulnerabilidades de negros e não negros ao HIV/AIDS – CEBRAP
48. Estudos clínicos e epidemiológicos sobre doenças infecciosas e parasitárias em Mato Grosso do Sul – UFMS
49. Estudos da Saúde da Mulher – IMIP
50. Estudos em Dermatologia – UPE
51. Estudos Epidemiológicos em HIV/aids – UNIRIO
52. Estudos na Infância e Adolescência – UNIRIO
53. Família e subjetividade – UNESP
54. Família, Gênero e Demografia – UNICAMP
55. Farmacogenética – UFC
56. GEITE - Grupo de Estudos de Economia Industrial e da Tecnologia – UEL
57. GEM- Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher – UFBA
58. Genética Humana e Médica – UFBA
59. GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisa em Infectologia – UNIFENAS
60. Grupo Cearense de Pesquisa em Doenças Infecciosas (GCPDI) – UFC
61. Grupo de Estudos e Pesquisa de Representações Sociais em Educação - PUC/SP

62. Grupo de Estudos e Pesquisa em DST/AIDSs – UPF
63. Grupo de Estudos e Pesquisa em DST/HIV/AIDS – UPE
64. Grupo de Estudos e Pesquisa em Promoção da Saúde - GEPEPS – UNC
65. Grupo de Estudos em Matemática Aplicada-GREMAP – UNISAL
66. Grupo de Estudos em Nefrologia Tropical – UFC
67. Grupo de Estudos Pesquisas em Saúde Pública - GEPSC – UPE
68. Grupo de Pesquisa Clínica e Epidemiológica em HIV/AIDS – FIOCRUZ
69. Grupo de Pesquisa em Diagnóstico Bucal da UFSC – UFSC
70. Grupo de Pesquisa em Enfermagem sobre a Transmissibilidade do HIV em Mulheres - USP
71. Grupo de pesquisa em hansenologia e dermatologia infecciosa – UFPA
72. Grupo de pesquisa em HIV-AIDS – UNB
73. Grupo de Pesquisa em HIV/AIDS do DF – FEPECS
74. Grupo de Pesquisa em HIV/AIDS Materno-Infantil – UFMG
75. Grupo de Pesquisa em Imunologia Aplicada – UEL
76. Grupo de Pesquisa em Micobacterioses – UFMG
77. Grupo de Pesquisa em Oncovirologia – UFBA
78. Grupo de Pesquisas em Patologia Humana – UCS
79. Grupo de Pesquisa em Pneumologia - Paulo Tavares – UNB
80. Grupo de Pesquisa em Tuberculose e Infecções Pulmonares Inespecíficas – UFRJ
81. Grupo de Pesquisa sobre Aspectos Psicossociais do Trabalho em Saúde, Indústria e Educação – USP
82. Grupo de Pesquisas em Epidemiologia e Avaliação em Saúde - UFMG
83. Grupo de Pesquisas em Epidemiologia GPE/DMPS/UFMG – UFMG
84. Grupo de Pesquisas em Imunologia e AIDS – UFMG
85. Grupo INFECTOGIN-DST/AIDS – UFPR
86. Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Saúde Materna e Fetal. – UFMA
87. Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Sistemas de Liberação Controlada – UNICAMP
88. História da Medicina e das Doenças – FIOCRUZ
89. História, Saúde e Sociedade – UFRJ
90. HIV/AIDS no contexto odontológico – USP
91. HIV/AIDS RIO GRANDE – FURG
92. Imunofisiologia e Imunopatologia dos linfócitos T – UNIRIO
93. Imunologia Clínica – FIOCRUZ
94. Imunologia de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Centro Oeste - Imuno-DIP – UFG
95. Imunologia e imunopatologia pulmonar – UFRJ
96. Imunopatogênese da Infecção pelo HIV-1 – FIOCRUZ
97. Imunopatologia – UEL
98. Imunopatologia Pediátrica – UNESP
99. Infecção pelo HIV na criança – UNIFESP
100. INFECÇÕES PERINATAIS – HNSC
101. Informação em Saúde – FIOCRUZ
102. Investigação em Cirurgia – IAMSP
103. Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular – FIOCRUZ
104. Laboratório de Antropologia da Saúde -LABAS – UNB
105. Laboratório de Catálise – UFRJ
106. Laboratório de Células Inflamatórias e Neoplásicas – UFPR
107. Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde – FIOCRUZ
108. Laboratório de Estudos em Política, Planejamento e Assistência em DST/AIDS – UFRJ
109. Laboratório de Fisiologia Celular – UFRGS
110. Laboratório de Imunoparasitologia – FIOCRUZ
111. Laboratório de Micologia Médica – FIOCRUZ
112. Laboratório de Modelagem Molecular – UFRJ
113. Laboratório de Pesquisa Básica em Nefrologia - LIM 12 – USP
114. Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e da Cognição Social – UFSC
115. Laboratório de Vírus UFMG (LABVIR) – UFMG
116. LEISHAIDSAM – FMTAM
117. Linfomas: Aspectos Histopatológicos e Imunofenotípicos – UFBA
118. Mauro Schechter – UFRJ
119. MEDICINA TROPICAL – UNB
120. METABOLISMO – UNIMEP
121. Métodos Quantitativos Aplicados à Saúde – USP
122. Micologia Clínica – UFRGS
123. Modelagem e QSAR de Fármacos – UFRJ
124. Moléculas e Superfícies – CBPF
125. Mortalidade por AIDS – SEADE
126. MUSA-Programa de Estudos em Gênero e Saúde – UFBA
127. NEFROLOGIA-UNI-RIO – UNIRIO
128. NEIPP Núcleo de Estudos Integrados e Pesquisa em Pediatria – FBDC

129. NESA – UERJ
130. Neurociências UNIRIO – UNIRIO
131. NUCLAIDS - Núcleo de Ações Interdisciplinares em DST/HIV/AIDS – UFG
132. Núcleo de AIDS e Doenças Sexualmente Transmissíveis - USP
133. Núcleo de Bioquímica e Biologia Molecular – UNISUL
134. Núcleo de Doenças Infecciosas – UFES
135. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Odontopediatria da UFRJ – UFRJ
136. Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) – UNESP
137. Núcleo de Estudos das Viroses Humanas do Amazonas - NESVHAM – FMTAM
138. Núcleo de Estudos de Doenças Infecciosas e Tropicais de Mato Grosso – UFMT
139. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Comunicação em Enfermagem - UFMG
140. Núcleo de Estudos em Imunopatologia e diagnóstico de doenças infecciosas – UEM
141. Núcleo de Estudos, Eventos, Pesquisas e Extensão em Saúde – UFAC
142. Núcleo de Estudos para Prevenção da AIDS - NEPAIDS – USP
143. Núcleo de Imunologia Básica e Aplicada (NIBA)/Departamento de Patologia – UFMA
144. Núcleo de Pesquisa Aspectos Psicossociais de Prevenção e da Saúde Coletiva - UFPB
145. Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) – UFRGS
146. Núcleo de Pesquisa em Patologia Oral - NPPO – UFF
147. Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva – UFMA
148. Núcleo de Pesquisa sobre Políticas Públicas, Questão Social e Serviço Social – UFRJ
149. Oncohematologia – UNICAMP
150. Organismos oportunistas e sua importância como zoonoses – UFRRJ
151. Osteoporose e Distúrbios Metabólicos – UFTM
152. Parvovirus e Herpesvirus – UFF
153. Patógenos Emergentes e Reemergentes do Sertão – UFPI
154. Patologia bucal – UFPB
155. Patologia Bucal e Experimental – UNICAMP
156. Patologia das Doenças Infecciosas, Megac Chagásicos e Não Chagásicos – UFTM
157. Patologia de Protozoários Patogênicos – USP
158. Percepção dos Idosos sobre a sua sexualidade – UFVJM
159. Perfil Diagnóstico e Controle das Doenças emergentes e reemergentes de interesse sanitário – UFG
160. Pesquisa, Diagnóstico e Terapêutica em Cardiologia – UNIFESP
161. Pesquisa em Etiopatogenia Clínica e Epidemiologia do Processo Saúde-Doença em Ambientes Amazônicos – UEPA
162. Pesquisa em retrovírus e AIDS – USP
163. Processos Patológicos Gerais e as Doenças Infecciosas e Parasitárias – UFTM
164. Programa de Esquizofrenia e Demências do Hospital de Clínicas de Porto Alegre – UFRGS
165. Programa Integrado em Doenças Infecciosas e Deficiências Nutricionais – UFBA
166. Projeto UNIVERSIDAIDS: Estudo em Sexualidade, DST/AIDS e Drogas – UFAL
167. QUALIAIDS - Avaliação e Qualidade da Assistência em DST/Aids – USP
168. Qualidade de Vida – FAMEMA
169. Qualidade de Vida – UFRGS
170. Qualidade de Vida e Saúde – UFPE
171. Retrovírus e Doenças Infecciosas Associadas – FBDC
172. SAÚDE COLETIVA – UCS
173. Saúde Coletiva e Plantas Medicinais – UFPE
174. Saúde da Mulher e da Criança – IS
175. Saúde e Desenvolvimento Humano – UNB
176. Saúde materno-infantil e do adolescente – ULBRA
177. Saúde Reprodutiva, Gênero e Sociedade – USP
178. Sexualidade, Saúde Reprodutiva, Relações de Gênero – UEMG
179. Sexualidades, Corpo e Gênero - SEXGEN – UFPI
180. Sistemas de liberação de fármacos para tratamento de doenças tropicais e emergentes – UNESP
181. TRANSIÇÃO DA MORTALIDADE EM SÃO PAULO – SEADE
182. UVEÍTES – UFMG
183. Vigilância da Saúde – ULBRA
184. Vírus Respiratórios, Retrovírus e Oncovírus – IEC
185. Visão UNIFESP – UNIFESP

### ANEXO 3

Periódicos sem identificação das áreas do conhecimento:

QUADRO 6  
Periódicos sem informações sobre área de conhecimento

<b>Título do periódico</b>
Actualizaciones en SIDA
Boletim ABIA
Boletín Informativo de la Union Latino-americana
Epistula Alass
Exclusiva
IAVI Report
Revista Brasileira de Sexualidade Humana
Só online

Periódicos cujas fontes de informação atribuem-lhe abrangência multidisciplinar ou interdisciplinar, não sendo possível aplicar metodologia desta pesquisa:

QUADRO 7  
Periódicos considerados multi ou interdisciplinares pelas fontes oficiais

<b>Título do Periódico</b>	<b>Áreas de abrangência</b>
AIDS Care	Multidisciplinar: aspectos psicológicos e medico-sociais da AIDS
Anais da Academia Brasileira de Ciências	Multidisciplinar: Ciências Matemáticas, Físicas, Químicas, Biológicas, Biomédicas e Médicas, da Terra, da Engenharia e Humanas
Ciência Hoje	Multidisciplinar
Estudos Avançados USP	Interdisciplinar: ciência e cultura
Interface: Comunicação, Saúde e Educação	Interdisciplinar: articulação das Ciências da Saúde com as Humanidades, especialmente com a Comunicação, a Educação e a formação universitária
Journal of Virology	Interdisciplinar: abordagem disciplinar cruzada da virologia (bioquímica, biofísica, biologia celular e molecular, genética, imunologia, morfologia, fisiologia e patogenia e imunidade)
Mathematical and Computer Modelling	Multidisciplinar: Modelos matemáticos computacionais em várias disciplinas (engenharia, biológicas, médicas, ambientais, sociais, comportamentais e outras ciências)
Revista da USP	Multidisciplinar: Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas
Revista UNICSUL	Multidisciplinar: Música, Educação, Lingüística, História, Informática, Educação Física, Psicologia, Comunicação, Física e Engenharia
Substance use & misuse	Multidisciplinar: teorias e questões sobre uso e dependência de substâncias lícitas e ilícitas e de jogos e distúrbios alimentares
Universidade e Sociedade	Multidisciplinar

## ANEXO 4



## Tabela das Áreas do Conhecimento

1. Ciências Exatas e da Terra			
1.00.00.00-3	Ciências Exatas e da Terra	1.01.02.00-0	Análise
1.01.00.00-8	Matemática	1.01.02.01-9	Análise Complexa
1.01.01.00-4	Álgebra	1.01.02.02-7	Análise Funcional
1.01.01.01-2	Conjuntos	1.01.02.03-5	Análise Funcional Não-Linear
1.01.01.02-0	Lógica Matemática	1.01.02.04-3	Equações Diferenciais Ordinárias
1.01.01.03-9	Teoria dos Números	1.01.02.05-1	Equações Diferenciais Parciais
1.01.01.04-7	Grupos de Álgebra Não-Comut.	1.01.02.06-0	Equações Diferenciais Funcionais
1.01.01.05-5	Álgebra Comutativa	1.01.03.00-7	Geometria e Topologia
1.01.01.06-3	Geometria Algébrica	1.01.03.01-5	Geometria
2. Ciências Biológicas			
2.00.00.00-6	Ciências Biológicas	2.07.02.05-1	Fisiologia Endócrina
2.01.00.00-0	Biologia Geral	2.07.02.06-0	Fisiologia da Digestão
2.02.00.00-5	Genética	2.07.02.07-8	Cinesiologia
2.02.01.00-1	Genética Quantitativa	2.07.03.00-7	Fisiologia Comparada
2.02.02.00-8	Gen. Mol. e de Microorganismos	2.08.00.00-2	Fisiologia do Esforço
2.02.03.00-4	Genética Vegetal	2.07.04.00-3	Bioquímica
2.02.04.00-0	Genética Animal	2.08.01.00-9	Química de Macromoléculas
2.02.05.00-7	Genética Humana e Médica	2.08.01.01-7	Proteínas
2.02.06.00-3	Mutagenese	2.08.01.02-5	Lipídeos
2.03.00.00-0	Botânica	2.08.01.03-3	Glicídeos
2.03.01.00-6	Paleobotânica	2.08.02.00-5	Bioquímica dos Microorganismos
2.03.02.00-2	Morfologia Vegetal	2.08.03.00-1	Metabolismo e Bioenergética
2.03.02.01-0	Morfologia Externa	2.08.04.00-8	Biologia Molecular
2.03.02.02-9	Citologia Vegetal	2.08.05.00-4	Enzimologia
2.03.02.03-7	Anatomia Vegetal	2.09.00.00-7	Biofísica
2.03.02.04-5	Palinologia	2.09.01.00-3	Biofísica Molecular
2.03.03.00-9	Fisiologia Vegetal	2.09.02.00-0	Biofísica Celular
2.03.03.01-7	Nutrição e Crescimento Vegetal	2.09.03.00-6	Biofísica de Processos e Sistemas
2.03.03.02-5	Reprodução Vegetal	2.09.04.00-2	Radiologia e Fotobiologia
2.03.03.03-3	Ecofisiologia Vegetal	2.10.00.00-0	Farmacologia
2.03.04.00-5	Taxonomia Vegetal	2.10.01.00-6	Farmacologia Geral
2.03.04.01-3	Taxonomia de Criptógamos	2.10.01.01-4	Farmacocinética
2.03.04.02-1	Taxonomia de Fanerógamos	2.10.01.02-2	Biodisponibilidade
2.03.05.00-1	Fitogeografia	2.10.02.00-2	Farmacologia Autônômica
2.03.06.00-8	Botânica Aplicada	2.10.03.00-9	Neuropsicofarmacologia
2.04.00.00-4	Zoologia	2.10.04.00-5	Farmacologia Cardiorenal
2.04.01.00-0	Paleozoologia	2.10.05.00-1	Farm. Bioquímica e Molecular
2.04.02.00-7	Morfologia dos Grupos Recentes	2.10.06.00-8	Etnofarmacologia
2.04.03.00-3	Fisiologia dos Grupos Recentes	2.10.07.00-4	Toxicologia
2.04.04.00-0	Comportamento Animal	2.10.08.00-0	Farmacologia Clínica
2.04.05.00-6	Taxonomia dos Grupos Recentes	2.11.00.00-4	Imunologia
2.04.06.00-2	Zoologia Aplicada	2.11.01.00-0	Imunoquímica
2.04.06.01-0	Conserv. das Espécies Animais	2.11.02.00-7	Imunologia Celular
2.04.06.02-9	Utilização dos Animais	2.11.03.00-3	Imunogenética
2.04.06.03-7	Controle Populacional de Animais	2.11.04.00-0	Imunologia Aplicada
2.05.00.00-9	Ecologia	2.12.00.00-9	Microbiologia
2.05.01.00-5	Ecologia Teórica	2.12.01.00-5	Biol. e Fisiol. dos Microorganismos
2.05.02.00-1	Ecologia de Ecossistemas	2.12.01.01-3	Virologia
2.05.03.00-8	Ecologia Aplicada	2.12.01.02-1	Bacterologia
2.06.00.00-3	Morfologia	2.12.01.03-0	Micologia
2.06.01.00-0	Citologia e Biologia Celular	2.12.02.00-1	Microbiologia Aplicada
2.06.02.00-6	Embriologia	2.12.02.01-0	Microbiologia Médica
2.06.03.00-2	Histologia	2.12.02.02-8	Microbiol. Ind. e de Fermentação
2.06.04.00-9	Anatomia	2.13.00.00-3	Parasitologia
2.06.04.01-7	Anatomia Humana	2.13.01.00-0	Protozoologia de Parasitos

2.06.04.02-5	Anatomia Animal	2.13.01.01-8	Protozoologia Parasitária Humana
2.07.00.00-8	Fisiologia	2.13.01.02-6	Protozoologia Parasitária Animal
2.07.01.00-4	Fisiologia Geral	2.13.02.00-6	Helmintologia de Parasitos
2.07.02.00-0	Fisiologia de Órgãos e Sistemas	2.13.02.01-4	Helmintologia Humana
2.07.02.01-9	Neurofisiologia	2.13.02.02-2	Helmintologia Animal
2.07.02.02-7	Fisiologia Cardiovascular	2.13.03.00-2	Entomologia e Malacologia de Parasitos e Vetores
2.07.02.03-5	Fisiologia da Respiração		
2.07.02.04-3	Fisiologia Renal		
3. Engenharia			
3.00.00.00-9	Engenharias	3.06.03.16-1	Petróleo e Petroquímica
3.01.00.00-3	Engenharia Civil	3.06.03.17-0	Polímeros
3.01.01.00-0	Construção Civil	3.06.03.18-8	Produtos Naturais
3.01.01.01-8	Mat. e Compon. de Construção	3.06.03.19-6	Têxteis
3.01.01.02-6	Processos Construtivos	3.06.03.20-0	Trat. e Aproveitamento de Rejeitos
3.01.01.03-4	Instalações Prediais		
3.01.02.00-6	Estruturas	3.06.03.21-8	Xisto
3.01.02.01-4	Estruturas de Concreto	3.07.00.00-0	Engenharia Sanitária
3.01.02.02-2	Estruturas de Madeiras	3.07.01.00-7	Recursos Hídricos
3.01.02.03-0	Estruturas Metálicas	3.07.01.01-5	Planej. Integr. dos Rec. Hídricos
3.01.02.04-9	Mecânica das Estruturas	3.07.01.02-3	Tecnol. e Prob. Sanit. de Irrigação
3.01.03.00-2	Geotécnica	3.07.01.03-1	Águas Subt. e Poços Profundos
3.01.03.01-0	Fundações e Escavações	3.07.01.04-0	Cont. de Enchentes e Barragens
3.01.03.02-9	Mecânicas das Rochas	3.07.01.05-8	Sedimentologia
3.01.03.03-7	Mecânicas dos Solos	3.07.02.00-3	Trat. de Águas de Abast. e Resid.
3.01.03.04-5	Obras de Terra e Enrocamento	3.07.02.01-1	Química Sanitária
3.01.03.05-3	Pavimentos	3.07.02.02-0	Proc. Simplif. de Trat. de Águas
3.01.04.00-9	Engenharia Hidráulica	3.07.02.03-8	Téc. Convenc. de Trat. de Águas
3.01.04.01-7	Hidráulica	3.07.02.04-6	Téc. Avançadas de Trat. de Águas
3.01.04.02-5	Hidrologia	3.07.02.05-4	Estudos e Caracterização de Efluentes Industriais
3.01.05.00-5	Infra-Estrutura de Transportes	3.07.02.06-2	Lay Out de Processos Industriais
3.01.05.01-3	Aeroportos; Projeto e Construção	3.07.02.07-0	Resíduos Radioativos
3.01.05.02-1	Ferrovias; Projetos e Construção	3.07.03.00-0	Saneamento Básico
3.01.05.03-0	Port. e Vias Naveg.; Proj. e Const.	3.07.03.01-8	Téc. de Abastecimento da Água
3.01.05.04-8	Rodovias; Projeto e Construção	3.07.03.02-6	Drenagem de Águas Residuárias
3.02.00.00-8	Engenharia de Minas	3.07.03.03-4	Drenagem Urb. de Águas Pluviais
3.02.01.00-4	Pesquisa Mineral	3.07.03.04-2	Resíduos Sólidos, Dom. e Ind.
3.02.01.01-2	Caracterização do Minério	3.07.03.05-0	Limpeza Pública
3.02.01.02-0	Dimensionamento de Jazidas	3.07.03.06-9	Instalações Hidráulico-Sanitárias
3.02.02.00-0	Lavra	3.07.04.00-6	Saneamento Ambiental
3.02.02.01-9	Lavra a Céu Aberto	3.07.04.01-4	Ecologia Aplicada à Eng. Sanitária
3.02.02.02-7	Lavra de Mina Subterrânea	3.07.04.02-2	Microbiol. Aplic. e Eng. Sanitária
3.02.02.03-5	Equipamentos de Lavra	3.07.04.03-0	Parasitol. Aplic. à Eng. Sanitária
3.02.03.00-7	Tratamento de Minérios	3.07.04.04-9	Qualidade do Ar, Águas e do Solo
3.02.03.01-5	Mét. de Conc. e Enriq. de Min.	3.07.04.05-7	Controle da Poluição
3.02.03.02-3	Equip. de Benefic. de Minérios	3.07.04.06-5	Legislação Ambiental
3.03.00.00-2	Eng. de Materiais e Metalúrgica	3.08.00.00-5	Engenharia de Produção
3.03.01.00-9	Instalações e Equip. Metalúrgicos	3.08.01.00-1	Gerência de Produção
3.03.01.01-7	Instalações Metalúrgicas	3.08.01.01-0	Planej. de Instalações Industriais
3.03.01.02-5	Equipamentos Metalúrgicos	3.08.01.02-8	Planej., Proj. e Cont. de Sist. Prod.
3.03.02.00-5	Metalurgia Extrativa	3.08.01.03-6	Higiene e Segurança do Trabalho
3.03.02.01-3	Aglomerado	3.08.01.04-4	Suprimentos
3.03.02.02-1	Eletrometalurgia	3.08.01.05-2	Garantia de Controle de Qual.
3.03.02.03-0	Hidrometalurgia	3.08.02.00-8	Pesquisa Operacional
3.03.02.04-8	Pirometalurgia	3.08.02.01-6	Proc. Estoc. e Teorias da Filas
3.03.02.05-6	Tratamento de Minérios	3.08.02.02-4	Programação Linear, Não-Linear, Mista e Dinâmica
3.03.03.00-1	Metalurgia de Transformação	3.08.02.03-2	Séries Temporais
3.03.03.01-0	Conformação Mecânica	3.08.02.04-0	Teoria dos Grafos
3.03.03.02-8	Fundição		
3.03.03.03-6	Metalurgia de Po		
3.03.03.04-4	Recobrimentos		

3.03.03.05-2	Soldagem	3.08.02.05-9	Teoria dos Jogos
3.03.03.06-0	Trat. Térmicos, Mec. e Químicos	3.08.03.00-4	Engenharia do Produto
3.03.03.07-9	Usinagem	3.08.03.01-2	Ergonomia
3.03.04.00-8	Metalurgia Física	3.08.03.02-0	Metodol. de Projeto do Produto
3.03.04.01-6	Estrutura dos Metais e Ligas	3.08.03.03-9	Processos de Trabalho
3.03.04.02-4	Prop. Físicas dos Metais e Ligas	3.08.03.04-7	Gerência do Projeto e do Produto
3.03.04.03-2	Prop. Mec. dos Metais e Ligas	3.08.03.05-5	Desenvolvimento de Produto
3.03.04.04-0	Transformação de Fases	3.08.04.00-0	Engenharia Econômica
3.03.04.05-9	Corrosão	3.08.04.01-9	Estudo de Mercado
3.03.05.00-4	Materiais não Metálicos	3.08.04.02-7	Localização Industrial
3.03.05.01-2	Extração e Transf. de Materiais	3.08.04.03-5	Análise de Custos
3.03.05.02-0	Cerâmicos	3.08.04.04-3	Economia de Tecnologia
3.03.05.03-9	Mat. Conjugados não Metálicos	3.08.04.05-1	Vida Econ. dos Equipamentos
3.03.05.04-7	Polímeros, Aplicações	3.08.04.06-0	Avaliação de Projetos
3.04.00.00-7	Engenharia Elétrica	3.09.00.00-0	Engenharia Nuclear
3.04.01.00-3	Materiais Elétricos	3.09.01.00-6	Aplicações de Radioisótopos
3.04.01.01-1	Materiais Condutores	3.09.01.01-4	Produção de Radioisótopos
3.04.01.02-0	Mat. e Comp. Semicondutores	3.09.01.02-2	Aplic. Industriais de Radioisótopos
3.04.01.03-8	Mat. e Dispos. Supercondutores	3.09.01.03-0	Instrum. p/ Méd. e Cont. de Rad.
3.04.01.04-6	Mat.. Dielétr., Piesoelét., Ferroelét.	3.09.02.00-2	Fusão Controlada
3.04.01.05-4	Mat.. e Comp. Eletroóticos e Magnetoóticos, Mat. Fotoelétricos	3.09.02.01-0	Proc. Ind. da Fusão Controlada
3.04.01.06-2	Mat. e Dispositivos Magnéticos	3.09.02.02-9	Prob. Tecnol. da Fusão Controlada
3.04.02.00-0	Medidas Elétricas, Magnéticas e Eletrônicas; Instrumentação	3.09.03.00-9	Combustível Nuclear
3.04.02.01-8	Medidas Elétricas	3.09.03.01-7	Extração de Combustível Nuclear
3.04.02.02-6	Medidas Magnéticas	3.09.03.02-5	Conversão, Enriquecimento e Fab. de Combustível Nuclear
3.04.02.03-4	Instrumentação Eletromecânica	3.09.03.03-3	Reproces. de Comb. Nuclear
3.04.02.04-2	Instrumentação Eletrônica	3.09.03.04-1	Rejeitos de Combustível Nuclear
3.04.02.05-0	Sist. Eletrôn. de Medida e Contr.	3.09.04.00-5	Tecnologia dos Reatores
3.04.03.00-6	Circuitos Eletr., Magn. e Eletrôn.	3.09.04.01-3	Núcleo do Reator
3.04.03.01-4	Teoria Geral dos Circuitos Elétricos	3.09.04.02-1	Mat. Nuc. e Blindagem de Reatores
3.04.03.02-2	Circuitos Lineares e Não-Lineares	3.09.04.03-0	Transf. de Calor em Reatores
3.04.03.03-0	Circuitos Eletrônicos	3.09.04.04-8	Geração e Integração Com Sistemas Elétricos em Reatores
3.04.03.04-9	Circuitos Magnéticos, Magnetismos, Eletromagnetismo	3.09.04.05-6	Instrum. Op. e Cont. de Reatores
3.04.04.00-2	Sistemas Elétricos de Potência	3.09.04.06-4	Segurança, Localização e Licenciamento de Reatores
3.04.04.01-0	Geração da Energia Elétrica	3.09.04.07-2	Aspec. Econômicos de Reatores
3.04.04.02-9	Transmissão da Energia Elétrica, Distribuição da Energia Elétrica	3.10.00.00-2	Engenharia de Transportes
3.04.04.03-7	Conv. e Retificação da En. Elét.	3.10.01.00-9	Planejamento de Transportes
3.04.04.04-5	Medição, Controle, Correção e Prot. de Sist. Eletr. de Potência	3.10.01.01-7	Planej. e Org. do Sist. de Transp.
3.04.04.05-3	Máq. Elét. e Dispos. de Potência	3.10.01.02-5	Economia dos Transportes
3.04.04.06-1	Instal. Elétricas Prediais e Industriais	3.10.02.00-5	Veículos e Equip. de Controle
3.04.05.00-9	Eletrônica Ind., Sist. e Cont. Eletrôn.	3.10.02.01-3	Vias de Transporte
3.04.05.01-7	Eletrônica Industrial	3.10.02.02-1	Veículos de Transportes
3.04.05.02-5	Automação Eletrônica de Processos Elétricos e Industriais	3.10.02.03-0	Estação de Transporte
3.04.05.03-3	Cont. de Proces Eletrôn, Retroalim	3.10.02.04-8	Equip. Auxiliares e Controles
3.04.06.00-5	Telecomunicações	3.10.03.00-1	Operações de Transportes
3.04.06.01-3	Teoria Eletromagnética, Microondas, Propagação de Ondas, Antenas	3.10.03.01-0	Engenharia de Tráfego
3.04.06.02-1	Radionavegação e Radioastronomia	3.10.03.02-8	Capacidade de Vias de Transp.
3.04.06.03-0	Sistemas de Telecomunicações	3.10.03.03-6	Operação de Sist. de Transporte
		3.11.00.00-7	Engenharia Naval e Oceânica
		3.11.01.00-3	Hidrodin. de Navios e Sist. Ocean.
		3.11.01.01-1	Resistência Hidrodinâmica
		3.11.01.02-0	Propulsão de Navios
		3.11.02.00-0	Estruturas Navais e Oceânicas
		3.11.02.01-8	An. Teórica e Exp. de Estrutura Dinâmica Estrut. Naval e
		3.11.02.02-6	

3.05.00.00-1	Engenharia Mecânica		Oceânica
3.05.01.00-8	Fenômenos de Transporte	3.11.02.03-4	Síntese Estrutural Naval e Oceânica
3.05.01.01-6	Transferência de Calor		Máquinas Marítimas
3.05.01.02-4	Mecânica dos Fluidos	3.11.03.00-6	Análise de Sistemas Propulsores
3.05.01.03-2	Dinâmica dos Gases	3.11.03.01-4	Cont. e Autom. de Sist. Propuls.
3.05.01.04-0	Princ. Variacionais e Mét. Numéricos	3.11.03.02-2	Equip. Aux. do Sist. Propulsivo
		3.11.03.03-0	Motor de Propulsão
3.05.02.00-4	Engenharia Térmica	3.11.03.04-9	Proj. de Navios e de Sist. Oceânicos
3.05.02.01-2	Termodinâmica	3.11.04.00-2	Projetos de Navios
3.05.02.02-0	Controle Ambiental		Proj. de Sist. Oc. Fixos e Semi-Fix
3.05.02.03-9	Aproveitamento da Energia	3.11.04.01-0	Proj. de Embarc. Não-Convenc.
3.05.03.00-0	Mecânica dos Sólidos	3.11.04.02-9	Tecn. de Const. Naval e de Sist. Oc.
3.05.03.01-9	Mec. dos Corpos Sólidos, Elásticos e Plásticos	3.11.04.03-7	Mét. de Fab. de Navios e Sist. Oceân
3.05.03.02-7	Dinâmica dos Corpos Rígidos, Elásticos e Plásticos	3.11.05.00-9	Soldagem de Estrut. Navais e Oc.
3.05.03.03-5	Análise de Tensões	3.11.05.01-7	Custos de Construção Naval
3.05.03.04-3	Termoelasticidade		Norm. e Certif. de Qual. de Navios
3.05.04.00-7	Projetos de Máquinas	3.11.05.02-5	Engenharia Aeroespacial
3.05.04.01-5	Teoria dos Mecanismos	3.11.05.03-3	Aerodinâmica
3.05.04.02-3	Estática e Dinâmica Aplicada	3.11.05.04-1	Aerodin. de Aeronaves Espaciais
3.05.04.03-1	Elementos de Máquinas	3.12.00.00-1	Aerodin. Proc. Geofís. e Interplan.
3.05.04.04-0	Fund. Gerais de Proj. das Máq.	3.12.01.00-8	Dinâmica de Voo
3.05.04.05-8	Máquinas, Motores e Equip.	3.12.01.01-6	Trajcetórias e Órbitas
3.05.04.06-6	Mét. Sínt. e Otim. Aplic. ao Proj. Mec.	3.12.01.02-4	Estabilidade e Controle
		3.12.02.00-4	Estruturas Aeroespaciais
3.05.04.07-4	Controle de Sistemas Mecânicos	3.12.02.01-2	Aeroelasticidade
3.05.04.08-2	Aproveitamento de Energia	3.12.02.02-0	Fadiga
3.05.05.00-3	Processos de Fabricação	3.12.03.00-0	Proj. de Estruturas Aeroespaciais
3.05.05.01-1	Matrizes e Ferramentas	3.12.03.01-9	Mat. e Proc. Eng. Aeron. e Aeroesp.
3.05.05.02-0	Máq. de Usinagem e Conformação	3.12.03.02-7	Propulsão Aeroespacial
		3.12.03.03-5	Combustão e Escoamento com Reações Químicas
3.05.05.03-8	Controle Numérico	3.12.04.00-7	Propulsão de Foguetes
3.05.05.04-6	Robotização		Máquinas de Fluxo
3.05.05.05-4	Proc. de Fabric., Sel. Econômica	3.12.05.00-3	Motores Alternativos
3.06.00.00-6	Engenharia Química	3.12.05.01-1	Sistemas Aeroespaciais
3.06.01.00-2	Proc. Industriais de Eng. Química		Aviões
3.06.01.01-0	Processos Bioquímicos	3.12.05.02-0	Foguetes
3.06.01.02-9	Processos Orgânicos	3.12.05.03-8	Helicópteros
3.06.01.03-7	Processos Inorgânicos	3.12.05.04-6	Hovercraft
3.06.02.00-9	Op. Ind. e Equip. para Eng. Quím	3.12.06.00-0	Satélites e outros Dispos. Aeroesp.
3.06.02.01-7	Reatores Químicos	3.12.06.01-8	Normatização e Certificação de Qual. de Aeronaves e Compon.
3.06.02.02-5	Op. Características de Proc. Bioq.	3.12.06.02-6	Manut. de Sist. Aeroespaciais
3.06.02.03-3	Op. de Separação e Mistura	3.12.06.03-4	Engenharia Biomédica
3.06.03.00-5	Tecnologia Química	3.12.06.04-2	Bioengenharia
3.06.03.01-3	Balanços Globais de Matéria e En.	3.12.06.05-0	Proces. de Sinais Biológicos
3.06.03.02-1	Água	3.12.06.06-9	Mod. de Fenômenos Biológicos
3.06.03.03-0	Álcool		Modelagem de Sistemas Biológicos
3.06.03.04-8	Alimentos	3.12.06.07-7	Engenharia Médica
3.06.03.05-6	Borrachas	3.13.00.00-6	Biomat. e Mat. Biocompatíveis
3.06.03.06-4	Carvão	3.13.01.00-2	Transdutores para Aplic. Bioméd.
3.06.03.07-2	Cerâmica	3.13.01.01-0	Instrum. Odontol. e Médico-Hosp.
3.06.03.08-0	Cimento	3.13.01.02-9	Tecnologia de Próteses
3.06.03.09-9	Couro	3.13.01.03-7	
3.06.03.10-2	Detergentes		
3.06.03.11-0	Fertilizantes	3.13.02.00-9	
3.06.03.12-9	Medicamentos	3.13.02.01-7	
3.06.03.13-7	Metais não-Ferrosos	3.13.02.02-5	
3.06.03.14-5	Óleos	3.13.02.03-3	
3.06.03.15-3	Papel e Celulose	3.13.02.04-1	



## 4. Ciências da Saúde

4.00.00.00-1	Ciências da Saúde	4.01.05.00-8	Anatomia Patológica e Patol. Clín.
4.01.00.00-6	Medicina	4.01.06.00-4	Radiologia Médica
4.01.01.00-2	Clínica Médica	4.01.07.00-0	Medicina Legal e Deontologia
4.01.01.01-0	Angiologia	4.02.00.00-0	Odontologia
4.01.01.02-9	Dermatologia	4.02.01.00-7	Clínica Odontológica
4.01.01.03-7	Alergologia e Imunologia Clínica	4.02.02.00-3	Cirurgia Buco-Maxilo-Facial
4.01.01.04-5	Cancerologia	4.02.03.00-0	Ortodontia
4.01.01.05-3	Hematologia	4.02.04.00-6	Odontopediatria
4.01.01.06-1	Endocrinologia	4.02.05.00-2	Periodontia
4.01.01.07-0	Neurologia	4.02.06.00-9	Endodontia
4.01.01.08-8	Pediatria	4.02.07.00-5	Radiologia Odontológica
4.01.01.09-6	Doenças Infec. e Parasitárias	4.02.08.00-1	Odontologia Social e Preventiva
4.01.01.10-0	Cardiologia	4.02.09.00-8	Materiais Odontológicos
4.01.01.11-8	Gastroenterologia	4.03.00.00-5	Farmácia
4.01.01.12-6	Pneumologia	4.03.01.00-1	Farmacotecnia
4.01.01.13-4	Nefrologia	4.03.02.00-8	Farmacognosia
4.01.01.14-2	Reumatologia	4.03.03.00-4	Análise Toxicológica
4.01.01.15-0	Ginecologia e Obstetrícia	4.03.04.00-0	Anál. e Controle e Medicamentos
4.01.01.16-9	Fisiatria	4.03.05.00-7	Bromatologia
4.01.01.17-7	Oftalmologia	4.04.00.00-0	Enfermagem
4.01.01.18-6	Ortopedia	4.04.01.00-6	Enfermagem Médico-Cirúrgica
4.01.02.00-9	Cirurgia	4.04.02.00-2	Enfermagem Obstétrica
4.01.02.01-7	Cirurgia Plástica e Restauradora	4.04.03.00-9	Enfermagem Pediátrica
4.01.02.02-5	Cirurgia Otorrinolaringológica	4.04.04.00-5	Enfermagem Psiquiátrica
4.01.02.03-3	Cirurgia Oftalmológica	4.04.05.00-1	Enf. de Doenças Contagiosas
4.01.02.04-1	Cirurgia Cardiovascular	4.04.06.00-8	Enfermagem de Saúde Pública
4.01.02.05-0	Cirurgia Torácica	4.05.00.00-4	Nutrição
4.01.02.06-8	Cirurgia Gastroenterologia	4.05.01.00-0	Bioquímica da Nutrição
4.01.02.07-6	Cirurgia Pediátrica	4.05.02.00-7	Dietética
4.01.02.08-4	Neurocirurgia	4.05.03.00-3	Análise Nutricional de População
4.01.02.09-2	Cirurgia Urológica	4.05.04.00-0	Desnutrição e Desenv. Fisiológico
4.01.02.10-6	Cirurgia Proctológica	4.06.00.00-9	Saúde Coletiva
4.01.02.11-4	Cirurgia Ortopédica	4.06.01.00-5	Epidemiologia
4.01.02.12-2	Cirurgia Traumatológica	4.06.02.00-1	Saúde Pública
4.01.02.13-0	Anestesiologia	4.06.03.00-8	Medicina Preventiva
4.01.02.14-9	Cirurgia Experimental	4.07.00.00-3	Fonoaudiologia
4.01.03.00-5	Saúde Materno-Infantil	4.08.00.00-8	Fisioterapia e Ter. Ocupacional
4.01.04.00-1	Psiquiatria	4.09.00.00-2	Educação Física

## 5. Ciências Agrárias

5.00.00.00-4	Ciências Agrárias	5.04.00.00-2	Zootecnia
5.01.00.00-9	Agronomia	5.04.01.00-9	Ecol. Animais Dom. e Etologia
5.01.01.00-5	Ciência do Solo	5.04.02.00-5	Gen. e Melhor. dos Animais Dom.
5.01.01.01-3	Gênese, Morfol. e Clas. de Solos	5.04.03.00-1	Nutrição e Alimentação Animal
5.01.01.02-1	Física do Solo	5.04.03.01-0	Exig. Nutricionais dos Animais
5.01.01.03-0	Química do Solo	5.04.03.02-8	Aval. de Alimentos para Animais
5.01.01.04-8	Microbiol. e Bioquímica do Solo	5.04.03.03-6	Conserv. de Alim. para Animais
5.01.01.05-6	Fertilidade do Solo e Adubação	5.04.04.00-8	Pastagem e Forragicultura
5.01.01.06-4	Manejo e Conservação do Solo	5.04.04.01-6	Aval., Prod. e Cons. de Forragens
5.01.02.00-1	Fitossanidade	5.04.04.02-4	Manejo e Conserv. de Pastagens
5.01.02.01-0	Fitopatologia	5.04.04.03-2	Fisiologia de Plantas Forrageiras
5.01.02.02-8	Entomologia Agrícola	5.04.04.04-0	Melhoramento de Plantas Forrageiras e Prod. de Sementes
5.01.02.03-6	Parasitologia Agrícola	5.04.04.05-9	Toxicologia e Plantas Tóxicas
5.01.02.04-4	Microbiologia Agrícola	5.04.05.00-4	Produção Animal
5.01.02.05-2	Defesa Fitossanitária	5.04.05.01-2	Criação de Animais
5.01.03.00-8	Fitotecnia	5.04.05.02-0	Manejo de Animais
5.01.03.01-6	Manejo e Tratos Culturais	5.04.05.03-9	Instalações para Produção Animal
5.01.03.02-4	Mecanização Agrícola	5.05.00.00-7	Medicina Veterinária
5.01.03.03-2	Prod. e Benef. de Sementes		

5.01.03.04-0	Produção de Mudanças	5.05.01.00-3	Clínica e Cirurgia Animal
5.01.03.05-9	Melhoramento Vegetal	5.05.01.01-1	Anestesiologia Animal
5.01.03.06-7	Fisiologia de Plantas Cultivadas	5.05.01.02-0	Técnica Cirúrgica Animal
5.01.03.07-5	Matologia	5.05.01.03-8	Radiologia de Animais
5.01.04.00-4	Floricultura, Parques e Jardins	5.05.01.04-6	Farmacol. e Terapêutica Animal
5.01.04.01-2	Floricultura	5.05.01.05-4	Obstetrícia Animal
5.01.04.02-0	Parques e Jardins	5.05.01.06-2	Clínica Veterinária
5.01.04.03-9	Arborização de Vias Públicas	5.05.01.07-0	Clínica Cirúrgica Animal
5.01.05.00-0	Agrometeorologia	5.05.01.08-9	Toxicologia Animal
5.01.06.00-7	Extensão Rural	5.05.02.00-0	Medicina Veterinária Preventiva
5.02.00.00-3	Rec. Florestais e Eng. Florestal	5.05.02.01-8	Epidemiologia Animal
5.02.01.00-0	Silvicultura	5.05.02.02-6	San. Aplicado à Saúde do Homem
5.02.01.01-8	Dendrologia	5.05.02.03-4	Doenças Infecciosas de Animais
5.02.01.02-6	Florestamento e Reflorestamento	5.05.02.04-2	Doenças Parasitárias de Animais
5.02.01.03-4	Genét. e Melhoramento Florestal	5.05.02.05-0	Saúde Animal (Prog. Sanitários)
5.02.01.04-2	Sementes Florestais	5.05.03.00-6	Patologia Animal
5.02.01.05-0	Nutrição Florestal	5.05.03.01-4	Patologia Aviária
5.02.01.06-9	Fisiologia Florestal	5.05.03.02-2	Anatomia Patologia Animal
5.02.01.07-7	Solos Florestais	5.05.03.03-0	Patologia Clínica Animal
5.02.01.08-5	Proteção Florestal	5.05.04.00-2	Reprodução Animal
5.02.02.00-6	Manejo Florestal	5.05.04.01-0	Ginecologia e Andrologia Animal
5.02.02.01-4	Economia Florestal	5.05.04.02-9	Inseminação Artificial Animal
5.02.02.02-2	Política e Legislação Florestal	5.05.04.03-7	Fisiopatologia da Reprod. Animal
5.02.02.03-0	Administração Florestal	5.05.05.00-9	Insp. de Prod. de Origem Animal
5.02.02.04-9	Dendrometria e Inventário Florestal	5.06.00.00-1	Rec. Pesqueiros e Eng. de Pesca
5.02.02.05-7	Fotointerpretação Florestal	5.06.01.00-8	Recursos Pesqueiros Marinhos
5.02.02.06-5	Ordenamento Florestal	5.06.01.01-6	Fatores Abióticos do Mar
5.02.03.00-2	Técnicas e Operações Florestais	5.06.01.02-4	Aval. de Est. Pesqueiros Marinhos
5.02.03.01-0	Exploração Florestal	5.06.01.03-2	Exploração Pesqueira Marinha
5.02.03.02-9	Mecanização Florestal	5.06.01.04-0	Man. e Cons. de Rec. Pesq. Mar.
5.02.04.00-9	Tecnol. e Utiliz. de Prod. Flor.	5.06.02.00-4	Rec. Pesq. de Águas Interiores
5.02.04.01-7	Anat. e Identif. Prod. Florestais	5.06.02.01-2	Fatores Abiót. de Águas Interiores
5.02.04.02-5	Prop. Físico-Mec. da Madeira	5.06.02.02-0	Aval. de Est. Pesq. de Águas Int.
5.02.04.03-3	Relações Água-Madeira e Secagem	5.06.02.03-9	Expl. Pesqueira de Águas Interiores
5.02.04.04-1	Tratamento da Madeira	5.06.02.04-7	Manejo e Cons. de Rec. Pesqueiros de Águas Interiores
5.02.04.05-0	Proces. Mecânico da Madeira	5.06.03.00-0	Aqüicultura
5.02.04.06-8	Química da Madeira	5.06.03.01-9	Maricultura
5.02.04.07-6	Resinas de Madeiras	5.06.03.02-7	Carcinocultura
5.02.04.08-4	Tecnologia de Celulose e Papel	5.06.03.03-5	Ostrecultura
5.02.04.09-2	Tecnologia de Chapas	5.06.03.04-3	Piscicultura
5.02.05.00-5	Conservação da Natureza	5.06.04.00-7	Engenharia de Pesca
5.02.05.01-3	Hidrologia Florestal	5.07.00.00-6	Ciência e Tecnologia de Alimentos
5.02.05.02-1	Conservação de Áreas Silvestres	5.07.01.00-2	Ciência de Alimentos
5.02.05.03-0	Conserv. de Bacias Hidrográficas	5.07.01.01-0	Valor Nutritivo de Alimentos
5.02.05.04-8	Recup. de Áreas Degradadas	5.07.01.02-9	Quím., Fís., Físico-Quím. e Bioq. dos Alim. e das Mat.-Primas
5.02.06.00-1	Energia de Biomassa Florestal	5.07.01.03-7	Microbiologia de Alimentos
5.03.00.00-8	Engenharia Agrícola	5.07.01.04-5	Fisiologia Pós-Colheita
5.03.01.00-4	Máq. e Implementos Agrícolas	5.07.01.05-3	Tox. e Res. Pesticidas em Alim.
5.03.02.00-0	Engenharia de Água e Solo	5.07.01.06-1	Aval. e Cont. de Qual. de Alim.
5.03.02.01-9	Irrigação e Drenagem	5.07.01.07-0	Padrões, Leg. e Fiscal. de Alim.
5.03.02.02-7	Conservação de Solo e Água	5.07.02.00-9	Tecnologia de Alimentos
5.03.03.00-7	Eng. de Proces. de Prod. Agrícolas	5.07.02.01-7	Tecn. de Prod. de Origem Animal
5.03.03.01-5	Pré-Proces. de Prod. Agrícolas	5.07.02.02-5	Tecn. de Prod. de Origem Vegetal
5.03.03.02-3	Armaz. de Prod. Agrícolas	5.07.02.03-3	Tecnologia das Bebidas
5.03.03.03-1	Transf. de Produtos Agrícolas	5.07.02.04-1	Tecn. de Alim. Dietéticos e Nutric.
5.03.04.00-3	Construções Rurais e Ambiente	5.07.02.05-0	Aproveitamento de Subprodutos
5.03.04.01-1	Assentamento Rural	5.07.02.06-8	Embalagens de Prod. Alimentares

5.03.04.02-0	Eng. de Construções Rurais	5.07.03.00-5	Engenharia de Alimentos
5.03.04.03-8	Saneamento Rural	5.07.03.01-3	Instal. Ind. de Prod. de Alimentos
5.03.05.00-0	Energização Rural	5.07.03.02-1	Armazenamento de Alimentos
6. Ciências Sociais Aplicadas			
6.00.00.00-7	Ciências Sociais Aplicadas	6.04.02.01-6	Planej. e Proj. da Edificação
6.01.00.00-1	Direito	6.04.02.02-4	Planej. e Proj. do Espaço Urbano
6.01.01.00-8	Teoria do Direito	6.04.02.03-2	Planej. e Projeto do Equipamento
6.01.01.01-6	Teoria Geral do Direito	6.04.03.00-4	Tecnol. de Arquit. e Urbanismo
6.01.01.02-4	Teoria Geral do Processo	6.04.03.01-2	Adequação Ambiental
6.01.01.03-2	Teoria do Estado	6.04.04.00-0	Paisagismo
6.01.01.04-0	História do Direito	6.04.04.01-9	Desenv. Histórico do Paisagismo
6.01.01.05-9	Filosofia do Direito	6.04.04.02-7	Conceituação de Paisagismo e Metodologia do Paisagismo
6.01.01.06-7	Lógica Jurídica	6.04.04.03-5	Est. de Org. do Espaço Exterior
6.01.01.07-5	Sociologia Jurídica	6.04.04.04-3	Proj. de Espaços Livres Urbanos
6.01.01.08-3	Antropologia Jurídica	6.05.00.00-0	Planejamento Urbano e Regional
6.01.02.00-4	Direito Público	6.05.01.00-6	Fund. do Planej. Urb. e Regional
6.01.02.01-2	Direito Tributário	6.05.01.01-4	Teoria do Planej. Urb. e Regional
6.01.02.02-0	Direito Penal	6.05.01.02-2	Teoria da Urbanização
6.01.02.03-9	Direito Processual Penal	6.05.01.03-0	Política Urbana
6.01.02.04-7	Direito Processual Civil	6.05.01.04-9	História Urbana
6.01.02.05-5	Direito Constitucional	6.05.02.00-2	Mét. e Téc. do Planej. Urb. e Reg.
6.01.02.06-3	Direito Administrativo	6.05.02.01-0	Inform., Cadastro e Mapeamento
6.01.02.07-1	Direito Internacional Público	6.05.02.02-9	Téc. de Previsão Urb. e Regional
6.01.03.00-0	Direito Privado	6.05.02.03-7	Téc. de Anal. e Aval. Urb. e Reg.
6.01.03.01-9	Direito Civil	6.05.02.04-5	Téc. de Planej. e Proj. Urb. e Reg.
6.01.03.02-7	Direito Comercial	6.05.03.00-9	Serviços Urbanos e Regionais
6.01.03.03-5	Direito do Trabalho	6.05.03.01-7	Administração Municipal e Urbana
6.01.03.04-3	Direito Internacional Privado	6.05.03.02-5	Estudos da Habitação
6.01.04.00-7	Direitos Especiais	6.05.03.03-3	Asp. Soc. do Planej. Urb. e Reg.
6.02.00.00-6	Administração	6.05.03.04-1	Asp. Econ. do Planej. Urb. e Reg.
6.02.01.00-2	Administração de Empresas	6.05.03.05-0	Aspectos Físico-Ambientais do Planejamento Urbano e Regional
6.02.01.01-0	Administração da Produção	6.05.03.06-8	Serviços Comunitários
6.02.01.02-9	Administração Financeira	6.05.03.07-6	Infra-Estruturas Urb. e Regionais
6.02.01.03-7	Mercadologia	6.05.03.08-4	Transp. e Tráfego Urb. e Regional
6.02.01.04-5	Negócios Internacionais	6.05.03.09-2	Legislação Urbana e Regional
6.02.01.05-3	Adm. de Recursos Humanos	6.06.00.00-4	Demografia
6.02.02.00-9	Administração Pública	6.06.01.00-0	Distribuição Espacial
6.02.02.01-7	Contabilidade e Finanças Públicas	6.06.01.01-9	Distribuição Espacial Geral
6.02.02.02-5	Organizações Públicas	6.06.01.02-7	Distribuição Espacial Urbana
6.02.02.03-3	Política e Planej. Governamentais	6.06.01.03-5	Distribuição Espacial Rural
6.02.02.04-1	Administração de Pessoal	6.06.02.00-7	Tendência Populacional
6.02.03.00-5	Admi. de Setores Específicos	6.06.02.01-5	Tendências Passadas
6.02.04.00-1	Ciências Contábeis	6.06.02.02-3	Taxas e Estimativas Correntes
6.03.00.00-0	Economia	6.06.02.03-1	Projeções
6.03.01.00-7	Teoria Econômica	6.06.03.00-3	Comp. da Dinâmica Demográfica
6.03.01.01-5	Economia Geral	6.06.03.01-1	Fecundidade
6.03.01.02-3	Teoria Geral da Economia	6.06.03.02-0	Mortalidade
6.03.01.03-1	Hist. do Pensamento Econômico	6.06.03.03-8	Migração
6.03.01.04-0	História Econômica	6.06.04.00-0	Nupcialidade e Família
6.03.01.05-8	Sistemas Econômicos	6.06.04.01-8	Casamento e Divórcio
6.03.02.00-3	Mét. Quantitativos em Economia	6.06.04.02-6	Família e Reprodução
6.03.02.01-1	Métodos e Modelos Matemáticos, Econométricos e Estatísticos	6.06.05.00-6	Demografia Histórica
6.03.02.02-0	Estatística Sócio-Econômica	6.06.05.01-4	Distribuição Espacial
6.03.02.03-8	Contabilidade Nacional	6.06.05.02-2	Natalidade, Mortalidade, Migração
6.03.02.04-6	Economia Matemática	6.06.05.03-0	Nupcialidade e Família
6.03.03.00-0	Economia Monetária e Fiscal	6.06.05.04-9	Mét. e Téc. de Demog. Histórica
6.03.03.01-8	Teoria Monetária e Financeira	6.06.06.00-2	Política Pública e População
6.03.03.02-6	Inst. Monet. e Financ. do Brasil	6.06.06.01-0	Política Populacional
6.03.03.03-4	Finanças Públicas Internas		

6.03.03.04-2	Política Fiscal do Brasil	6.06.06.02-9	Pol. de Redist. de População
6.03.04.00-6	Crescimento, Flutuações e Planejamento Econômico	6.06.06.03-7	Políticas de Planej. Familiar
6.03.04.01-4	Cresc. e Desenv. Econômico	6.06.07.00-9	Fontes de Dados Demográficos
6.03.04.02-2	Teoria e Pol. de Planej. Econ.	6.07.00.00-9	Ciência da Informação
6.03.04.03-0	Flutuações Cíclicas e Proj. Econ.	6.07.01.00-5	Teoria da Informação
6.03.04.04-9	Inflação	6.07.01.01-3	Teoria Geral da Informação
6.03.05.00-2	Economia Internacional	6.07.01.02-1	Processos da Comunicação
6.03.05.01-0	Teoria do Comércio Internacional	6.07.01.03-0	Representação da Informação
6.03.05.02-9	Relações do Comércio; Política Comercial; Integração Econômica	6.07.02.00-1	Biblioteconomia
6.03.05.03-7	Balanço de Pagamentos; Finanças Internacionais	6.07.02.01-0	Teoria da Classificação
6.03.05.04-5	Invest. Intern. e Ajuda Externa	6.07.02.02-8	Mét. Quantitativos. Bibliometria
6.03.06.00-9	Economia dos Recursos Humanos	6.07.02.03-6	Téc. de Recup. de Informação
6.03.06.01-7	Trein. e Alloc. de Mão-de-Obra; Of. de Mão-de-Obra e Força de Trab.	6.07.02.04-4	Proces. de Dissem. da Inf.
6.03.06.02-5	Mercado de Trab.; Pol. do Gov.	6.07.03.00-8	Arquivologia
6.03.06.03-3	Sind., Diss. Col., Rel. de Emprego (Empregador/Empregado)	6.07.03.01-6	Organização de Arquivos
6.03.06.04-1	Capital Humano	6.08.00.00-3	Museologia
6.03.06.05-0	Demografia Econômica	6.09.00.00-8	Comunicação
6.03.07.00-5	Economia Industrial	6.09.01.00-4	Teoria da Comunicação
6.03.07.01-3	Org. Industrial e Estudos Ind.	6.09.02.00-0	Jornalismo e Editoração
6.03.07.02-1	Mudança Tecnológica	6.09.02.01-9	Teoria e Ética do Jornalismo
6.03.08.00-1	Economia do Bem-Estar Social	6.09.02.02-7	Organização Editorial de Jornais
6.03.08.01-0	Econ. Prog. de Bem-Estar Social	6.09.02.03-5	Org. Comercial de Jornais
6.03.08.02-8	Economia do Consumidor	6.09.02.04-3	Jornalismo Especializado (Rural, Com., Empres., Cient.)
6.03.09.00-8	Economia Regional e Urbana	6.09.03.00-7	Rádio e Televisão
6.03.09.01-6	Economia Regional	6.09.03.01-5	Radiodifusão
6.03.09.02-4	Economia Urbana	6.09.03.02-3	Videodifusão
6.03.09.03-2	Renda e Tributação	6.09.04.00-3	Relações Públicas e Propaganda
6.03.10.00-6	Econ. Agrária e dos Rec. Nat.	6.09.05.00-0	Comunicação Visual
6.03.10.01-4	Economia Agrária	6.10.00.00-0	Serviço Social
6.03.10.02-2	Economia dos Recursos Naturais	6.10.01.00-7	Fundamentos do Serviço Social
6.04.00.00-5	Arquitetura e Urbanismo	6.10.02.00-3	Serviço Social Aplicado
6.04.01.00-1	Fund. de Arquitetura e Urbanismo	6.10.02.01-1	Serviço Social do Trabalho
6.04.01.01-0	Hist. da Arquitetura e Urbanismo	6.10.02.02-0	Serviço Social da Educação
6.04.01.02-8	Teoria da Arquitetura	6.10.02.03-8	Serviço Social do Menor
6.04.01.03-6	História do Urbanismo	6.10.02.04-6	Serviço Social da Saúde
6.04.01.04-4	Teoria do Urbanismo	6.10.02.05-4	Serviço Social da Habitação
6.04.02.00-8	Proj. de Arquitetura e Urbanismo	6.11.00.00-5	Economia Doméstica
		6.12.00.00-0	Desenho Industrial
		6.12.01.00-6	Programação Visual
		6.12.02.00-2	Desenho de Produto
		6.13.00.00-4	Turismo
7. Ciências Humanas			
7.00.00.00-0	Ciências Humanas	7.07.07.02-2	Desenv. Social e da Personal.
7.01.00.00-4	Filosofia	7.07.08.00-2	Psicologia do Ens. e da Aprendiz.
7.01.01.00-0	História da Filosofia	7.07.08.01-0	Planejamento Institucional
7.01.02.00-7	Metafísica	7.07.08.02-9	Prog. de Condições de Ensino
7.01.03.00-3	Lógica	7.07.08.03-7	Treinamento de Pessoal
7.01.04.00-0	Ética	7.07.08.04-5	Aprendiz. e Desemp. Acadêmicos
7.01.05.00-6	Epistemologia	7.07.08.05-3	Ens. e Aprendiz. na Sala de Aula
7.01.06.00-2	Filosofia Brasileira	7.07.09.00-9	Psicol. do Trab. e Organizacional
7.02.00.00-9	Sociologia	7.07.09.01-7	Análise Institucional
7.02.01.00-5	Fundamentos da Sociologia	7.07.09.02-5	Recrut. e Seleção de Pessoal
7.02.01.01-3	Teoria Sociológica	7.07.09.03-3	Treinamento e Avaliação
7.02.01.02-1	História da Sociologia	7.07.09.04-1	Fatores Humanos no Trabalho
7.02.02.00-1	Sociologia do Conhecimento	7.07.09.05-0	Planej. Amb. e Comport. Humano
7.02.03.00-8	Sociologia do Desenvolvimento	7.07.10.00-7	Trat. e Prevenção Psicológica
7.02.04.00-4	Sociologia Urbana	7.07.10.01-5	Intervenção Terapêutica
7.02.05.00-0	Sociologia Rural	7.07.10.02-3	Prog. de Atendimento Comunitário

7.02.06.00-7	Sociologia da Saúde	7.07.10.03-1	Treinamento e Reabilitação
7.02.07.00-3	Outras Sociologias Específicas	7.07.10.04-0	Desvios da Conduta
7.03.00.00-3	Antropologia	7.07.10.05-8	Distúrbios da Linguagem
7.03.01.00-0	Teoria Antropológica	7.07.10.06-6	Distúrbios Psicossomáticos
7.03.02.00-6	Etnologia Indígena	7.08.00.00-6	Educação
7.03.03.00-2	Antropologia Urbana	7.08.01.00-2	Fundamentos da Educação
7.03.04.00-9	Antropologia Rural	7.08.01.01-0	Filosofia da Educação
7.03.05.00-5	Antropol. das Pop. Afro-Brasileiras	7.08.01.02-9	História da Educação
7.04.00.00-8	Arqueologia	7.08.01.03-7	Sociologia da Educação
7.04.01.00-4	Teoria e Método em Arqueologia	7.08.01.04-5	Antropologia Educacional
7.04.02.00-0	Arqueologia Pré-Histórica	7.08.01.05-3	Economia da Educação
7.04.03.00-7	Arqueologia Histórica	7.08.01.06-1	Psicologia Educacional
7.05.00.00-2	História	7.08.02.00-9	Administração Educacional
7.05.01.00-9	Teoria e Filosofia da História	7.08.02.01-7	Adm. de Sistemas Educacionais
7.05.02.00-5	História Antiga e Medieval	7.08.02.02-5	Adm. de Unidades Educativas
7.05.03.00-1	História Moderna e Contemporânea	7.08.03.00-5	Planej. e Avaliação Educacional
7.05.04.00-8	História da América	7.08.03.01-3	Política Educacional
7.05.04.01-6	História dos Estados Unidos	7.08.03.02-1	Planejamento Educacional
7.05.04.02-4	História Latino-Americana	7.08.03.03-0	Avaliação de Sist., Instituições, Planos e Programas Educacionais
7.05.05.00-4	História do Brasil	7.08.04.00-1	Ensino-Aprendizagem
7.05.05.01-2	História do Brasil Colônia	7.08.04.01-0	Teorias da Instrução
7.05.05.02-0	História do Brasil Império	7.08.04.02-8	Métodos e Técnicas de Ensino
7.05.05.03-9	História do Brasil República	7.08.04.03-6	Tecnologia Educacional
7.05.05.04-7	História Regional do Brasil	7.08.04.04-4	Avaliação da Aprendizagem
7.05.06.00-0	História das Ciências	7.08.05.00-8	Currículo
7.06.00.00-7	Geografia	7.08.05.01-6	Teor. Ger. Planej. e Desenv. Curr.
7.06.01.00-3	Geografia Humana	7.08.05.02-4	Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação
7.06.01.01-1	Geografia da População	7.08.06.00-4	Orientação e Aconselhamento
7.06.01.02-0	Geografia Agrária	7.08.06.01-2	Orientação Educacional
7.06.01.03-8	Geografia Urbana	7.08.06.02-0	Orientação Vocacional
7.06.01.04-6	Geografia Econômica	7.08.07.00-0	Tópicos Específicos de Educação
7.06.01.05-4	Geografia Política	7.08.07.01-9	Educação de Adultos
7.06.02.00-0	Geografia Regional	7.08.07.02-7	Educação Permanente
7.06.02.01-8	Teoria do Desenvol. Regional	7.08.07.03-5	Educação Rural
7.06.02.02-6	Regionalização	7.08.07.04-3	Educação em Periferias Urbanas
7.06.02.03-4	Análise Regional	7.08.07.05-1	Educação Especial
7.07.00.00-1	Psicologia	7.08.07.06-0	Educação Pré-Escolar
7.07.01.00-8	Fund. e Medidas da Psicologia	7.08.07.07-8	Ensino Profissionalizante
7.07.01.01-6	Hist., Teorias e Sist. em Psicologia	7.09.00.00-0	Ciência Política
7.07.01.02-4	Metodologia, Instrumentação e Equipamento em Psicologia	7.09.01.00-7	Teoria Política
7.07.01.03-2	Const. e Val. de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas	7.09.01.01-5	Teoria Política Clássica
7.07.01.04-0	Téc. de Proces. Estatístico, Matem. e Comput. em Psicologia	7.09.01.02-3	Teoria Política Medieval
7.07.02.00-4	Psicologia Experimental	7.09.01.03-1	Teoria Política Moderna
7.07.02.01-2	Processos Perceptuais e Motores	7.09.01.04-0	Teoria Política Contemporânea
7.07.02.02-0	Processos de Aprendizagem, Memória e Motivação	7.09.02.00-3	Estado e Governo
7.07.02.03-9	Processos Cognitivos e Atencionais	7.09.02.01-1	Estrutura e Transf. do Estado
7.07.02.04-7	Estados Subjetivos e Emoção	7.09.02.02-0	Sist. Govern. Comparados
7.07.03.00-0	Psicologia Fisiológica	7.09.02.03-8	Relações Intergovernamentais
7.07.03.01-9	Neurologia, Eletrofisiol. e Comport	7.09.02.04-6	Estudos do Poder Local
7.07.03.02-7	Processos Psico-Fisiológicos	7.09.02.05-4	Instituições Govern. Específicas
7.07.03.03-5	Estimulação Elétrica e com Drogas; Comportamento	7.09.03.00-0	Comportamento Político
7.07.03.04-3	Psicobiologia	7.09.03.01-8	Estudos Eleitorais e Partidos Pol.
		7.09.03.02-6	Atitude e Ideologias Políticas
		7.09.03.03-4	Conflitos e Coalizões Políticas
		7.09.03.04-2	Comportamento Legislativo
		7.09.03.05-0	Classes Soc. e Grupos de Int.
		7.09.04.00-6	Políticas Públicas
		7.09.04.01-4	Análise do Processo Decisório

7.07.04.00-7	Psicologia Comparativa	7.09.04.02-2	Análise Institucional
7.07.04.01-5	Estudos Naturalísticos do Comportamento Animal	7.09.04.03-0	Técnicas de Antecipação
7.07.04.02-3	Mecanismos Instintivos e Processos Sociais em Animais	7.09.05.00-2	Política Internacional
7.07.05.00-3	Psicologia Social	7.09.05.01-0	Política Externa do Brasil
7.07.05.01-1	Relações Interpessoais	7.09.05.02-9	Organizações Internacionais
7.07.05.02-0	Proc. Grupais e de Comunicação	7.09.05.03-7	Integ Intern, Conf, Guerra e Paz
7.07.05.03-8	Papéis e Estrut. Soc.; Indivíduo	7.09.05.04-5	Rel. Int., Bilaterais e Multilaterais
7.07.06.00-0	Psicologia Cognitiva	7.10.00.00-3	Teologia
7.07.07.00-6	Psicologia do Desenv. Humano	7.10.01.00-0	História da Teologia
7.07.07.01-4	Proc. Percept e Cogn.; Desenv.	7.10.02.00-6	Teologia Moral
8. Lingüística, Letras e Artes		7.10.03.00-2	Teologia Sistemática
8.00.00.00-2	Lingüística, Letras e Artes	7.10.04.00-9	Teologia Pastoral
8.01.00.00-7	Lingüística	8.03.02.03-3	Gravura
8.01.01.00-3	Teoria e Análise Lingüística	8.03.02.04-1	Escultura
8.01.02.00-0	Fisiologia da Linguagem	8.03.02.05-0	Cerâmica
8.01.03.00-6	Lingüística Histórica	8.03.02.06-8	Tecelagem
8.01.04.00-2	Sociolingüística e Dialetoлогия	8.03.03.00-5	Música
8.01.05.00-9	Psicolingüística	8.03.03.01-3	Regência
8.01.06.00-5	Lingüística Aplicada	8.03.03.02-1	Instrumentação Musical
8.02.00.00-1	Letras	8.03.03.03-0	Composição Musical
8.02.01.00-8	Língua Portuguesa	8.03.03.04-8	Canto
8.02.02.00-4	Línguas Estrangeiras Modernas	8.03.04.00-1	Dança
8.02.03.00-0	Línguas Clássicas	8.03.04.01-0	Execução da Dança
8.02.04.00-7	Línguas Indígenas	8.03.04.02-8	Coreografia
8.02.05.00-3	Teoria Literária	8.03.05.00-8	Teatro
8.02.06.00-0	Literatura Brasileira	8.03.05.01-6	Dramaturgia
8.02.07.00-6	Outras Literaturas Vernáculas	8.03.05.02-4	Direção Teatral
8.02.08.00-2	Literaturas Estrang. Modernas	8.03.05.03-2	Cenografia
8.02.09.00-9	Literaturas Clássicas	8.03.05.04-0	Interpretação Teatral
8.02.10.00-7	Literatura Comparada	8.03.06.00-4	Ópera
8.03.00.00-6	Artes	8.03.07.00-0	Fotografia
8.03.01.00-2	Fundamentos e Crítica das Artes	8.03.08.00-7	Cinema
8.03.01.01-0	Teoria da Arte	8.03.08.01-5	Administração e Prod. de Filmes
8.03.01.02-9	História da Arte	8.03.08.02-3	Roteiro e Dir. Cinematográficos
8.03.01.03-7	Crítica da Arte	8.03.08.03-1	Téc. de Reg. e Proces. de Filmes
8.03.02.00-9	Artes Plásticas	8.03.08.04-0	Interpretação Cinematográfica
8.03.02.01-7	Pintura	8.03.09.00-3	Artes do Vídeo
8.03.02.02-5	Desenho	8.03.10.00-1	Educação Artística
9. Outros			
92600000	Bioética	92400000	Defesa
92700004	Ciências Ambientais	92800009	Divulgação Científica

Disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>> Acesso em: 13 fev 2008.